

Celso Niskier

A educação não pode

parar

PREFÁCIO DE JANGUIÊ DINIZ



ABMES
EDITORA

Celso Niskier

A educação não pode

parar

PREFÁCIO DE JANGUIÊ DINIZ



ABMES
EDITORA



Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior

SHN Quadra 01, Bloco F, Entrada A, Conjunto A, 9º andar

Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF

CEP: 70.701-060 - Telefone: (61) 3322-3252

www.abmes.org.br | editora@abmes.org.br

Presidência

Diretor Presidente

Celso Niskier

Vice-Presidentes

Daniel Faccini Castanho

Débora Brettas Andrade Guerra

José Janguiê Bezerra Diniz

Colegiado da Presidência

Carlos Joel Pereira

Custódio Filipe de Jesus Pereira

Eduardo Parente Menezes

Eduardo Storopoli

Getúlio Américo Moreira Lopes

Nélio Luiz Pereira Júnior

Saumíneo da Silva Nascimento

Renato Padovese

Tales de Sá Cavalcante

Wilson de Matos Silva

Suplentes

Bruno Eizerik

Carmem Murara

João Rodrigues Sampaio Neto

José Lima de Carvalho Rocha

Tereza Cristina Rodrigues da Cunha

Conselho Fiscal

Eliziário Pereira Rezende

Iure Borges Andrade

Maria Antonieta Alves Chiappetta

Maria Eliza de Aguiar e Silva

Paulo Antonio de Azevedo Lima

Suplentes

Géza Németh

Marcelo Antônio Fuster Soler

Diretoria Executiva

Diretor-Geral

José Wilson dos Santos

Vice-Diretor-Geral

Thiago Rodrigues Pêgas

Diretor Administrativo

Paulo Muniz Lopes

Diretor Técnico

Ryon Cassio Braga

Diretor Executivo

Sólton Hormidas Caldas

Sólton Hormidas Caldas

Conselho de Administração

Presidente

José Janguiê Bezerra Diniz

Membros Natos

Candido Mendes de Almeida

Édson Pinheiro de Souza Franco

Membros Titulares

Antonio Carbonari Netto

Antonio Colaço Martins

Eduardo Soares de Oliveira

Hiran Costa Rabelo

Jânnyo Janguiê Bezerra Diniz

Paulo Cesar Chanan Silva

Suplentes

Arthur Sperandéo de Macedo

Átila Melo Lira

Rosa Maria D'Amato De Déa

Therezinha Cunha

Valdir José Lanza

Coordenação de Comunicação

Camila Griguc

Letícia Nobre

Organização e Pesquisa de Texto

Ana Flávia Flôres

Projeto Gráfico

ABMES

Capa e diagramação

Gherald George

N724 A educação não pode parar: coletânea de artigos / Celso Niskier. – Brasília : ABMES Editora, 2021.

286 p. ; 23,8 cm

Início: 2021

ISBN 978-65-993391-2-7

1. Ensino superior. 2. Artigos. - I. ABMES. II. Título : A educação não pode parar. III. Niskier, Celso. IV. ABMES Editora.

CDU 378.81(045)

Em homenagem às mulheres educadoras, dedico esse livro à minha mãe Ruth, à minha esposa Andréa e às minhas amadas filhas Giovanna e Gabriela. No convívio com elas, todos os dias são de intensa aprendizagem

Prefácio

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. A frase cunhada pelo educador brasileiro Paulo Freire, em sua Terceira Carta Pedagógica, traz em si a essência da educação: transformar. É por meio dela que vidas, histórias e destinos são transformados, trajetórias ganham novos rumos e sonhos se tornam realidade. Trabalhar pela educação é como um sacerdócio, um propósito de vida que leva quem atua no setor a tocar vidas de formas tão belas.

Nessa perspectiva, e analisando o cenário educacional brasileiro, nota-se a falta que uma educação bem estruturada e devidamente valorizada faz a uma sociedade. Quando a infraestrutura educacional de um país não recebe a devida atenção, os resultados são os que vemos no Brasil. É preciso andar na contramão dessa imagem desoladora. É um pouco sobre isso, entre outros assuntos correlatos, que Celso Niskier fala neste livro.

Além de um grande amigo, ele é para mim inspiração e referência de empreendedor educacional. É bem verdade que sua ideia inicial não era enveredar por essa área: graduado em Engenharia de Sistemas pela PUC-Rio, chegou a cursar doutorado em Inteligência Artificial e seguiria carreira de pesquisador. Quando o “DNA educador” que herdou de seu pai, Arnaldo Niskier, falou mais alto fundou a então Faculdade Carioca de Informática, hoje UniCarioca, da qual Celso é reitor.

De lá para cá, se desenvolveu como um grande gestor e expert em educação, bastante atuante e com voz ativa no setor. Tive o prazer de ter Celso como companheiro e vice-presidente em minha gestão à frente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Maior honra foi transmitir meu cargo a ele, que segue presidindo a entidade, trabalhando com muita dedicação pelo bem da Educação Superior no Brasil.

Em “A educação não pode parar”, Niskier traz uma série de artigos que escreveu e publicou no blog da ABMES e em veículos de imprensa nos últimos anos em que analisa diversos aspectos sobre a educação brasileira. Qualidade do ensino, práticas pedagógicas, questões gerenciais e governamentais são abordadas sob ótica desenvolvida e acurada por este grande gestor. Organizados em cinco grandes temas, os textos trazem um panorama dos caminhos percorridos pela educação brasileira em anos recentes, notadamente em 2020, em meio à pandemia da Covid-19 (que se arrasta até agora, ainda sem perspectivas reais de fim). Esse período, obscuro para o mundo como um todo, trouxe grandes e profundos impactos ao sistema educacional. Escolas fechadas, a necessidade urgente de implementar aulas remotas, os desafios de capacitar docentes para o novo formato de ensino. Foram inúmeras demandas que precisaram ser sanadas em um espaço curto de tempo. E o setor de educação superior privada, no qual eu e Celso atuamos, conseguiu responder satisfatoriamente.

Diz-se que crises também trazem oportunidades, e a pandemia mostrou que esta frase é de fato verdadeira. Diante de todo o problema causado pelo coronavírus, as instituições de ensino puderam – na verdade, foram obrigadas a – investir em sua transformação digital, adotando modelos modernos e tecnológicos de ensino e comunicação com seus alunos. Com

isso, evoluções que eram esperadas para alguns anos ocorreram em poucos meses. O ensino a distância (EAD) tornou-se realidade e provou seu valor, chegando a rincões do país antes isolados e fazendo com que a educação não parasse – apesar de todos os problemas enfrentados.

Particularmente, considero a educação elemento primordial no processo de desenvolvimento de qualquer nação. É impossível a um país sair de um estado de subdesenvolvimento para um estado de desenvolvimento se não passar pelo aperfeiçoamento educacional de seu povo. E isso só ocorre por meio de um investimento forte, real, eficaz e eficiente na educação, em seus diversos níveis e formatos. Quando disse, no começo, que a educação muda vidas, histórias e destinos, foi porque senti na pele esse efeito: nasci em família pobre e, por meio da educação, consegui me desenvolver e, mais tarde, empreender e obter certo sucesso na vida. Como fundador de um grupo educacional, também vi diversas outras vidas transformadas pelo conhecimento.

Vivemos na Sociedade da Informação e, nela, o conhecimento, ou capital intelectual, é considerado muito mais importante do que os recursos materiais como fator de desenvolvimento humano, inclusive tido como instrumento de poder. Sim, saber é poder. E é por isso que a educação não pode parar, como tão felizmente Celso Niskier nomeou seu novo livro.

Em meio a esse cenário de depressão econômica e desemprego deixado pelo coronavírus, é preciso devolver o poder ao povo, e não há melhor forma do que fornecer educação e conhecimento. Só assim veremos o Brasil reerguer-se e retomar seu lugar devido no contexto mundial. Desejo a você, leitor, que aproveite as próximas páginas e possa refletir sobre o imenso valor da educação na vida

da população. Ao amigo Celso, meus parabéns por ser um defensor tão dedicado do segmento do Ensino Superior no Brasil e colocar seu conhecimento e sua inteligência a serviço da sociedade.



Janguê Diniz – Fundador e Presidente do Conselho de Administração do Grupo Ser Educacional, Presidente do Instituto Êxito de Empreendedorismo, Vice-presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES).

Apresentação

Nas páginas deste livro está apresentada uma síntese despreziosa dos desafios, conquistas e pautas que marcaram a educação superior brasileira nos últimos anos.. A narrativa é apresentada por meio dos 100 artigos publicados por Celso Niskier no [ABMES Blog](#) entre 15 de abril de 2015 e 22 de março de 2021, com destaque aos veiculados a partir de maio de 2019, quando assumiu o cargo de diretor presidente da Associação e passou a colaborar semanalmente com o blog.

Com a linguagem acessível que lhe é peculiar, o professor Celso nos permite navegar desde suas memórias e inspirações que culminaram na criação da então Faculdade Carioca de Informática até os aprendizados pessoais, institucionais e acadêmicos obtidos em experiências presenciais e virtuais, passando por cenários que vão desde a pequena e charmosa Pirenópolis, em Goiás, até às imponentes e sólidas muralhas da China. Entre as diversas possibilidades de organização desse vasto conteúdo, o autor optou por segmentar os textos em cinco grandes temas caros ao setor particular de educação superior: Currículo e metodologias educacionais; Gestão educacional; Políticas públicas; Representatividade; e Pandemia de Covid-19.

A educação é uma área ampla e complexa, fundamentada na articulação e na união de inúmeros esforços. Por isso o exercício de colocar cada texto dentro de uma única caixinha não foi uma tarefa simples. Em alguns casos, como o leitor vai perceber, aquele conteúdo poderia facilmente estar disponibilizado em outra seção deste livro. Afinal, educação a distância pode ser apresentada como

uma modalidade de ensino, mas também pode ser o resultado de uma política pública, por exemplo. E por que não a enquadrar no espaço dedicado às transformações impostas pela pandemia de Covid-19? Além disso, embora não seja EAD em sua forma pura, não podemos fechar os olhos para o quanto a adoção do ensino remoto no último ano impactou na gestão das instituições.

Assim, a decisão sobre onde encaixar os artigos, em alguns casos, foi tomada levando em consideração o aspecto prioritário ali evidenciado ou uma certa dose de subjetividade. Por isso, caro leitor, está tudo bem se você “colocar” um ou outro texto em um capítulo diferente. Como você vai perceber, mais importante do que qualquer segmentação são as análises, as propostas e os debates suscitados pelo autor, sempre com o objetivo de fortalecer a educação superior particular brasileira.

De tudo um pouco

Com uma longa trajetória como empreendedor e liderança representativa, Celso Niskier narra em seus artigos muito do que viu, viveu e aprendeu nos últimos anos, bem como entrega reflexões acerca dos desafios e das transformações sociais que fazem deste século 21 um período disruptivo e complexo como nunca antes experimentado.

Se alguns textos apresentam resultados ou impressões de eventos, pesquisas ou reuniões com os gestores da política educacional do país, outros são atemporais, seja pelo resgate histórico que fazem, seja pelas provocações e análises que apresentam.

Chama a atenção a capacidade de Celso navegar por diversos temas inerentes à educação superior, passando por novas tecnologias educacionais, responsabilidade social, gestão institucional, formação de professores, instrumentos e políticas

de avaliação institucional e de cursos, financiamento estudantil, reformas estruturais (em especial a tributária) e muitos outros.

Tivesse esse livro sido consolidado um ano antes, esse quinto capítulo não existiria. Mas como fechar os olhos para a forma como a pandemia de Covid-19 impactou a educação brasileira a partir de março de 2020? Enquanto líder da maior entidade representativa do setor particular de educação superior, Niskier dedicou-se a disseminar informações relevantes sobre as mudanças necessárias diante da crise sanitária, a orientar as instituições educacionais sobre alterações nos marcos regulatórios e a coordenar ações junto aos órgãos reguladores para mitigar os impactos da pandemia sobre o setor particular de educação superior, e, sobretudo, não comprometer a formação em nível superior de milhões de estudantes.

Com sua antevisão privilegiada, ele conseguiu analisar, como poucos, o futuro da educação no país e no mundo após a passagem da pandemia. O rompimento com padrões cunhados no século 20 e a consolidação da modalidade híbrida de ensino estão entre as transformações que serão incorporadas ao “novo normal” e sobre as quais o autor discorre, sempre com a preocupação de entregar às instituições de educação superior caminhos e alternativas para tornar essa transição mais suave.

Boa parte dessa intensa atuação está narrada nas páginas a seguir de uma forma leve, mas não superficial. Durante a leitura, o leitor poderá entender como algumas batalhas foram travadas para garantir questões como o reconhecimento da carga horária ofertada de forma remota nos cursos presenciais. Também terá dimensão da importância de uma representatividade forte e atuante.

No fim, a junção de todos os aprendizados aqui expostos, associados às experiências e superações alcançadas, em especial no último ano, resultam na compreensão de que, definitivamente, a educação não pode parar.



Sólton Caldas - Mestre em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação, Diretor executivo da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e Assessor executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular (Fórum).

Sumário

Currículos e metodologias educacionais

A escola deve dar o exemplo	22
Tecnologias disruptivas e o novo contexto global da educação.....	25
De volta para o futuro	28
EAD: fato ou fake?.....	31
A educação no Reino de Oz	34
De que professor precisamos?	39
Educação com afeto.....	41
Mais do que aprender, empreender	43
A corrida pela Inteligência Artificial.....	48
A importância da educação a distância.....	50
Empreendedorismo se aprende na escola.....	53
De olho no futuro e na revolução educacional.....	55
Um caminho sem volta.....	57
Desafios da inovação educacional.....	59
O papel do capital humano na era pós-digital	61
A educação do caráter.....	64

Aprendendo a desaprender	67
Educação empreendedora e cidadã	69
Educação Midiática: uma necessidade atual	71
Pare. Respire. Observe.	73
Inteligência Artificial na educação: caminho sem volta.....	75

Gestão educacional

Se não nós, quem?.....	79
Eficiência na captação de alunos	82
Um mergulho no autoconhecimento	84
O desenvolvimento da inteligência emocional na formação e na prática.....	86
A revolução das EdTechs	88
Mulheres educadoras	90
Gestão educacional disruptiva.....	93
Um matemático na Flórida.....	96
A LGPD e a cultura da privacidade nas IES	98
Responsabilidade social da educação superior particular na pandemia.....	100
Professores empreendedores.....	104
Vidas negras importam, e elas precisam respirar	106
A reinvenção do professor	109

O tempo urge.....	112
Novo normal, novos tecnólogos	114

Políticas públicas

Pátria livre e educadora.....	118
Burocracia: mal necessário? Definitivamente, não.....	121
Nós temos a força	124
Futuremo-nos	127
Simplificar para avançar	130
O fim do futuro?	133
Os desafios de 2020	136
Premissas para autorregulação da educação superior	139
Por que onerar o futuro dos jovens?.....	142
Conselho Nacional de Educação como órgão de Estado	145
Atual Reforma Tributária ameaça futuro dos jovens.....	147
Papo vai, papo vem.....	150
Números que nos movem	152
Uma avaliação para o século 21	155
A educação não pode parar	158

Representatividade

O Brasil tem jeito.....	162
Inovar para não perecer.....	164
Um congresso histórico	166
Inovação como forma de inclusão	168
ABMES comemora dupla maioria	170
Por uma ABMES mais inclusiva, propositiva e inovadora.....	172
Representatividade e interlocução no universo da educação superior.....	175
CBESP 2019: inovação e diversidade na agenda da educação superior	178
Os novos inconfidentes	182
O Rio de Janeiro continua lindo	185
A caminho da quinta década de existência	187
Justo reconhecimento.....	190
Jornalismo de impacto e transformação social.....	193
Hora de fazer a diferença	196
Um dragão na educação superior.....	199
Uma academia bem educada	203
Em busca do dragão chinês.....	205
A nova rota da seda	208
As muralhas do conhecimento	210

O simbolismo do ciclo	212
Vamos falar sobre o futuro da educação e do trabalho?	215
UniCarioca 30 anos: uma história de garra e talento	217
Um ano especial.....	219
Esperança de um futuro melhor.....	221
Novos horizontes da internacionalização	223
O mundo volátil	225
Conectados com você	227
Um ministro sereno	229
Ano vai, lições ficam	231
ABMES 2020: da reinvenção aos resultados	234
Um educador de visão	238
Com fé, um bom ano	240
Lições do passado para construir o futuro	243
Vamos conversar?	246
Educação, substantivo feminino.....	248
Últimas a fechar, primeiras a abrir	251

Pandemia de Covid-19

Medidas de contenção e o exercício da cidadania	255
Muita calma nessa hora	258
Aulas remotas ou EAD?	260

Manifesto pela educação brasileira.....	262
Coronavírus e a capacidade de adaptação dos estudantes brasileiros	265
Ciência, consciência e paciência	268
Covid-19: guerra ou tsunami?	270
Está em nossas mãos	272
Liberdade com responsabilidade.....	274
Oportunidade histórica	276
Volta às aulas presenciais: segurança e responsabilidade	279
Reinventando o local de trabalho	282
Educação é atividade essencial.....	285

Currículos e metodologias educacionais

A escola deve dar o exemplo

Uma pesquisa recente da UniCarioca, encomendada pelo jornalista Antônio Gois, do jornal O GLOBO, trouxe dados preocupantes, que ensejam de nós, educadores, uma reflexão profunda.

Ouvidos 1.100 alunos dos ensinos médio e superior, na faixa entre 16 e 30 anos, os resultados indicam uma corrupção generalizada em sala de aula: 69% dos alunos já colaram em provas, 68% copiaram indevidamente textos da internet e 48% assinaram lista de presença em nome de colegas. O que é pior: para os alunos entrevistados, 61% dos professores não verificam esse tipo de comportamento. [Confira a pesquisa completa aqui.](#)

Dois fatos saltam aos olhos. Em uma primeira análise do resultado: o pouco caso de grande parte dos alunos com os mínimos princípios éticos e a falta de empenho dos docentes para impor a disciplina em sala de aula. Cria-se, assim, uma cultura escolar perversa, na qual os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem. Dá para apostar no futuro dessa geração, com esse trágico exemplo vindo da escola, desde tão cedo?

Como reverter essa grave situação? Em primeiro lugar, é necessário rever os currículos dos cursos de Licenciatura, focando mais em atividades práticas de sala de aula, com base nas evidências científicas sobre as melhores práticas docentes. As disciplinas precisam trabalhar melhor o lado comportamental dos futuros

professores, ensinando-os a ensinar, de forma que consigam motivar os alunos, despertando neles a natural curiosidade e a vontade de aprender. Sem profissionais com essa competência, as aulas ficam desinteressantes, geram desmotivação e levam ao desleixo com as avaliações.

Em segundo lugar, é preciso disseminar entre os docentes as ferramentas que existem para coibir a cópia de trabalhos na internet. Aplicando-se um software de reconhecimento de padrões, pode-se inibir a fraude facilmente. Muitos desses *softwares* são gratuitos e estão disponíveis para *download* pela internet.

Por fim, as escolas devem incentivar a criação e adoção de códigos de ética, aproveitando para explicar aos alunos a importância de formular e cumprir regras que defendem o interesse coletivo.

Muitas universidades norte-americanas já possuem seus códigos de ética, voluntariamente assinados pelos seus alunos ingressantes.

Neste momento de crise política, econômica e institucional em que vive o país, nossos professores podem e devem dar o exemplo, cobrando atitudes éticas dos alunos e despertando neles o prazer em adquirir novos conhecimentos. A avaliação deve ser entendida pelos alunos como processo natural da aprendizagem e não como algo que se pode “dar um jeitinho”, bem à brasileira. E o bom comportamento deve ser incentivado, como parte fundamental da

As disciplinas precisam trabalhar melhor o lado comportamental dos futuros professores, ensinando-os a ensinar, de forma que consigam motivar os alunos, despertando neles a natural curiosidade e a vontade de aprender.

formação de futuros cidadãos. Como se diz corriqueiramente, se “o exemplo deve vir de casa”, é da escola que deve vir também o exemplo de uma vida ética, produtiva e feliz.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 14 de janeiro de 2016.

Tecnologias disruptivas e o novo contexto global da educação

Em uma sociedade cada vez mais múltipla e conectada, será que existe uma única forma correta e eficiente de transmitir conteúdo? Há séculos, quando o modelo educacional ainda predominante foi desenvolvido, havia o entendimento de que professores ensinavam, alunos aprendiam. Nessa hierarquia, nessa lógica.

A partir dessa compreensão, foram criadas as salas de aula tradicionais, com lousas (recentemente substituídas pelos quadros brancos), carteiras enfileiradas e docentes dotados de giz e voz. Nas últimas décadas, contudo, o surgimento e a disseminação de novas tecnologias da informação e comunicação impuseram à sociedade contemporânea novas formas de se comportar, se relacionar e também de aprender.

Com a informação ao alcance de um clique, a interação entre quem ensina e quem aprende tem sido cada vez mais horizontalizada. Novas metodologias, como a sala de aula invertida, foram desenvolvidas para atender à demanda crescente por autonomia e responsabilização no processo individual de aprendizado.

Nesse contexto, também ganhou força a educação a distância, que nos dias atuais nada mais é do que ensino mediado pela tec-

nologia. Aquele velho modelo de apostilas e avaliações que trafegavam via correios há muito foi substituído por sistemas modernos, dinâmicos, atraentes e capazes de promover efetiva comunicação entre estudantes e professores e também entre pares.

Além de fácil operacionalização, os ambientes virtuais de aprendizagem disponíveis no mercado estão cada vez mais preparados para dialogar com tecnologias disruptivas que surgem a cada dia, como realidade virtual, realidade aumentada, gamificação, *mobile learning*, *social learning*, *machine learning*, *chatbot* e *learning analytics*.

Trata-se de inovações que impactam na leitura de mundo e também na forma como o ser humano se relaciona com o processo de ensino-aprendizagem. Neste sentido, elas devem ser vistas e utilizadas, inclusive, como instrumentos estratégicos para a efetivação de alguns princípios educacionais que norteiam a pedagogia moderna.

Trata-se de inovações que impactam na leitura de mundo e também na forma como o ser humano se relaciona com o processo de ensino-aprendizagem.

Por exemplo: se todo aluno é único em seu potencial de aprender, a utilização dos algoritmos gerados pelo *machine learning* e pelo *learning analytics* oferecem caminhos personalizados de aprendizagem. Já para o entendimento de que a absorção de conhecimento deve ocorrer em ambientes que sejam ricos, motivadores e desafiadores, quais ferramentas podem ser melho-

res do que a realidade virtual, a realidade aumentada, o *social learning*, o *mobile learning* e a gamificação?

É verdade que boa parte dessas tecnologias podem ser empregadas nas salas de aula convencionais, inclusive sua utilização tem se tornado cada dia mais imperativa. Contudo, é no ambiente virtual onde todas as suas potencialidades podem ser exploradas.

Tendo em vista que a educação a distância é algo consolidado, há que se estar atento para a integração cada vez maior entre esta modalidade de ensino e as tecnologias que surgem a cada dia. Os benefícios dessa conexão são diversos e impactam toda a comunidade acadêmica. Alunos se sentem mais atraídos por ambientes flexíveis e personalizados; professores terão o apoio de ferramentas inteligentes para a identificação da melhor estratégia de transmissão de conteúdo; gestores precisarão fazer investimentos crescentes para acompanhar o ritmo da inovação; e gestores públicos precisarão rever o excesso de regulamentação, abrindo espaços para que as escolas inovem e redefinam o seu papel.

Pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) constatou que, em 2023, as novas matrículas na modalidade a distância irão superar aquelas na modalidade presencial da educação superior. Portanto, o debate sobre a viabilidade e a eficiência da educação a distância é algo que precisa ser superado. O momento pede que olhemos para o futuro e o que está no horizonte é um processo educacional cada vez mais integrado às demandas e necessidades do século XXI.

Artigo publicado no [Estadão](#) em 22 de maio e no [ABMES Blog](#) em 27 de maio de 2019.

De volta para o futuro

Em quase trinta anos de atuação como empreendedor educacional, já tive a oportunidade de transitar bastante tanto no universo empresarial quanto no acadêmico e apreender o melhor dos dois mundos. Quando comecei a lecionar, inspirado pela minha avó materna Paulina, que era professora, e pelo meu pai e grande educador Arnaldo, eu jamais poderia imaginar que a mosca azul do empreendedorismo me picaria, mas foi exatamente o que aconteceu quando, junto com um ex-professor, organizei um cursinho pré-vestibular de Física.

Naquela época, empreendedorismo não era uma palavra tão presente no nosso dia a dia, muito menos seus meandros e técnicas. No âmbito das instituições de educação superior, tratava-se de um conteúdo praticamente inexistente, com algum recorte superficial nos cursos de Administração de Empresas. O debate sobre sua centralidade e transversalidade não existia, como ainda hoje não existe nas instituições brasileiras. Talvez isso explique parte do nosso atraso em relação a outras nações, especialmente no quesito inovação.

No ano passado, juntamente com a Delegação Internacional da ABMES, tive a oportunidade de (re)visitar algumas instituições de ensino israelenses, responsáveis por formar a base empreendedora do país, que hoje atende pela alcunha de “nação das *startups*”. Ali, de conteúdos das disciplinas até trabalhos finais, quase tudo é

pautado pela força motriz do jovem de criar, inovar e empreender. Este ano, o destino é a China, onde, acreditamos, encontraremos um cenário semelhante.

No Brasil, estabelecer um currículo educacional que privilegie a inovação e o empreendedorismo ainda parece um sonho distante, mas alguns esforços começam a ser desenvolvidos nesse sentido. Um exemplo é o recém lançado **Instituto Êxito**, liderado por Janguê Diniz. Fundada por 34 empreendedores de diversas áreas, incluindo este que vos escreve, a iniciativa tem como objetivo fomentar nos jovens, em especial os de baixa renda, o espírito empreendedor.

Partindo da premissa de que sem uma cultura empreendedora, de inovação e desenvolvimento sustentável o Brasil não alcançará o posto de nação desenvolvida, o Instituto Êxito promoverá uma série de eventos e cursos gratuitos, investirá em uma ampla rede de apoio aos estudantes e na criação de grupos voltados para a busca de soluções voltadas à acessibilidade de pessoas com deficiência, além de gerar formas inovadoras de promoção do bem-estar social.

O estímulo ao empreendedorismo nas escolas vai além de ensinar como abrir uma empresa ou a pensar de forma inovadora.

O estímulo ao empreendedorismo nas escolas vai além de ensinar como abrir uma empresa ou a pensar de forma inovadora. A prática também impulsiona o desenvolvimento de habilidades e competências que não são ensinadas nas salas de aula, mas são fundamentais para o sucesso pessoal e profissional de cada cidadão.

Na união de dois universos aparentemente tão distintos, mas que na verdade se complementam em uma perfeita simbiose, pude exercer minha vocação para a docência e me realizar enquanto empreendedor. Em uma esfera bem mais ampla, nessa conexão pode estar boa parte da solução para os problemas que atravancam o desenvolvimento socioeconômico do Brasil. Já tem muita gente acreditando nisso. Vamos juntos?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 24 de junho de 2019.

EAD: fato ou fake?

Século XXI. Inovação, tecnologia e disruptura estão entre os conceitos em voga e que têm mobilizado a sociedade a se repensar, bem como suas formas de produção e aplicação do conhecimento, seu modo de se relacionar, de se comunicar. Vivemos um tempo no qual certezas desmoronam diante dos nossos olhos, ao passo que realidades impensáveis se concretizam. Enchemos a boca para falar que novos tempos demandam novas atitudes e novos conhecimentos, mas até que ponto estamos preparados para lidar com tudo isso?

Entre as questões que ainda nos puxam para tempos passados, a resistência à educação a distância (EAD) é uma das mais impressionantes. Apesar do esforço frequente empenhado por especialistas, governos e até mesmo pelo setor particular de educação superior para desconstruir uma série de mitos relacionados a esse universo, ainda são muitos aqueles que se mantêm abraçados a um passado para o qual não há mais retorno.

O Brasil possui ampla legislação educacional segundo a qual todo e qualquer curso superior precisa seguir uma série de regras e diretrizes, como as estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e que devem ser cumpridas por todas as institui-

Entre as questões que ainda nos puxam para tempos passados, a resistência à educação a distância (EAD) é uma das mais impressionantes.

ções de ensino. A verificação da qualidade do serviço ofertado é mensurada por mecanismos distintos e complementares, como avaliações *in loco* nas instituições de ensino e a aplicação de prova presencial aos graduandos. Apesar disso, ainda tem quem se dedique a desqualificar a educação a distância.

Poucas coisas são mais defasadas do que o argumento de falta de prática entre os graduados da EAD. Em alguns cursos, especialmente nos da área da saúde, o conteúdo ofertado de modo presencial (e geralmente prático) chega a ultrapassar o limite de 30% de presencialidade previsto para os cursos a distância na legislação vigente. Esse, aliás, é um limitador que precisa ser excluído já que não há distinção de conteúdo entre cursos presenciais e a distância, inclusive com relação à carga horária de atividades práticas.

A falta de prática ganha discursos ainda mais acalorados quando o que está em pauta são cursos da área da saúde. Os argumentos falaciosos de que as IES colocarão no mercado médicos e enfermeiros sem as aptidões práticas necessárias para o desenvolvimento das profissões são, no mínimo, muita má-fé. Presencial e EAD precisam respeitar as diretrizes curriculares do curso e que não fazem qualquer distinção entre as modalidades. Portanto, não existe graduação da área de saúde que seja 100% online. A modalidade respeita de forma obrigatória a carga horária de atividades práticas prevista nas diretrizes curriculares, inclusive com a utilização dos mesmos laboratórios utilizados pelos estudantes do presencial.

Para além da ampliação do acesso aos cursos da área de saúde, a EAD ainda conecta os estudantes com ferramentas modernas de formação e interação. Trata-se, inclusive, de um processo que conecta o aluno com conhecimentos e habilidades necessárias

ao profissional do Século XXI. Como detalhou recentemente, [em artigo](#), o presidente do Hospital Israelita Albert Einstein, Sidney Klajner, a simbiose entre tecnologia e saúde não é futuro, mas presente. No texto, Klajner conta que desde 2012 a telemedicina é realidade na instituição e que só conta com bons resultados. Já [em entrevista](#), ele é categórico ao afirmar que de 70% a 80% das questões de pronto atendimento podem ser resolvidas por meio da telemedicina.

Enquanto o país ainda discute, às vésperas da terceira década do Século XXI, se EAD pode ou não pode, se é boa ou ruim, inovações e descobertas não param de surgir. Insistimos em um debate que há tempos deveria ter sido substituído por como aproveitar melhor as novas tecnologias educacionais. O ensino intermediado pela tecnologia é uma realidade posta e contra a qual somente se opõe quem ainda vive sob a crença dos mitos a ela relacionados, geralmente construídos por quem sente sua segurança profissional ameaçada ou teme a revolução social que somente acontecerá por meio da educação.

Não é de hoje que informações irreais ou distorcidas são propagadas como verídicas. Assim como tem acontecido com relação a outros temas, a sociedade brasileira precisa despertar para a quantidade de “*fake news*” relacionadas à EAD. É preciso desconstruir mitos que ainda povoam o imaginário popular e que em nada contribuem para o avanço socioeconômico do país. Caso contrário, de que servirão tanta inovação, tecnologia e disruptura?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 26 de agosto de 2019.

A educação no Reino de Oz

Estou emocionado. Não tenho vergonha de dizer o que sinto nesse momento tão importante da minha vida profissional, quando tomo posse na Cadeira 20 da Academia Brasileira de Educação (ABE), pois sou um educador e não há educação sem emoção.

Ao longo da minha jornada, observei que alguns teóricos preferem entender a educação do ponto de vista meramente cognitivo, cerebral. Para eles, educar seria dotar a mente humana de conhecimentos que propiciam uma vida melhor e mais ilustrada. É o que eu chamaria de “modelo do balde”: enchemos de pedrinhas o cérebro do aluno, até que lá não caiba mais nada. Paulo Freire, de forma crítica, chamaria esse modelo de “educação bancária”: meros depósitos mentais, sem nenhum valor, a não ser sua utilidade prática. Mas se limitaria a isso a tarefa de educar? Em tempos de Inteligência Artificial, será que os algoritmos não farão esse papel?

Outros teóricos, mais sintonizados com o espírito humano, fariam que a educação não pode se limitar ao cérebro, precisa, também, incluir o coração, mexer com os sentimentos dos alunos, fazê-los aprender a gerir suas emoções, em toda a diversidade que simboliza a rica experiência humana.

A educação, para esses, seria como um “holofote”: ativado, nosso coração iluminaria o caminho, indicando a melhor direção para

levarmos uma vida produtiva e feliz. Mas só as emoções são suficientes para criar cidadãos no mundo de hoje? Não estaríamos confundindo nossas paixões e desejos com o que realmente importa para levar uma vida produtiva? Afinal, o que realmente importa?

Eu quero falar aqui de uma terceira visão sobre a educação, uma visão complementar às outras duas, que é a educação do caráter. Educar é fazer brotar no espírito dos alunos os valores que guiarão sua vida, em todas as direções. Uma educação de valores é também uma educação espiritual, fazendo-nos conectar com o que está além da mera matéria, do mero pensamento, da mera emoção. Uma educação de valores é a educação da transcendência, por excelência. Eu chamaria, a esse, o modelo “holístico” da educação, um modelo capaz de unir mentes, corações e valores na construção de um ser humano mais completo e mais realizado.

Educar é fazer brotar no espírito dos alunos os valores que guiarão sua vida, em todas as direções.

Lembro, para ilustrar essa visão multidimensional e holística da educação, da parábola do Mágico de Oz, na célebre estória imortalizada por L. Frank Baum em seu livro do século passado e lembrada por todos os que se encantaram com os desafios de Dorothy na busca por si mesma.

No caminho para o Reino de Oz, Dorothy encontrou três anti-heróis: o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde. O Espantalho queria ter um cérebro. O Homem de Lata ansiava por um coração. E o Leão Covarde lutava para ter coragem.

A todos os três faltava algo: a um, cérebro; a outro, coração; ao terceiro, ímpeto de coragem. Pois aqui estão as três dimensões

de uma educação verdadeiramente holística: precisamos de educadores que integrem o correto pensar, o correto sentir e, principalmente, o correto agir. Alunos precisam de cérebros fortes, mas também de corações generosos e de boas doses de coragem para transformar seus sonhos em realidade. Razão e emoção, guiadas por atitudes e valores corretos, é o que todos precisamos.

Somente assim poderemos desfazer os mitos do Mágico de Oz e conquistar a plena realização que, de fato, buscamos aqui na terra, essa que chegará, na tradição judaica, com a vinda do Messias. Enquanto isso, nos cabe, como educadores, preparar o mundo, fazer o que chamamos em hebraico de *Tikkun Olam*, o conserto do mundo, e o caminho para isso é a educação.

Ser recebido na ABE pelo meu pai, Arnaldo, me emociona profundamente. Ele – que foi, é e sempre será uma grande referência de vida, não só para mim como para gerações de educadores que ele tocou através de seus livros, de seus programas de televisão e de suas palestras pelo Brasil e pelo Mundo – representa essa visão da educação holística que defendo. Dotado de um cérebro brilhante, é também humano, demasiadamente humano, com um coração gigante, no qual cabem, além da minha querida mãe Ruth, todos os seus filhos, as netas e outros tantos que dele receberam o carinho, a atenção e o olhar seguro. Com coragem, que nunca lhe faltou, possui um legado de grandes obras, físicas e imateriais, construído nas várias vezes em que atuou como Secretário de Ciência, Tecnologia, Educação e Cultura. Cérebro, coração e coragem, marcas de um grande ser humano que é o meu pai Arnaldo, a quem eu registro o meu muito obrigado.

Ao presidente Carlos Alberto Serpa, meu querido padrinho profissional, e a todos os acadêmicos que me honraram com a eleição para a Academia Brasileira de Educação, agradeço de

coração pela oportunidade de estar com vocês, debatendo os rumos da educação em nosso país. Não há lugar mais qualificado do que a ABE, de tantas tradições, e espero poder contribuir com esses importantes debates a partir de agora.

Quero registrar a presença na posse de tantos amigos da ABMES, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior, entidade que tenho a honra de presidir, e que me ensina, a cada dia, o valor do trabalho coletivo, da união e do respeito às diversidades institucionais. O setor particular de ensino superior representa hoje mais de 88% das instituições em todo o Brasil, responsável por mais de 6 milhões de estudantes no país, uma força em prol da transformação social da qual muito me orgulho em liderar, junto com uma equipe fantástica de mantenedores e colaboradores.

Essa minha conquista, nesse momento em que tomo posse na ABE, é também de todos os meus colegas e amigos da nossa UniCarioca, uma obra em construção, que ano que vem completa 30 anos. Nós não somos, por seis anos consecutivos, o melhor centro universitário do Rio de Janeiro por acaso. É um trabalho diuturno, árduo, mas recompensador. Estamos formando as gerações que vão recuperar o nosso Brasil, que vão construir um futuro melhor para nossos filhos e netos. Nossos quase 13 mil alunos representam a esperança em dias melhores. Não podemos e não vamos decepcioná-los, pois esta é a nossa missão: lustrar mentes, polir corações e iluminar caminhos, com coragem, para que o futuro seja melhor do que o agora, assim como a nossa realidade hoje é muito melhor do que há trinta anos, quando começamos. Muito obrigado a vocês, da UniCarioca, por terem me ensinado que a educação vale a pena, quando abraçada com fé e determinação.

Para encerrar, lembro das palavras dos mestres da tradição judaica, que, quando perguntados pelos seus alunos sobre o significado

da vida, respondiam misteriosamente: ora, o significado da vida é... levar uma vida significativa!

Esse momento, acreditem, é extremamente significativo na minha vida, estando eu cercado de amigos e confrades, me sentindo realizado e, ao mesmo tempo, energizado para muitos outros desafios que certamente surgirão na minha trilha de educador. Com cérebro, coração e coragem, vamos juntos construir uma educação digna do país que desejamos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 16 de setembro de 2019.

De que professor precisamos?

A porta abre e o professor entra resoluto na sala de aula. Todos os alunos se levantam, e, de pé, saúdam formalmente o mestre, que agradece com um leve aceno de cabeça, pedindo que se sentem, para que possam então começar a magistral aula.

Mais do que uma cena de filme antigo, esse modelo de professor austero e autoritário faz parte de um passado da nossa educação, tempos em que o mestre era a única autoridade e fonte confiável de conhecimentos. Muito diferente dos tempos atuais, com fontes de conhecimento tão variadas, em que muitos mestres abandonam a profissão, pressionados pela violência em sala de aula e por regimes de trabalho estafantes.

Certamente os alunos nativos da Era Digital já não têm no mestre o mesmo respeito e admiração. Possuem outras fontes de informação e conhecimento, mais interessantes e imediatas. Para muitas crianças, desligar o celular e prestar atenção a uma aula tradicional de 50 minutos é o equivalente contemporâneo às masmorras e a tortura da Era Medieval. Como conciliar essa geração digital com um professor analógico?

Em primeiro lugar, devemos nos lembrar de que não existe educação verdadeira sem a presença do professor. Seja pelo exemplo, pela orientação e pela motivação que cria, o professor é o viabilizador da aprendizagem do aluno. A ele cabe propiciar o bom ambiente de ensino e verificar o desempenho dos estudantes,

Não existe educação verdadeira sem a presença do professor.

dirigindo o processo e permitindo que as diferenças individuais sejam consideradas.

Seria possível a um aluno aprender sem nenhuma orientação de um professor? Tecnicamente sim, filosoficamente não. Quero

dizer com isso que uma escola é mais do que um conjunto de ferramentas didáticas e tecnológicas. Uma escola é uma comunidade de aprendizagem, mediada por agentes com competência para orientar e conduzir o diálogo do aluno com as fontes múltiplas de informação. Esses agentes são os professores do amanhã: com bom domínio das tecnologias, com habilidades sociais e de relacionamento, com empatia e compaixão para com os menos capazes. Professores que sabem estimular, desafiar, orientar e colocar limites nos estudantes, criando o ambiente no qual prospera o talento e dá-se a construção do conhecimento.

Vislumbro sim, no futuro, escolas cada vez mais tecnológicas, um imperativo dos novos tempos. Mas sem a alma do professor serão apenas supermercados de conhecimentos, e não as usinas de transformação que esperamos que propiciem a construção coletiva do Brasil que queremos.

Estamos formando esses professores? Esse é assunto para uma outra conversa...

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 14 de outubro de 2019.

Educação com afeto

A imagem da professora brandindo a palmatória não sai da cabeça: “Menino que não aprende merece apanhar!”. Quem já passou por essa experiência assustadora? Não faz muito tempo, acreditava-se que a melhor forma de garantir a motivação dos estudantes era através de ameaças de violência física, ou de humilhação. Colocar o chapéu de “burro” e ficar no canto, de costas, seria a forma de evitar a preguiça nos estudos.

Hoje sabemos que cada aluno é único em seu potencial de aprender e o professor sábio deve ter paciência e saber adaptar sua estratégia de ensino às necessidades individuais de cada um. Mais do que isso, deve-se construir um ambiente em sala de aula que incentive a tolerância, a cooperação e a diversidade intelectual e social. Simples assim? Aí é que mora o perigo...

Não há nada simples nesse novo papel do professor. Antes de mais nada, ele precisa estar preparado para lidar com as diferenças, e aplicar diferentes estratégias de ensino, conforme as características individuais de cada estudante. Em uma sala com muitos alunos, isso pode se tornar quase impossível. Garantir a atenção de uma turma diversa e dispersa demanda uma nova atitude do professor: motivar pelo afeto.

Um professor que cria empatia com sua turma tem muito mais chances de ganhar a atenção de todos, e de motivá-los para a busca de conhecimentos. Para isso, ele precisa apresentar seu lado humano, contar histórias, mostrar sentimentos e até compaixão com os menos habilidosos. O professor é o exemplo

em sala de aula e esse exemplo de comportamento é tão ou até mais importante do que o conhecimento que ele transmite.

O professor é o exemplo em sala de aula e esse exemplo de comportamento é tão ou até mais importante do que o conhecimento que ele transmite.

Estamos formando esses professores? Infelizmente a resposta é não. Nossas universidades não preparam o professor para lidar com turmas diversas e inquietas, ainda mais agora, em tempos de internet. A criação de empatia não é uma disciplina formal das nossas licenciaturas. Mas ela pode sim ser ensinada e desenvolvida. Esse processo começa com a mudança dos currículos dos cursos de formação de pro-

fessores, para incluir outras habilidades socioemocionais, além das cognitivas tradicionais. Mais aulas práticas, mais vivências reais em escolas-modelo, mais trocas de experiências entre os futuros mestres, é o que se deseja na construção de um professor completo, para os novos tempos.

Um professor que ensina com afeto estará sempre presente na memória afetiva de seus alunos. Mais do que o porrete, ele deve brandir um sorriso, e com isso abrir o coração de seus estudantes para o maravilhoso mundo do conhecimento. Vamos trabalhar na construção desse novo profissional da Educação?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 21 de outubro de 2019.

Mais do que aprender, empreender

Português, matemática, ciências, história, geografia. Essas são algumas das disciplinas que há décadas compõem os currículos da educação básica brasileira. Isso porque estamos acostumados a pensar em escola como espaço de aprendizagem formal e absorção de conteúdos. Isso mesmo em um contexto no qual é sabido que a maior parte das informações apreendidas por nós enquanto crianças e jovens, com sorte, ficarão relegadas a um compartimento bem secreto e distante da memória. Poucos são os conhecimentos que nos acompanharão pelo restante da vida, seja por necessidade profissional, seja por interesse pessoal.

Enquanto nossa formação educacional é focada no “conteudismo”, praticamente não existem espaços nos quais possamos desenvolver outras áreas do conhecimento – e de autoconhecimento – que são tão ou até mais relevantes para a formação enquanto pessoas, cidadãos e agentes protagonistas de desenvolvimento. Onde e em que momento da vida temos oportunidade para conhecer nossas habilidades pessoais e trabalhar as competências que o Século XXI nos impõe enquanto pessoas e profissionais?

Embora não seja uma tarefa simples, há no país um debate sobre a revisão do processo educacional para um modelo que seja mais

efetivo e adequado às demandas de uma sociedade pautada por constantes transformações nas suas mais distintas áreas. Novas disciplinas estão, aos poucos, sendo incorporadas ao currículo escolar, como robótica e empreendedorismo.

A compreensão de que empreender é uma característica nata de alguns indivíduos tem dado lugar ao entendimento de que empreendedorismo consiste em uma atitude que pode ser estimulada e desenvolvida.

Ao contrário do que o senso comum tenta nos fazer acreditar, empreendedorismo é, sim, uma disciplina que pode e deve ser ensinada. A compreensão de que empreender é uma característica nata de alguns indivíduos tem dado lugar ao entendimento de que empreendedorismo consiste em uma atitude que pode ser estimulada e desenvolvida.

Tenho uma história de quase trinta anos de atuação como empreendedor educacional e já tive a oportunidade de transitar bastante tanto no universo empresarial

quanto no acadêmico e apreender o melhor dos dois mundos. Quando iniciei na docência, em grande parte inspirado pelo exemplo de pessoas muito próximas, conhecia nada – ou quase nada – sobre empreendedorismo. Mesmo tendo tido uma formação educacional que considero de qualidade, nunca tinha sido orientado nesse sentido. No meu caso, como ainda hoje tem sido a regra, tive que desbravar um universo totalmente novo quando, junto com um ex-professor, organizei um cursinho pré-vestibular de Física.

Naquela época, empreendedorismo não era uma palavra tão presente no nosso dia a dia, muito menos seus meandros e técnicas. No âmbito das instituições de educação superior, tratava-se de um conteúdo praticamente inexistente, com algum recorte superficial nos cursos de Administração de Empresas. O debate sobre sua centralidade e transversalidade não existia, como ainda hoje não existe nas instituições brasileiras. Talvez isso explique parte do nosso atraso em relação a outras nações, especialmente no quesito inovação.

No ano passado, juntamente com a Delegação Internacional da ABMES, tive a oportunidade de (re)visitar algumas instituições de ensino israelenses responsáveis por formar a base empreendedora do país, que hoje atende pela alcunha de “nação das *startups*”. Ali, de conteúdo das disciplinas até trabalhos finais, quase tudo é pautado pela força motriz do jovem de criar, inovar e empreender.

No Brasil, estabelecer um currículo educacional que privilegie a inovação e o empreendedorismo ainda parece um sonho distante, mas alguns esforços começam a ser desenvolvidos nesse sentido. Um exemplo é o Instituto Êxito de Empreendedorismo, liderado por Janguê Diniz. Fundada por 34 empreendedores de diversas áreas, a iniciativa tem como objetivo fomentar nos jovens, em especial os de baixa renda, o espírito empreendedor.

Partindo da premissa de que sem uma cultura empreendedora, inovação e desenvolvimento sustentável o Brasil não alcançará o posto de nação desenvolvida, o Instituto Êxito tem sua atuação pautada em uma série de eventos e cursos gratuitos, em uma ampla rede de apoio aos estudantes, e na criação de grupos para a busca de soluções voltadas à acessibilidade de pessoas com deficiência, além de gerar formas inovadoras de promoção do bem-estar social.

Se o empreendedorismo é uma prática que pode ser estimulada e ensinada, existem competências específicas que precisam ser trabalhadas ao longo desse processo. De modo geral, pode-se afirmar que elas se dividem em três eixos: pessoais, técnicas e gerenciais.

As competências pessoais para um bom empreendedor não distinguem muito daquelas almejadas para o profissional do Século XXI: autoconhecimento, raciocínio lógico, ser criativo e ter capacidade de se comunicar e de se expressar. Para além dessas, há uma competência fundamental para o indivíduo que pretende enveredar pelo universo do empreendedorismo: visão empreendedora. É fundamental que a pessoa tenha capacidade de identificar e reagir positivamente diante de oportunidades de negócios.

Apesar da falsa compreensão de que boa parte dessas competências pessoais sejam natas e difíceis de serem desenvolvidas, o quadro se altera quando o que está no foco são as competências técnicas e gerenciais. Sobre estas, praticamente não há entendimento de que não possam ser aprendidas.

Entre os requisitos técnicos para um empreendedor estão a tomada de decisão, a otimização de processos e recursos, a capacidade de analisar dados estatísticos, a aptidão para elaborar e avaliar planos de negócios e, por fim, a capacidade de estabelecer acordos e consensos com pessoas ou grupos, ou seja, aptidão para a negociação.

Já as competências gerenciais consistem na capacidade de administrar recursos financeiros, de liderar e gerir pessoas, de compreender a operação e a dinâmica do negócio, de administrar diferentes tecnologias e recursos digitais e de usar as mídias digitais enquanto ferramentas estratégicas para a promoção

do empreendimento, bem como para mapeamento do perfil do público com o qual interage.

Portanto, a educação empreendedora não apenas é possível como é necessária. Ela possibilita a formação de pessoas com múltiplas competências e com habilidade para se adaptarem diante de novas situações.

A compreensão da amplitude dos benefícios ocasionados pelo ensino do empreendedorismo é suficiente para justificar sua inserção nas salas de aula. É mais do que evidente que estimular o comportamento empreendedor vai além de ensinar como abrir uma empresa ou a pensar de forma inovadora. A prática também impulsiona o desenvolvimento de habilidades e competências que ainda não são ensinadas nas salas de aula, mas são fundamentais para o sucesso pessoal e profissional de cada cidadão.

Muitos são os caminhos possíveis de serem trilhados na construção de uma nação mais próspera e justa. Na conexão entre a educação e o empreendedorismo pode estar boa parte do trajeto que nos conduzirá a soluções para os problemas que travancam o desenvolvimento socioeconômico brasileiro.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 28 de outubro de 2019.

A corrida pela Inteligência Artificial

Acabamos de regressar da China, onde lideramos uma delegação de reitores em busca de novos conhecimentos e parcerias educacionais. Por onde passamos, ouvimos a frase: “a inteligência artificial é o futuro”. Me arrisco a dizer que não, não é o futuro: já é o presente.

Digo isso porque visitamos empresas do “Vale do Silício” chinês, e, em uma delas, pudemos experimentar um pouco da sala de aula do futuro. Lá, com câmeras espalhadas pelo ambiente educacional, os computadores reconhecem as expressões faciais dos alunos e indicam, ao professor, aqueles que estão prestando mais atenção e aqueles que precisam de melhor acompanhamento para manterem a motivação. Big Brother educacional? Bem, estamos caminhando para isso...

Quando eu iniciei meus estudos de doutoramento, no Imperial College of Science, Technology and Medicine, de Londres, estudávamos a Inteligência Artificial a partir de uma premissa básica: para que os computadores fossem “inteligentes”, deveriam reproduzir o raciocínio lógico humano. Criávamos as chamadas máquinas de quinta geração, baseadas em programação lógica. Durou pouco: o raciocínio humano é muito mais complexo do que simples regras e heurísticas.

Já de volta, vinte anos depois, retomei meus estudos na COPPE-Sistemas da UFRJ, onde as pesquisas indicavam o caminho das redes neurais, capazes de aprender com exemplos e reproduzir comportamentos próximos dos seres humanos. Foi e é a base da “aprendizagem de máquina”, paradigma atual da Inteligência Artificial contemporânea.

Através de modelos, técnicas, ferramentas e cursos, vamos apoiar o esforço das IES na inovação de seus processos

É por isso que, com muita alegria, informo que a ABMES firmou convênio com a Microsoft para levar a capacitação em Inteligência Artificial para estudantes e professores de nossas instituições. Através de modelos, técnicas, ferramentas e cursos, vamos apoiar o esforço das IES na inovação de seus processos, em parceria com uma das maiores empresas de tecnologia do mundo.

Como dizia o médico e teatrólogo Pedro Bloch, mesmo com toda evolução tecnológica, não devemos nos esquecer nunca da “inteligência natural”, aquela que verdadeiramente impulsiona a humanidade. Combinando a inteligência humana com a artificial, podemos construir juntos uma nova educação, ainda mais individualizada, com foco nas características de cada aluno. Vamos nessa?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 11 de novembro de 2019.

A importância da educação a distância

Assim que a modalidade de Educação a Distância (EAD) iniciou sua virtuosa curva de crescimento no Brasil, dobrando sua participação no total de ingressantes na educação superior, entre 2010 e 2018, cresceram também os mitos e preconceitos contra a EAD, que é uma tendência mundial. Um dos principais argumentos levantados contra a expansão da EAD, a qualidade dos cursos ofertados, sofreu um duro golpe após a divulgação dos resultados do Enade 2018 (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes).

Em uma análise detalhada dos resultados, um dado chama bastante atenção: entre 21 cursos privados oferecidos sequencialmente de 2015 a 2018, nas modalidades presencial e EAD, o desempenho dos alunos da Educação a Distância foi superior à presencial em 14 deles. Somente quatro cursos presenciais obtiveram resultados superiores aos cursos EAD, enquanto em outros três, houve empate.

O levantamento, que foi realizado pela consultoria Atmã Educar, inclui cursos de peso para o mercado de trabalho, como Administração, Ciências Contábeis, Relações Internacionais, Secretariado Executivo, Turismo, Serviço Social e Direito.

A notícia chega em boa hora e mostra o acerto do setor privado de educação superior brasileiro, que vem utilizando cada vez mais as ferramentas e tecnologias de expansão do ensino EAD, gerando oportunidades de formação superior para milhares de brasileiros e conectando o país às tendências e inovações tecnológicas mundiais.

É preciso desmistificar o entendimento de que não existem atividades presenciais para o desempenho das práticas necessárias nos cursos ofertados na modalidade EAD.

É preciso desmistificar o entendimento de que não existem atividades presenciais para o desempenho das práticas necessárias nos cursos ofertados na modalidade EAD. As atividades práticas são previstas em perfeita consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais e os projetos pedagógicos dos respectivos cursos. Deste modo, não existe graduação 100% a distância para cursos na área da saúde, por exemplo. A carga horária prevista para essas atividades é realizada presencialmente de forma obrigatória.

Portanto, a Educação a Distância é essencial para que o país continue sua caminhada em direção às metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelecem para 2024 o objetivo de termos 33% dos jovens de 18 a 24 anos matriculados no ensino superior. Hoje esse percentual é de 21,7%.

Em um país de dimensões continentais, com um dos menores índices globais de escolarização superior, é fundamental a existência de um sistema educacional híbrido, combinando atividades e cursos presenciais e a distância, que assegure o acesso e a permanência do maior número possível de estudantes

ao ensino superior, especialmente em um momento de grandes desafios econômicos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 9 de dezembro de 2019.

Empreendedorismo se aprende na escola

Há um mito muito difundido entre nós: empreendedores nascem prontos. Aqueles afortunados, que possuem desde o berço as competências necessárias para desenvolver projetos, empresas e organizações seriam uma elite natural, quase divina. Nada mais longe da verdade, como as pesquisas científicas têm demonstrado.

Se por um lado sabemos que há características temperamentais e traços de personalidade que são mais comuns entre os empreendedores, por outro lado há muito a desenvolver em nossos jovens, para que possam despertar o gosto pelo risco, pela curiosidade e pela ação empreendedora. Seria, portanto, uma combinação clássica da natureza ("*nature*") e do ambiente cultural ("*nurture*") o que formaria um empreendedor de sucesso.

E qual seria o papel da escola, então? Ora, dar aos seus alunos a oportunidade de desenvolver talentos próprios à tarefa de criar e evoluir negócios. E a isso tem-se dedicado várias instituições, entre elas a UniCarioca, que fez da disciplina Empreendedorismo matéria obrigatória em todos os seus cursos de graduação, desde 2007.

O que se aprendeu com essa experiência? Em primeiro lugar, que não se pode ensinar Empreendedorismo da mesma forma como

Não se pode ensinar Empreendedorismo da mesma forma como se ensinam outras disciplinas tradicionais.

se ensinam outras disciplinas tradicionais. Não se trata de um corpo de conhecimentos a ser testado em provas e exames. Há que se desenvolver nos alunos uma atitude, muito mais do que somente um conjunto de conceitos e ideias. Há que se mostrar o processo que vai da curiosidade inicial, passando por uma pro-

blematização até o desenvolvimento de um protótipo de solução, considerando todas as etapas necessárias.

O empreendedor é aquele indivíduo que sabe transformar uma observação da realidade em um problema a ser decifrado e resolvido por meio da construção de uma solução original. Além disso, o caminho de transformar uma solução em uma empresa, que vai se estruturar para viabilizar essa solução, também é cheio de curvas e percalços, e por isso a atitude de persistência é muito importante.

Uma disciplina apenas é suficiente para transmitir todos esses conhecimentos, habilidades e atitudes? Com certeza, não. Mas nós, educadores, devemos dar o primeiro passo, abrindo o horizonte do aluno para as possibilidades de atuação sobre a realidade que o cerca. Com o devido incentivo, certamente novos empreendedores surgirão no horizonte de um país tão carente de homens e mulheres que tomem a si a tarefa de mudar a sociedade, uma empresa de cada vez.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 16 de dezembro de 2019.

De olho no futuro e na revolução educacional

Semana passada estive na Bett Show 2020, em Londres. Trata-se da maior exposição do planeta nos assuntos de educação e tecnologia. Realizada entre os dias 22 e 25 de janeiro, a feira internacional contou com a presença de mais de 40.000 participantes do mundo todo. Uma experiência única!

Pude notar a expansão do uso de inteligência artificial na educação, além das análises estatísticas de dados de aprendizagem (*learning analytics*) e do grande crescimento das aplicações ligadas às chamadas “soft skills” ou habilidades socioemocionais. Representando a ABMES, estive em contato com a nossa parceira Microsoft, com quem estamos estabelecendo um laboratório de inovação e criatividade em Brasília, e pude conhecer muitas das soluções que serão apresentadas aos nossos associados em breve.

Participaram também da comitiva brasileira o ex-ministro da Educação e atual secretário de Educação do estado de São Paulo, Rossieli Silva; a professora Claudia Costin, Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (Ceipe), sediado na Fundação Getúlio Vargas (FGV); a secretária Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul e presidente do Conselho de Secretários de Educação (Consed), Maria Cecília Motta; o

educador e ex-diretor da ABMES, Ronaldo Mota, além de vários dirigentes educacionais de todo o Brasil.

Saímos todos muito impressionados com o que o futuro nos espera: cada vez mais personalização da experiência do aluno e menos sobrecarga para o professor, a partir do uso das novas tecnologias de inteligência artificial e de uma grande revolução dos currículos, tanto da educação básica quanto da educação superior.

Nós, dirigentes de instituições de educação superior, precisamos nos preparar para a inevitável transformação digital das nossas IES.

Uma pequena amostra do futuro da educação foi apresentada na Bett Londres, e outras novidades poderão ser conhecidas na Bett Brasil, que será realizada em maio, em São Paulo.

Com certeza muitas tecnologias disruptivas estão a caminho. Nós, dirigentes de instituições de educação superior, precisamos nos preparar para a inevitável transformação digital das nossas IES.

Vamos participar dessa revolução na educação?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 27 de janeiro de 2020.

Um caminho sem volta

Ao participar de uma videoconferência com membros do Conselho Nacional de Educação (CNE), a convite da Associação Nacional das Universidades Particulares (Anup), pude constatar aquilo que muitos têm observado: a educação *on-line* se tornou um caminho sem volta no Brasil.

A partir das portarias 343 e 345, do Ministério da Educação (MEC), as instituições inovaram e, em tempo recorde, implantaram as aulas remotas, para fazer frente ao desafio da pandemia do novo coronavírus.

Até mesmo em cursos da área de Saúde, os alunos passaram a ter, com qualidade, o ensino virtual, demonstrando a ampla aplicabilidade de tal modalidade em todas as áreas de conhecimento.

Os professores se superaram, e rapidamente se adaptaram às novas tecnologias, ofertando suas aulas nas mais variadas plataformas tecnológicas.

Nada será
como antes.

Nada será como antes.

É uma oportunidade para o CNE e o próprio MEC reverem as Diretrizes Curriculares Nacionais, abolindo a falsa dicotomia entre ensino presencial e ensino a distância.

Hoje, o que prepondera é o ensino híbrido, e essa nova realidade foi trazida nos debates com os conselheiros Luiz Roberto Liza Cury, Antônio Freitas e Marília Âncona Lopez, todos eles defensores dos novos modelos.

Após a passagem do tsunami do novo coronavírus, muitas lições serão apreendidas, e certamente a educação será fertilizada pelo uso disseminado das tecnologias digitais.

Esse é um desafio para o qual os educadores brasileiros responderam a tempo, e lideraram a inovação e a criação dessa nova realidade nas faculdades, centros universitários e universidades de todo o Brasil.

Resta, agora, organizar de forma racional a volta às aulas, considerando a necessidade de respeitar as normas de segurança sanitária, preservando a saúde dos alunos, professores e funcionários de cada instituição de ensino.

Mas a lição foi aprendida: o mundo educacional pós Covid-19 é híbrido.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 27 de abril de 2020.

Desafios da inovação educacional

Em recente [seminário virtual](#), organizado pela Educalnova Hub Educacional e pelo Instituto IDDETI, pude debater com renomados especialistas[1] o complexo assunto da inovação educacional.

Quando falamos de inovar nas organizações educacionais devemos considerar três aspectos: produtos, processos e pessoas.

No que diz respeito aos produtos inovadores, podemos pensar em novos currículos, mais flexíveis e melhor sintonizados com as exigências do mercado mundial pós-Covid. Cada vez mais, empresas contratam egressos do ensino superior não pelos seus diplomas, mas sim pelas competências demonstradas.

A certificação por competências vem crescendo no mundo inteiro, em parcerias entre universidades e empresas de alta tecnologia. No Brasil, a ABMES é pioneira, oferecendo aos nossos associados competências em Inteligência Artificial, em parceria com a Microsoft.

No que tange aos processos organizacionais, os ambientes escolares caminham para a personalização do ensino-aprendizagem, com o uso de “learning analytics” e algoritmos de Inteligência Artificial. Isso torna a tarefa de educar mais eficiente,

Os ambientes escolares caminham para a personalização do ensino-aprendizagem, com o uso de “learning analytics” e algoritmos de Inteligência Artificial.

liberando o professor para dedicar mais tempo à concepção das estratégias e de conteúdos educacionais.

Por fim, precisamos falar também sobre pessoas. Sem atrair alunos criativos e empreendedores e sem professores capacitados e empoderados pelo uso das novas tecnologias, não se criará uma verdadeira cultura de inovação nas escolas e universidades.

A soma de novos currículos, processos mais eficientes e pessoas engajadas, multiplicados por uma cultura de estímulo à transformação digital, pode dar vazão a uma corrente de inovação educacional sem precedentes no Brasil.

Vamos construir juntos esse futuro?

[1] Participaram também do evento Henrique Sartori, ex-ministro da Educação e secretário da Seres/MEC; Thiago Chaer, CEO da Future Education; Vera Lúcia Cabral, diretoria de Educação da Microsoft Brasil, e Juliano Costa, vice-presidente de Produtos Educacionais da Pearson LATAM.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 8 de junho de 2020.

O papel do capital humano na era pós-digital

Ao ser convidado para falar sobre **como fica o capital humano nesses novos tempos**, em evento realizado pela ABES – Associação Brasileira de Empresas de Software, atendendo a um pedido de seu presidente, Rodolfo Fucher, pus-me a pensar se algo realmente teria mudado durante a pandemia. Seria o ser humano mais importante ou menos importante no mundo que emergirá da crise da Covid-19?

Podemos, sim, imaginar que as tendências de inovação tecnológica foram aceleradas pela virulência do novo coronavírus, trazendo com isso a importância crescente das habilidades essencialmente humanas, as que (ainda) não foram substituídas pela máquina: criatividade, empatia, liderança e empreendedorismo, entre outros *softskills* tão importantes para o profissional desse “novo” normal. Não consigo imaginar as máquinas sozinhas desenvolvendo e distribuindo novas vacinas em larga escala sem a faísca criativa da inspiração humana.

No **Instituto Êxito de Empreendedorismo**, organização do terceiro setor que tenho a honra de ser um dos vice-presidentes, sob a liderança de Janguê Diniz, identificamos três categorias de competências fundamentais para o sucesso profissional, hoje e no futuro: competências pessoais, técnicas e gerenciais.

As competências pessoais são aquelas que, como dissemos antes, caracterizam o ser humano enquanto ser atuante no mundo: comunicação e expressão, raciocínio lógico, liderança e criatividade. Já as técnicas são as que nos permitem fazer mais e melhor, otimizando processos, vendendo produtos, analisando dados e criando processos inovadores. E as competências gerenciais são as que utilizamos no trato com os desafios da organização, administrando de forma eficiente recursos materiais, tecnológicos, humanos e financeiros. Somadas, essas competências dão consistência à nossa vida produtiva e feliz. Saber ser, saber fazer e saber inspirar, sempre com ética e compaixão, são qualidades mais do que necessárias nesse momento em que tantos sofrem, e atributos que formam o nosso capital humano, demasiadamente humano.

Qual é o papel das instituições de ensino superior (IES) na valorização da formação do capital humano, que alavancará a recuperação da economia brasileira?

Mas, frente às demandas do mercado, qual é o papel das instituições de ensino superior (IES) na valorização da formação do capital humano, que alavancará a recuperação da economia brasileira? Em primeiro lugar, precisamos formar profissionais sintonizados com esse novo mundo. Para se manterem relevantes no mundo pós-pandemia, as IES terão que adaptar seus currículos para as novas tecnologias, de forma a não

perder a oportunidade de navegar nas ondas do futuro, que chegou mais cedo do que se esperava.

Para ajudar as IES, a [ABMES](#) e a [Microsoft](#) firmaram parceria para adoção de currículos de Inteligência Artificial na graduação.

Já são 17 instituições que aderiram ao projeto, e outras estão a caminho, mostrando o interesse crescente em aproximar o mundo acadêmico do mundo tecnológico.

Porém, antes disso, as instituições precisam sobreviver. Temos defendido pela ABMES um Fies Emergencial para ajudar os estudantes em risco de abandono por problemas financeiros, além de linhas de crédito de capital de giro promovidas pelo Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES) que efetivamente cheguem às instituições, principalmente às pequenas e médias de todo o Brasil. A longo prazo, de forma a incentivar a inovação educacional, é preciso também apoio às IES e recursos para os investimentos em plataformas digitais e novos produtos, alinhados com as competências do mundo pós-digital. Sem esse apoio, as boas intenções não se transformarão em planos concretos de sustentabilidade e crescimento, como é o desejo de todos.

Se pessoas e máquinas trabalharem em convergência, o capital humano nunca perderá importância. Na educação, o futuro é híbrido. E é ciente de que a máquina pode muito, mas não pode tudo, que milhões de estudantes universitários, nesse momento de pandemia, fizeram a migração das aulas presenciais para as remotas, mantendo assim os seus estudos, e voltarão em breve às salas de aula para continuar sua formação. Eles sabem que sempre haverá um humano por trás do código, do *hardware* e das aplicações das novas tecnologias, construindo um amanhã cheio de esperança para todos nós.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 6 de julho de 2020.

A educação do caráter

Estamos acompanhando, nas últimas semanas, um aumento da repercussão de plágios acadêmicos, questionamento de titularidade e *fake news*. Assuntos que acendem um alerta preocupante: a ética no sistema educacional. Os princípios morais têm sido colocados à prova e estão tendo dificuldades em resistir.

O que me fez resgatar uma pesquisa realizada em 2016 pela UniCarioca, encomendada e divulgada pelo jornalista Antônio Gois, de O GLOBO, que apresentou dados igualmente críticos, merecedores de uma reflexão profunda de nós, educadores.

Os resultados indicam uma corrupção generalizada em sala de aula: 69% dos alunos já colaram em provas, 68% copiam indevidamente textos da internet e 48% assinaram lista de presença em nome de colegas. O que é pior: para os alunos entrevistados, 61% dos professores não verificam esse tipo de comportamento. A pesquisa ouviu 1,1 mil alunos dos ensinos médio e superior, na faixa entre 16 e 30 anos.

Dois fatos saltam aos olhos, em uma primeira análise do resultado: o pouco caso de grande parte dos alunos com os mínimos princípios éticos e a falta de empenho dos docentes para impor a disciplina em sala de aula. Cria-se, assim, uma cultura escolar perversa, na qual os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem. Dá para apostar no futuro dessa geração, com esse trágico exemplo vindo da escola, desde tão cedo?

Como reverter essa grave situação? Em primeiro lugar, é necessário rever os currículos dos cursos de Licenciatura, focando mais em atividades práticas de sala de aula, com base nas evidências científicas sobre as melhores práticas docentes. As disciplinas precisam trabalhar melhor o lado comportamental dos futuros professores, ensinando-os a ensinar, de forma que consigam motivar os alunos, despertando neles a natural curiosidade e a vontade de aprender. Sem profissionais com essa competência, as aulas ficam desinteressantes, geram desmotivação e levam ao desleixo com as avaliações.

Em segundo lugar, é preciso disseminar entre os docentes as ferramentas que existem para coibir a cópia de trabalhos na internet. A fraude pode ser inibida com a aplicação do texto a um software de reconhecimento de padrões. Muitos desses softwares são gratuitos e estão disponíveis para download on-line.

Por fim, as escolas devem incentivar a criação e adoção de códigos de ética, aproveitando para explicar aos alunos a importância de formular e cumprir regras que defendam o interesse coletivo. Muitas universidades americanas já possuem seus códigos de ética, voluntariamente assinados pelos seus alunos ingressantes.

Nesse momento de crise política, econômica e institucional em que vive o país, nossos professores podem e devem dar o exemplo, cobrando atitudes éticas dos alu-

As escolas devem incentivar a criação e adoção de códigos de ética, aproveitando para explicar aos alunos a importância de formular e cumprir regras que defendam o interesse coletivo.

nos, e despertando neles o prazer em adquirir novos conhecimentos. A avaliação deve ser entendida pelos alunos como processo natural da aprendizagem, e não como algo em que se pode “dar um jeitinho”, bem à brasileira. E o bom comportamento deve ser incentivado, como parte fundamental da formação do caráter dos futuros cidadãos. Como se diz corriqueiramente, se “o exemplo deve vir de casa”, é da escola que deve vir também o exemplo de uma vida ética, produtiva e feliz.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 13 de julho de 2020.

Aprendendo a desaprender

Instigado pelo recente [webinar](#) realizado pela ABMES – com a participação de Daniel Castanho, presidente Conselho da Ânima Educação e vice-presidente da ABMES; Juliano Costa, vice-presidente da Pearson Brasil, e Fábio Negreiros, especialista de Soluções para Educação da Microsoft América Latina – pus-me a pensar sobre os desafios da aprendizagem no mundo de hoje.

Como Alvin Toffler afirmou, talvez a principal habilidade para um jovem em idade escolar seja aprender a desaprender, para que possa, então, (re)aprender novos conceitos, necessários para um mundo em constante evolução.

Em uma imaginada sala de aula do futuro, as aulas serão, necessariamente, mais dinâmicas, tendo no professor o principal agente de facilitação da aprendizagem. Múltiplas fontes de conhecimento devem estar disponíveis, para alimentar a criatividade e a curiosidade dos estudantes. Estes, devem buscar seguir trilhas de aprendizagem e parar para realizar reflexões com base no que foi aprendido.

Essa verdadeira comunidade de aprendizagem, engajada e mediada por tecnologias, é o que eu imagino como um ambiente rico e interessante para os alunos e professores. Mas como construir uma escola assim? Certamente deve-se começar com a preparação dos professores para essa nova realidade educacional.

Em um ambiente de aprendizagem cada vez mais personalizado, com uso de ferramentas de inteligência artificial e de análise de dados, o professor se liberta de tarefas repetitivas e tem a sua criatividade estimulada, para que se torne um projetista de conteúdos e um guia para orientar o percurso dos alunos.

Se, como disse Peter Diamandis, citado por Daniel Castanho, o futuro da educação deve incluir a aprendizagem de “coding”, ou programação de computadores, eu acrescentaria, esquentando o debate: não podemos esquecer de ensinar também o “decoding”, ou a desprogramação das crenças limitantes que trazemos da infância, e que limitam o nosso potencial.

Uma sala de aula, seja presencial ou remota, será um espaço de experimentação, de construção coletiva de conhecimentos, de trilhas e de reflexões.

Uma sala de aula, seja presencial ou remota, será um espaço de experimentação, de construção coletiva de conhecimentos, de trilhas e de reflexões.

Só assim potencializaremos a aprendizagem e daremos propósito à tarefa de transformar a vida dos alunos de um jeito atraente, motivador e eficiente.

Bora desaprender os modelos antigos e abraçar esse admirável mundo novo?

Artigo publicado no ABMES Blog em 24 de agosto de 2020.

Educação empreendedora e cidadã

Foi uma alegria muito grande participar da cerimônia de assinatura do convênio entre a Unesco e o Instituto Êxito de Empreendedorismo. Por meio deste inédito acordo, 10 mil estudantes da rede pública brasileira terão acesso a material didático exclusivamente desenvolvido pelas partes, em versão impressa e digital, com lições básicas de empreendedorismo, usando o que há de mais moderno em termos metodológicos e tecnológicos.

Nesse momento de superação da crise provocada pela Covid-19, vislumbra-se a possibilidade real de os jovens serem “inoculados” com o vírus do bem, o vírus do empreendedorismo.

O material contemplará o desenvolvimento de competências técnicas, pessoais e gerenciais, dando aos estudantes noções básicas de autoconhecimento, organização do tempo, marketing digital e de planos de negócios, tudo numa linguagem que o jovem entenda, participe e se engaje.

Responsável pela iniciativa, o empreendedor Janguê Diniz, fundador e presidente do Instituto Êxito, pretende transformar a sua experiência exitosa de vida em um exemplo que estimule novas gerações de empreendedores, a partir da educação básica.

Acredita-se que, dessa forma, poderemos atingir um dos objetivos da ONU para o desenvolvimento sustentável, especificamente aquele que pretende dar aos jovens uma educação emancipadora e transformadora, com ferramentas de empreendedorismo, em linha com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), compondo o que se convencionou chamar de “novo ensino médio”.

Uma sociedade
empreendedora
é também
uma sociedade
responsável
socialmente, capaz de
promover a cidadania
e o desenvolvimento
econômico,
simultaneamente.

Trata-se de uma excelente oportunidade para mudar a mentalidade cultural brasileira, já a partir da nova geração de jovens estudantes, estimulando-os para que se tornem pessoas do bem e conectadas com a solução de problemas reais, dispostas a correr riscos em prol de futuros ganhos.

Uma sociedade empreendedora é também uma sociedade responsável socialmente, capaz de promover a cidadania e o desenvolvimento econômico, simultaneamente.

Esse é o propósito fundador do Instituto Êxito, parceiro da ABMES, que agora conta com a importante chancela internacional da Unesco para levar esse sonho a milhares de escolas brasileiras.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 21 de setembro de 2020.

Educação Midiática: uma necessidade atual

Participando do podcast da ABMES, “e por falar em educação”, junto com os especialistas Mariana Ochs e Eduardo Faria, pude compreender melhor a importância da preparação dos jovens estudantes para o mundo atual, repleto de informações falsas, incompletas e enviesadas.

O que convencionou-se chamar de “Educação Midiática” é um corpo de conhecimentos, habilidades e atitudes para municiar os estudantes com o conjunto de ferramentas necessárias para o pensamento crítico, reflexivo e comparativo, dando a eles um “mapa” conceitual para que possam interpretar melhor a realidade, a partir do acesso a fontes confiáveis de informação.

É sabido que opiniões não são fatos e crenças não são conhecimentos, mas, muitas vezes, os jovens têm dificuldade para entender essas diferenças e isso abre a possibilidade de confusão mental e até de ideologização da sala de aula, o que não é desejável.

O professor deve ensinar o estudante a aprender a partir de múltiplas fontes e pontos de vista diferentes. Diversidade não é só de pessoas, mas também de ideias, e essa deve ser a base da socialização escolar. Em tempos de pandemia, em que milhões

de alunos estudam remotamente, a educação sobre os meios de comunicação adquire importância maior.

Defendo que tal corpo de conhecimentos faça parte dos currículos dos cursos de Licenciatura, aproveitando a transversalidade do tema, e sua aplicação às mais variadas disciplinas na formação do docente. Um professor que entende o seu papel de facilitador da aprendizagem deve ser o curador do conhecimento dos seus alunos, garantindo um ambiente de aprendizagem múltiplo, dinâmico e conectado com a realidade.

Queremos uma
sociedade conectada
sim, mas também
queremos uma
sociedade solidária,
humana e acolhedora.

Em tempos de *fake news*, que impactam o próprio conceito de democracia e corroem o tecido social, é preciso cuidado redobrado com o uso das redes sociais nas escolas. Queremos uma sociedade conectada sim, mas também queremos uma sociedade solidária, humana e acolhedora.

A tarefa de construir essa sociedade em constante aprendizagem e evolução é tarefa de todos nós educadores, uma notícia de cada vez. De preferência, verdadeira.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 26 de outubro de 2020.

Pare. Respire. Observe.

Vivemos com a sensação de movimento perpétuo: mudanças climáticas, mudanças no ambiente de trabalho, mudanças no conceito de família, mudanças até no conhecimento sobre a mente humana. Se tudo se move, onde está o ponto imutável, aquele que serve de referência para nós mesmos?

Essa vertigem nossa do dia-a-dia, agravada pela insegurança gerada pela pandemia de Covid-19, faz com que os casos de doenças psiquiátricas aumentem no Brasil e no mundo, e, com isso, o uso de remédios para aliviar a dor e o sofrimento. Somos uma sociedade doente, necessitando de equilíbrio.

Nas salas de aula, presenciais ou remotas, o grande desafio dos professores é conseguir a atenção dos alunos por alguns minutos, distraídos que estão com os *gadgets* tecnológicos e o excesso de oferta informacional. Como concorrer com um universo cada vez mais rico e interessante nas redes sociais? Como quebrar esse encanto, esse estado de hipnose coletiva em que vivemos?

Acredito muito no poder da meditação. Cientificamente, verificou-se, através de vários estudos bem projetados, que a prática constante da meditação pode alterar o funcionamento e até a estrutura do cérebro, em diversas partes ligadas ao controle das emoções.

Seria a meditação um antídoto contra esses tempos acelerados e inseguros? Como meditante regular há quinze anos, posso dizer que sim.

Ao parar, respirar e observar minhas sensações, emoções e pensamentos durante quinze minutos, pela manhã e à noite, faço uma pausa fundamental para me reconectar com a minha essência humana. Crio um ponto imutável dentro de mim, a partir do qual o corpo serena e a mente se acalma.

Das turbulências das minhas ondas cerebrais emerge uma ressonância produtiva, que clareia os pensamentos e energiza a mente. A meditação, feita com regularidade, torna-se um processo de reorganização das atividades mentais, uma pausa fortalecedora em meio ao caos do dia a dia.

A meditação, feita com regularidade, torna-se um processo de reorganização das atividades mentais, uma pausa fortalecedora em meio ao caos do dia a dia.

Por que não tentar introduzir a meditação nas escolas? Imaginem uma aula começando com alguns minutos em que todos – alunos e professores – param, sentados em suas cadeiras, respiram profundamente e apenas observam as sensações, como nuvens passando pelo céu das suas consciências. Sem celulares, sem outros estímulos artificiais. Apenas observando.

O potencial para melhoria da aprendizagem é real. Mais conectados consigo mesmos, mais relaxados e mais atentos, professores e alunos produzirão muito mais aprendizagem, sem as distrações mentais que ocorrem neste mundo volátil, incerto, caótico e ambíguo.

E então: já parou para respirar hoje?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 2 de novembro de 2020.

Inteligência Artificial na educação: caminho sem volta

Participar semanalmente do "e por falar em educação", o *podcast* da ABMES, tem sido uma grande oportunidade de aprendizado. Aprendizado, aliás, foi o fio condutor da conversa que tivemos no episódio de número 14, cujo tema foi Inteligência Artificial. Aprendizado de máquinas, mas, sobretudo, aprendizado de gente.

Se por um lado ainda não podemos prever os rumos que a inteligência artificial irá tomar, incluindo se ela será capaz de substituir o ser humano, por outro vivemos uma realidade já impactada por seu potencial e desdobramentos. Ela está presente na ferramenta de *streaming* que utilizamos nos momentos de lazer, nos resultados das nossas buscas on-line e nas assistentes virtuais, por exemplo.

Ainda que de forma tímida, a Inteligência Artificial tem começado a ganhar corpo também em um espaço estratégico na sociedade do século 21: a educação. Além de modelos preditivos capazes de identificar alunos em risco de abandono e robôs habilitados para esclarecer dúvidas, ela é capaz de moldar o ensino de acordo com o conhecimento e as particularidades de cada aluno, resultando em uma educação cada vez mais inclusiva.

Na sociedade moderna, não há mais espaço para o docente que só detém e transmite o conhecimento.

Ao contrário do que uma pequena corrente desorientada quer fazer parecer, a Inteligência Artificial aplicada à educação não veio para substituir o professor. Na verdade, ela dá ainda mais relevância a esse profissional enquanto mediador do conhecimento. Sim, há uma ruptura cultural

em andamento. Na sociedade moderna, não há mais espaço para o docente que só detém e transmite o conhecimento. Hoje, a informação está a um clique do aluno. E a revolução educacional precisa ser estabelecida a partir dessa nova base.

O fato é que a inteligência artificial veio para enriquecer o trabalho do professor, para dar mais instrumentos para que ele compreenda o seu aluno. Veio para que o docente exerça melhor a sua missão. O que ela vai substituir são as tarefas repetitivas, tornando o trabalho do educador mais eficiente e o processo de ensino-aprendizagem mais alinhado às demandas do século 21.

Essa transformação já está em curso e faz parte da realidade de instituições como as que integram o Grupo Ser Educacional. Como explicou, durante o *podcast*, o diretor executivo de serviços e líder de transformação digital do grupo, Joaldo Diniz, a mudança prevista para acontecer ao longo de três anos foi efetivada em quatro meses devido às medidas de distanciamento social impostas pela pandemia de Covid-19.

Para além da iniciativa de cada instituição, contudo, essa nova estrutura educacional demanda professores formados e alinhados com a inteligência artificial enquanto facilitadora do ensino. Atentas a isso, como bem lembrou a diretora de educação da Microsoft

Brasil, Vera Cabral, a empresa e a ABMES estão atuando junto às instituições de educação superior para a inclusão de uma disciplina específica sobre inteligência artificial nos cursos de licenciatura, fazendo com que os futuros professores se apropriem dessa nova realidade ainda no seu processo de formação profissional.

Se no futuro o quadro-negro vai conversar com a gente, se teremos um laboratório em realidade virtual dentro das nossas casas ou se os livros didáticos terão QR Codes com links para conteúdos adicionais ainda não sabemos. Por ora, as únicas certezas são a de que a inteligência artificial é um caminho sem volta e a de que não há tecnologia capaz de superar o elo existente entre um professor e seus alunos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 16 de novembro de 2020.

Gestão educacional

Se não nós, quem?

No Brasil das desigualdades e contradições, quase 40% dos professores que lecionam nos anos finais do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano) e 30% daqueles que atuam no ensino médio não possuem a formação adequada para a disciplina que ensinam. Os dados fazem parte do [Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019](#), divulgado na última semana pelo Todos Pela Educação em parceria com a Editora Moderna.

Entre as justificativas para esse cenário estão, nitidamente, aquelas que refletem a desvalorização do docente brasileiro, como os baixos salários e dificuldade de progressão na carreira. Entretanto, o Todos Pela Educação indica outro elemento determinante para esse desempenho: o conteúdo excessivamente teórico na formação inicial.

Responsável por 62% das matrículas e 70% dos concluintes dos cursos de licenciatura, o setor particular de educação superior consiste em agente estratégico para a transformação desse quadro, o que impactará na qualidade da educação básica e, conseqüentemente, na melhor formação do estudante que chega às nossas instituições. Ganham as pessoas, mas, sobretudo, ganha a nação com uma população mais educada e preparada para fazer girar a engrenagem do desenvolvimento socioeconômico.

Se a incidência sobre aspectos como salários e carreira é algo que vai além do alcance do setor, uma olhada atenta para a formação desses profissionais nos coloca no centro do debate (e da responsabilidade). Levantamento realizado pela Associação

Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), em parceria com a Educa Insights, mostra que apenas 8% dos alunos de cursos presenciais estão em licenciaturas. Nesse contexto, entre 2010 e 2017, houve redução de matrículas em todas as áreas do conhecimento. Já no universo da educação a distância, os estudantes de licenciatura representam 40% do total, com crescimento nas matrículas em todas as áreas no período acima mencionado.

Além de atentar para o perfil do estudante de licenciatura e suas preferências, o setor particular de educação superior precisa lançar mão de prerrogativas como a flexibilidade para a reformulação dos currículos.

Além de atentar para o perfil do estudante de licenciatura e suas preferências, o setor particular de educação superior precisa lançar mão de prerrogativas como a flexibilidade para a reformulação dos currículos. Romper com a percepção de formações teóricas e maçantes por meio de metodologias e tecnologias mais inovadoras, investir na residência pedagógica em parceria com as redes públicas estaduais e municipais e incluir práticas baseadas

em evidências científicas nos currículos é algo que precisa estar no escopo e na missão de todo empreendedor educacional.

A disponibilidade do setor particular de contribuir, de forma decisiva, para a melhoria da qualidade da educação básica está expressa no documento “Educação Superior Brasileira e Inclusão Social: Contribuições do setor particular para o desenvolvimento do país”, produzido pela ABMES e entregue ao Ministério da Educação em janeiro deste ano. Ali, além de reconhecer a melhoria desse nível educacional como elemento imprescindível

para o progresso da nação, o setor ressalta sua capacidade de colaboração em dois eixos estratégicos: formação de professores e gestão das instituições de ensino.

Mais do que um tratado de boas intenções, o documento foi pautado pela percepção da realidade e pela compreensão de que sem o setor particular de educação superior a tão necessária transformação na educação básica não acontecerá. Das nossas instituições saem os profissionais que regem os ensinos infantil, fundamental e médio. Das nossas instituições precisam sair as pessoas que vão promover a revolução educacional que conduzirá o Brasil a novos patamares de qualidade de vida e bem-estar da sua população.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 1 de julho de 2019.

Eficiência na captação de alunos

A captação de alunos é um dos maiores desafios para as instituições de educação superior (IES) atualmente. A alta competitividade do setor, aliada às incertezas econômicas do país, faz com que as estratégias de captação e retenção sejam cada vez mais relevantes para o crescimento e sustentabilidade financeira das IES. Ciente desse desafio, realizamos no começo do mês um seminário especial na ABMES para debater o tema e propor maneiras inovadoras para auxiliar nossos associados.

Além de apresentar um diagnóstico sobre o mercado de educação superior brasileiro, os especialistas que convidamos para o debate colocaram à disposição dos gestores e mantenedores presentes um conjunto de soluções de marketing em educação, para agregar valor às práticas comumente adotadas.

As propostas apresentadas vão desde a oferta de bolsas e descontos, à diversificação da modalidade de ensino oferecido, passando pelas oportunidades oferecidas pelas novas mídias. Assim como na política, uma boa estratégia de divulgação via redes sociais deve ocupar lugar de destaque no *marketplace* das instituições. O simples impulsionamento da oferta de vagas nas mídias sociais, por exemplo, já não é mais uma garantia de sucesso na captação. O planejamento deve englobar inovação, como o envolvimento de micro influenciadores digitais, que podem exercer um papel importante na tomada de decisão dos alunos.

Outro fator relevante para alavancar as matrículas nas IES é a oferta de cursos inovadores, sintonizados com as necessidades da cadeia produtiva nacional. Não adianta chover no molhado, quem quer se destacar, precisa ter diferenciais, e, neste sentido, é crucial disponibilizar à comunidade opções de cursos modernos e mais aderentes aos novos contextos. Naturalmente, isso requer um cuidadoso estudo de viabilidade, público alvo e demanda.

Com relação à diversificação da modalidade de ensino, é bom que se diga que, nos dias atuais, é inadmissível que as IES não se atualizem em relação à modalidade de Educação a Distância (EAD). Com um crescimento virtuoso nos últimos anos, a EAD aparece como uma solução relevante para a captação. São muitas as suas vantagens, tanto para o aluno, quanto para a instituição. Portanto, ficar fora deste segmento é praticamente uma sentença de morte.

Com um crescimento virtuoso nos últimos anos, a EAD aparece como uma solução relevante para a captação.

Por fim, as palavras de ordem são: criatividade e inovação. Os desafios são muitos, mas podem ser transformados em oportunidades se conseguirmos incorporar as diversas ferramentas tecnológicas disponíveis no mercado à estratégia de atuação das IES. Também não podemos esquecer da importância do projeto pedagógico da instituição, que obrigatoriamente precisa estar sintonizado com as reais necessidades do aluno, que serão os profissionais do amanhã.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 18 de novembro de 2019.

Um mergulho no autoconhecimento

As cachoeiras caudalosas de Pirenópolis, em Goiás, foram testemunhas de um momento único nos quase quarenta anos de história da ABMES: lá reunidos durante o feriado de 15 de novembro, 16 membros da equipe administrativa da Associação puderam usufruir de um fim de semana de relaxamento, confraternização e profundo mergulho dentro de si mesmos.

Sob a liderança do professor Klebér Tani, um dos mais respeitados professores de meditação e bem-estar do Brasil, auxiliado pela sua filha Camila, os profissionais da ABMES puderam curtir a natureza, as delícias da culinária goiana, incluindo o famoso e polêmico pequi, e também experimentar e aprofundar o conhecimento da técnica milenar da meditação, que serve para propiciar o autoconhecimento e a redução do estresse.

Ao olhar para dentro de si, o colaborador encontra uma fonte infinita de paz e bem-aventurança, que o sustenta mesmo em tempos difíceis.

Cada vez mais, empresas do mundo inteiro têm apostado na meditação como forma de melhorar a qualidade de vida de seus funcionários e, como consequência, transformar positivamente o ambiente de trabalho, gerando mais empatia, melhor trabalho em equipe e mais produtividade. Ao olhar para dentro de si, o colaborador encontra uma fonte infi-

nita de paz e bem-aventurança, que o sustenta mesmo em tempos difíceis. Afinal, como dizia o filósofo grego Epiteto, somos impactados não pelos fatos em si, mas pela interpretação que damos aos fatos. Uma mente tranquila conduz a uma vida tranquila.

A meditação possui comprovação científica de sua eficácia, amparada por centenas de trabalhos já publicados em periódicos de prestígio mundial. Não é, como muitos pensam, mais uma religião. É uma técnica que pode ser incorporada no dia-a-dia de cada pessoa, e, se praticada duas vezes por dia, durante quinze a vinte minutos, produz uma melhora no bem-estar do praticante, que se reflete em vários aspectos da sua vida, incluindo o lado profissional.

Essa iniciativa foi um passo inicial, pequeno, mudando a direção do pensar e do agir dos que participaram dessa experiência. É preciso dedicação e disciplina, nas primeiras semanas de prática, para que os novos caminhos neuronais do cérebro do praticante possam ser consolidados, através da chamada neuroplasticidade. No entanto, os que persistem testemunham os benefícios da prática. A ABMES, como organização inovadora e acolhedora, se orgulha de impulsionar assim a transformação da vida de seus membros, uma respiração de cada vez.

Bora meditar?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 25 de novembro de 2019.

O desenvolvimento da inteligência emocional na formação e na prática

Muito se fala, no mundo de hoje, sobre a importância da inteligência emocional na futura vida profissional do jovem estudante. É conhecida a máxima de que um profissional é contratado pelas suas habilidades técnicas, e é demitido pelas suas habilidades comportamentais, ou, no caso, a falta delas.

As empresas irão exigir cada vez mais uma proposta pedagógica inovadora e aderente às demandas do mercado de trabalho. Por essa razão, muitas instituições de educação superior (IES) já começaram a incluir em seus currículos as chamadas “*soft skills*”, ou habilidades socioemocionais.

O próximo [Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular](#), o CBESP, terá como tema o empreendedorismo, uma das competências que mais se deseja estimular no século 21. O evento será realizado nos dias 28, 29 e 30 de maio de 2020, no Costão do Santinho, Florianópolis (SC). Será uma grande oportunidade de aprofundarmos as reflexões sobre o papel das IES na formação

dos jovens com as competências e habilidades necessárias.

Essa preocupação com as habilidades socioemocionais está presente também na gestão da própria ABMES. Empresas e organizações que desejam mudar para melhor suas culturas devem investir nas competências comportamentais de seus colaboradores, incluindo a possibilidade oferecer cursos de meditação, a exemplo do que já vem sendo feito na Associação.

Lá, um recente curso de meditação *mindfulness* está sendo realizado com 15 colaboradores, todos muito motivados para aprender essa ferramenta de autoconhecimento, que possibilita mais foco, mais clareza mental e mais produtividade na vida pessoal e profissional.

Pessoas que lidam bem com as suas emoções são mais felizes, mais produtivas e contribuem melhor para o benefício de toda a sociedade. Os ganhos para o ambiente profissional são perceptíveis e, na perspectiva do mercado de trabalho, desenvolver essas competências torna-se indiscutível.

Pessoas que lidam bem com as suas emoções são mais felizes, mais produtivas e contribuem melhor para o benefício de toda a sociedade.

E sua instituição, tem desenvolvido a inteligência emocional de seus colaboradores? Esse é um passo importante para gerar as mudanças necessárias nas práticas acadêmicas. Quando todos trabalham juntos, os resultados são sempre mais positivos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 3 de fevereiro de 2020.

A revolução das EdTechs

O mundo vive hoje uma nova revolução: a revolução das Edtechs. As Edtechs são as *startups* voltadas para a transformação digital da educação, tanto no nível básico quanto no nível superior. Uma das motivações para essa revolução é a necessidade de personalizar o ensino e a aprendizagem, de diminuir a carga burocrática de trabalho do professor e de desenvolver novos currículos, baseados nas habilidades socioemocionais e nas competências pessoais e profissionais para um mundo em constante evolução. Tudo isso sendo impulsionado pelas novas tecnologias, incluindo a inteligência artificial.

Recentemente, participei da criação do Pool Edtech, fundo de investimento em empresas nascentes na área de tecnologia para educação, coordenado pela Bossa Nova Investimentos, do craque João Kepler. O que se pretende é dar oportunidade para esses jovens empreendedores de desenvolver seus conceitos e ideias, transformando-as em novos produtos e acessando mais amplamente o mercado educacional.

A criação de um bem-sucedido ecossistema brasileiro voltado para a inovação educacional passa pelos investimentos em novas *startups*, pela conexão com as universidades e centros de pesquisa nacionais e mundiais e pelo acesso aos mercados globais.

Há enormes oportunidades para crescimento do setor de tecnologia voltada para a educação, a exemplo do que vimos em Israel e

na China, durante as recentes visitas da delegação ABMES de reitores e dirigentes educacionais, que neste ano irá ao Japão.

Temos no Brasil a criatividade, os recursos e as dores para impulsionar essa nascente revolução. Os educadores que se preparem, pois nada será como antes em tempos de grandes rupturas e transformações na educação.

Os educadores que se preparem, pois nada será como antes em tempos de grandes rupturas e transformações na educação.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 24 de fevereiro de 2020.

Mulheres educadoras

O reconhecimento, a valorização e o elogio ao outro são atitudes muito positivas e de resultados preciosos quando as incluímos em nossas práticas diárias. Além de motivadores, contribuem para o bem-estar, o sucesso e o desenvolvimento pessoal e, indiscutivelmente, geram um ambiente interpessoal muito mais harmônico.

Na posição de um ser do sexo masculino, procuro valorizar diariamente as mulheres com quem convivo – que, por sinal, são muitas, a começar pela minha esposa, Andréa, pelas minhas filhas, Giovanna e Gabriela, e pelas muitas colaboradoras que atuam direta e indiretamente comigo, principalmente na UniCarioca e na ABMES.

Todos os que trabalham com educação têm uma dívida enorme com as mulheres.

Por ocasião do Dia Internacional da Mulher, não posso deixar de fazer um registro especial. Todos os que trabalham com educação têm uma dívida enorme com as mulheres. Em geral, tivemos na figura materna nossa primeira educadora, com amor e afeto. Em

seguida, é comum a lembrança das “tias” da educação infantil e do ensino básico, que abriram as nossas mentes para o conhecimento e que nos acolheram no ambiente escolar.

São mulheres que nos deram a vida, nos educaram e nos mostraram um mundo de amor e possibilidades. Na história brasileira, também temos incontáveis personalidades femininas que se destacaram pela trajetória e pelas lutas. Seja na defesa de oportunidades iguais, na valorização da educação como caminho de transformação social, na busca pela educação do aluno como um ser integral, essas mulheres nos inspiram e nos motivam. São exemplos como:

Nísia Floresta (1810-1885) viveu em um período em que as mulheres não tinham acesso à formação e reivindicou que tivessem as mesmas oportunidades que os homens, destacando que a exclusão das mulheres dos espaços de educação sufocava suas potencialidades, tanto na ciência como em cargos públicos.

Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatra, buscou compreender e trabalhar com o inconsciente das pessoas por meio de práticas educativas. Fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, cujo trabalho tinha como princípios a liberdade, a solidariedade, o olhar humano, a paciência, a confiança e o afeto.

Mariazinha Fusari, cofundadora do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP). Por meio de seus projetos de pesquisa na relação entre mídia e infância, colaborou para a ampliação do diálogo entre os campos de conhecimento da comunicação e da educação. É considerada até hoje um dos principais nomes da educomunicação no Brasil.

Maria Teresa Mantoan, pedagoga brasileira, uma das maiores defensoras da educação inclusiva no Brasil, se dedica, na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), ao direito incondicional de todos os alunos à educação escolar de nível básico e superior de ensino.

Apenas alguns poucos nomes para ilustrarmos as mulheres educadoras que nos ensinam pelo exemplo, nos estimulam com novos conhecimentos e nos mostram o caminho das letras, da arte e do crescimento pessoal e profissional.

Nossa gratidão eterna a quem nos deu à luz, nos acolheu e nos educou. Nossa homenagem a todas que possuem a vocação natural para cuidar, para ensinar, para acolher. Nossos parabéns às mulheres educadoras, que ajudam, no dia-a-dia das escolas e universidades, a construir um mundo melhor, uma lição de cada vez.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 9 de março de 2020.

Gestão educacional disruptiva

O tempo dos aventureiros no mercado de educação brasileiro, especialmente superior, já passou. Com o novo cenário gerado pela pandemia de Covid-19, a escassez de recursos e de financiamentos públicos, o aumento da concorrência e a dificuldade de captação de alunos, as instituições de ensino superior dependem cada vez mais de uma gestão profissionalizada e disruptiva.

O ambiente competitivo com o qual lidamos diariamente no setor põe em xeque a aplicabilidade das estratégias de negócios organizacionais utilizadas até agora. Por essa razão, a busca por fórmulas e formatos inovadores e eficazes tem envolvido gestores e acadêmicos, ora focados no plano tático da instituição, ora no modelo de negócio e, mais recentemente, focados nas ferramentas de transformação digital.

Aliás, estas são as palavras de ordem hoje: inovação e transformação digital. A incorporação de novas tecnologias é imprescindível para todos os setores da economia, sobretudo para os atores da área educacional, como é o nosso caso. A área acadêmica das instituições tem a obrigação de oferecer as ferramentas mais avançadas para que os alunos estudem e aprendam na sua própria linguagem e tempo. Isso significa não só o uso de plataformas de *e-learning* (Sistema de Gestão de

Aprendizagem), mas, principalmente, da chamada aprendizagem adaptativa, que personaliza a metodologia de acordo com as características do aluno.

A administração acadêmica precisa usar também as ferramentas de *analytics* de forma que a estratégia educacional possa ser adequada ao perfil de cada turma. Desta forma, a utilização da Inteligência Artificial permite que tutores possam, no primeiro momento, tirar dúvidas do aluno, deixando para o professor as questões mais complexas de definição da própria estratégia de aprendizagem.

Outro ponto muito importante na adoção de ferramentas disruptivas é a separação entre tecnologia, conteúdo e certificação. O detentor da tecnologia já não é mais necessariamente a instituição, pode ser um parceiro, por exemplo. O conteúdo pode vir de qualquer lugar, inclusive do YouTube, e a certificação ainda resiste como o último baluarte de pertencimento à instituição de educação superior.

A direção acadêmica será disruptiva se ela souber aliar tecnologia, conteúdo e certificação com foco nas competências que, de fato, farão a diferença no futuro do mercado de trabalho.

Com relação à parte administrativa, fazer mais com menos é fundamental! Hoje a direção das instituições, considerando a intensa concorrência que enfrentam, deve saber utilizar melhor e de forma otimizada os recursos tecnológicos, financeiros e humanos.

Por falar nisso, não há nada mais disruptivo do que investir no aprimoramento e capacitação das habilidades humanas. É preciso entender que instituições de qualidade não são feitas somente de equipamentos modernos e de novas tecnologias, mas sim

de mentes brilhantes, isso inclui tanto o corpo docente quanto os demais colaboradores que auxiliam no fazer educacional, do porteiro ao auxiliar de laboratório.

Criar um ambiente no qual tanto os funcionários quanto os professores possam se sentir participantes, atuantes e motivados é disruptivo, pois isso impactará diretamente na experiência dos alunos, que certamente estarão bem mais motivados, o que implicará em melhores resultados para a instituição.

Criar um ambiente no qual tanto os funcionários quanto os professores possam se sentir participantes, atuantes e motivados é disruptivo.

Esses são os princípios de uma administração disruptiva no ensino superior, tanto na gestão acadêmica, quanto na condução dos recursos-meio das organizações educacionais. Portanto, instituições modernas e bem-sucedidas jamais devem perdê-los de vista, sob pena de fracassarem em seus modelos de negócio e planos de captação de novos alunos.

Esses são os temas debatidos no [GEduc 2020](#), realizado entre 27 e 31 de julho, que conta com minha participação como moderador do painel “Gestão Disruptiva na Educação Superior: Práticas Promotoras de Perenidade das IES na atual realidade educacional”.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 27 de julho de 2020.

Um matemático na Flórida

Ao entrevistar o empreendedor educacional Antônio Carbonari Netto para o projeto [Movimento Empreendedores de Êxito](#), do Instituto Êxito de Empreendedorismo, mais uma vez fui encantado por sua experiência de vida e por suas ideias disruptivas sobre educação superior.

Carbonari é um dos pilares do desenvolvimento empresarial da educação superior brasileira nos últimos 20 anos. De secretário-geral e pró-reitor acadêmico da Universidade São Francisco (USF), tornou-se em poucos anos um mantenedor de sucesso, consolidando o crescimento da Anhanguera Educacional, hoje parte do grupo Cogna Educação.

Liderou a primeira experiência bem sucedida de IPO de uma instituição educacional na Bolsa de Valores, tornando-se presidente do Conselho da maior empresa educacional do Brasil. Deixou essa atividade para voltar a empreender, criando na Flórida a sua MUST – Miami University of Science and Technology –, após árduo trabalho de convencimento das autoridades locais.

Afinal, como poderia um professor de matemática brasileiro ousar abrir uma instituição universitária em solo norte-americano? Muita ousadia! Como membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), entre 2016 e 2020, destacou-se pelas propostas disruptivas e pelo combate ao “normaticidismo”, ou a asfixia das instituições pelo

excesso regulatório. Agora, com o fim de seu mandato, retorna ao Conselho de Administração da ABMES.

Vencedor, Carbonari conta como a coragem e o foco nas necessidades dos alunos e do mercado sustentaram o crescimento dos seus projetos e diagnostica o excesso de regulação como um dos males a ser vencido no caminho

Menos normas,
mais coragem e
pensamento fora
da caixa.

dos empreendedores. Se escolhido ministro, reduziria em 50% a legislação burocrática, que impede o desenvolvimento do setor. Perguntei o que o Brasil precisaria para ter mais mil “Carbonaris” espalhando iniciativas inovadoras, e ele resumiu o desafio: menos normas, mais coragem e pensamento fora da caixa. O professor de matemática chegou longe.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 7 de setembro de 2020.

A LGPD e a cultura da privacidade nas IES

A ABMES organizou, recentemente, um [seminário sobre o impacto da Lei Geral de Proteção de Dados](#), a LGPD, tendo como foco as instituições de educação superior (IES). Com a presença de renomados especialistas, pudemos debater todas as questões que envolvem essa nova cultura da privacidade. A palavra-chave é transparência, a partir da qual todas as atividades de tratamento de dados deverão ser devidamente mapeadas, e deverá ser construído um modelo adequado de governança da privacidade, envolvendo todas as áreas da instituição.

O doutor Humberto González, especialista nas áreas de Adequação à LGPD e Serviços de DPO (*Data Protection Officer*), apresentou um relevante *checklist* de tudo o que deve ser levado em conta por parte das organizações educacionais, que devem envolver toda a comunidade no seu planejamento. Segundo ele, essa é uma forma das IES ganharem maior reputação, mostrando o devido respeito aos dados sensíveis dos alunos.

O doutor Fabrício Alves, representante do Senado Federal no Conselho Nacional de Proteção de Dados Pessoais e da Privacidade, lembrou que existe hoje um vácuo regulatório, e que as sanções administrativas terão início a partir de agosto de 2021. No entanto, as instituições não devem perder mais tempo,

alerta ele, e precisam focar na comunicação com seus alunos, professores e funcionários.

A doutora Patrícia Peck, advogada especializada em Direito Digital, Propriedade Intelectual, Proteção de Dados e Cibersegurança, lembrou que a LGPD se encaixa no contexto da transformação digital da educação e afirmou que as escolas são constituídas por comunidades e conhecimentos, recomendando então a formulação de uma agenda positiva para tratar dos três riscos: vazamento dos dados, transparência no tratamento desses mesmos dados e, por fim, o que fazer com o legado, dados anteriores à própria lei. Sugere ela que a instituição defina um projeto, crie um comitê gestor e elabore prazos e metas para que a cultura da privacidade entre em funcionamento ao longo dos próximos meses e anos.

Como conclusão, trata-se de um complexo desafio, mas também de uma grande oportunidade para as IES mostrarem o acolhimento e o respeito aos seus estudantes, que passam a ser os titulares dos seus próprios dados, evitando-se assim riscos à reputação causados por problemas decorrentes dos erros no tratamento desses dados.

A transformação digital da educação começa pelo respeito à individualidade dos estudantes, professores e funcionários. Esse é um exemplo a ser dado por todos.

Trata-se de um complexo desafio, mas também de uma grande oportunidade para as IES mostrarem o acolhimento e o respeito aos seus estudantes.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 28 de setembro de 2020.

Responsabilidade social da educação superior particular na pandemia

A responsabilidade social faz parte do cerne da constituição das instituições de ensino superior (IES). É um propósito que passa pela formação integral dos futuros profissionais e pela construção de conhecimentos que promovam um mundo melhor e o bem-estar da sociedade. No contexto pandêmico que vivemos, o papel social das IES se tornou ainda mais relevante.

Enquanto muitas salas de aula ainda estão fechadas em razão da pandemia do novo coronavírus, as faculdades, centros universitários e universidades particulares têm tido participação ativa – fisicamente e on-line – no apoio e na promoção de soluções em prol das comunidades locais. Na área da saúde, mantêm a população informada sobre a prevenção e os cuidados sanitários, auxiliam nas pesquisas, no diagnóstico e no monitoramento de casos de Covid-19.

Também oferecem atendimentos psicológicos, rodas de conversa e palestras relacionadas à saúde mental. Ainda no início da

pandemia, uniram esforços para arrecadar e distribuir cestas de alimentos, identificaram os alunos mais necessitados, ofertaram chips de acesso à internet (ou planos subsidiados), doaram equipamentos para que eles continuassem assistindo às aulas remotas e tantas outras ações foram realizadas.

No mundo pós-pandemia, a colaboração e o suporte oferecidos pelas ações cidadãs promovidas continuarão sendo representativas para a reconstrução econômica, criando soluções viáveis e inovadoras, em especial, nas comunidades com menores condições socioeconômicas. Por isso, centenas de cursos online de capacitação tiveram acesso liberado gratuitamente. Afinal, é função do setor educacional promover a inclusão social, a transformação de vidas e apoiar o poder público onde ele é mais carente.

Atualmente, o setor privado de educação superior mobiliza mais de 6 milhões de estudantes e, com eles, um grande potencial de colaboração e transformação social. Trata-se de um compromisso que ressalta às IES a preocupação com as pessoas que compõem a comunidade acadêmica, as sociedades local e global, o meio ambiente e o mercado de trabalho, sob as perspectivas ética, econômica, cultural e política. As IES são responsáveis pela formação de cerca de 70% dos professores em todos os cantos do Brasil, profissionais que se tornaram verdadeiros heróis, garantindo que as aulas continuassem a partir de suas casas enquanto as escolas permaneceram fechadas.

Esse envolvimento se tornará ainda mais intenso a curto prazo. Se hoje as ações voltadas para a responsabilidade social fazem parte do rol de dimensões de avaliação institucional do Ministério da Educação, a partir do final do próximo ano passa a vigorar a resolução que determina às IES direcionarem 10% da carga

Cientes da responsabilidade social intrínseca à missão de educar e motivadas pela possibilidade de formar não apenas profissionais, mas cidadãos conscientes do seu papel na construção de uma nação menos desigual, as instituições de todo o Brasil empenham cada vez mais esforços para fazer a diferença.

horária total de cada curso aos projetos de extensão. Cientes da responsabilidade social intrínseca à missão de educar e motivadas pela possibilidade de formar não apenas profissionais, mas cidadãos conscientes do seu papel na construção de uma nação menos desigual, as instituições de todo o Brasil empenham cada vez mais esforços para fazer a diferença.

Setembro é tradicionalmente o mês da Responsabilidade Social para a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). A entidade promove, desde 2005, uma campanha incentivando as faculdades, centros

universitários e universidades – associados ou não – a intensificarem e darem ainda mais visibilidade aos projetos sociais que promovem ao longo do ano em todo o território nacional. A partir da comprovação de suas ações, as IES recebem da ABMES o “Selo de Responsabilidade Social” atestando o compromisso com o bem-estar social da comunidade e com seu desenvolvimento sustentável.

Ao longo dos 15 anos de história, a *Campanha de Responsabilidade Social do Ensino Superior Particular* soma mais de 16 milhões de atendimentos em diversas áreas, como atividades esportivas, de conscientização ambiental, consultoria jurídica, orientação profissional, assistência à saúde, serviços de estética, atividades

culturais, oficinas pedagógicas, de informática, entre tantas outras. A cada ano, em média, 800 IES participam do chamado da ABMES e fazem com que a campanha seja consolidada como a principal atividade do setor de educação superior voltada para as comunidades nas quais as instituições estão integradas.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 5 de outubro de 2020.

Professores empreendedores

Em recente participação no programa *Conversa com Bial*, o ex-presidente e atual vice-presidente da ABMES, Janguê Diniz, debateu com o professor Celso Napolitano, presidente da Federação dos Professores do Estado de São Paulo, a questão da expansão da educação a distância no Brasil.

Durante o debate, mostrando pontos de vista divergentes, ficou claro que muitos sindicalistas ainda acreditam em um modelo do professor como único dono e entregador do conhecimento. Essa não é mais a realidade.

O professor transformou-se em um facilitador da aprendizagem, sabendo que os estudantes podem acessar fora da sala de aula múltiplas fontes de conhecimento.

O professor transformou-se em um facilitador da aprendizagem, sabendo que os estudantes podem acessar fora da sala de aula múltiplas fontes de conhecimento.

Por isso, no modelo da educação a distância, a figura do tutor é um apoiador das atividades de aprendizagem do aluno, não podendo ser comparado com os professores tradicionais de sala de aula.

Em um mundo cada vez mais competitivo pela atenção dos estudantes, cabe a esse novo professor a tarefa de gerar engaja-

jamento dos estudantes com os conteúdos, muitas vezes em formato digital, e para isso novos talentos e habilidades serão cada vez mais exigidos. Pode-se vislumbrar, no futuro, um número pequeno de professores atingindo um volume muito grande de estudantes, através da mediação tecnológica.

Esses serão verdadeiros empreendedores de si mesmos, capazes de gerar atenção e engajamento pela qualidade do conteúdo e também pela destreza da sua comunicação com os estudantes. Podemos imaginar, também, em um futuro não tão distante, consórcios de instituições sendo formados para oferta de conteúdos produzidos por grandes profissionais do mercado, em formato de cursos de extensão. Para que possam se adaptar e prosperar neste admirável mundo não tão novo assim, o que se chama hoje em dia de “novo normal”, os professores deverão se ver como empreendedores do conhecimento, incentivando as suas marcas próprias e buscando formas de alcançar um número cada vez maior de estudantes, através de plataformas digitais transnacionais.

Essa é uma realidade inexorável, à qual muitos interesses corporativistas ainda resistem, baseados em um modelo de sala de aula que ficou obsoleto.

A força do professor está no seu conhecimento e no seu talento para transmitir o conhecimento, e não mais em títulos ou em cátedras exclusivas e estanques. Quem souber se adaptar a esse novo modelo terá espaço crescente na sociedade pós-digital.

Vamos nos preparar para essa nova realidade?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 12 de outubro de 2020.

Vidas negras importam, e elas precisam respirar

"I can't breathe", ou "não consigo respirar", em português. Três palavras que, em 2020, embalaram protestos contra o racismo em diversas partes do planeta. No Brasil, na última sexta-feira, 20 de novembro, foi celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra, no mesmo dia em que um rapaz negro, João Alberto Silveira Freitas, foi agredido até a morte por seguranças de um supermercado, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Acontecimentos trágicos e datas comemorativas costumam mobilizar a sociedade para pautas que, geralmente, ficam em segundo plano no nosso dia a dia. Mas vivemos em um país composto por 55,8% de negros e pardos, representatividade que não se reflete, por exemplo, nos cursos de graduação, onde essa parcela da população consiste em 32% dos estudantes.

Não preciso mencionar os impactos socioeconômicos e nem as razões pelas quais negros e pardos têm maior dificuldade de acessar a educação superior no Brasil. Todos sabemos do passado escravagista e seus reflexos no presente, incluindo uma boa dose de preconceito racial.

Mas se conhecemos essa realidade, por que ainda fazemos tão pouco para mudá-la? Toda diversidade deve, e precisa, ser

valorizada. Seja ela étnica, cultural ou de ideias. Apenas para me ater ao ambiente acadêmico, são incontáveis os benefícios da riqueza multicultural em sala de aula.

Para que todo esse potencial seja aproveitado, as instituições de educação superior precisam estar atentas a questões como o estímulo à tolerância e, nos cursos de licenciatura, à formação de docentes preparados para educar com e para a diversidade.

As instituições também podem ser protagonistas dessa transformação por meio de iniciativas como o Movimento Ar – Vidas Negras Importam, encabeçado pela Faculdade Zumbi dos Palmares em parceria com a Sociedade Brasileira de Desenvolvimento Sociocultural (Afrobras).

A ação consiste em uma mobilização voluntária com o propósito de realizar mudanças concretas para vidas negras e transformações sociais. A ABMES faz parte da iniciativa e todas as instituições de educação superior também podem fazer.

Sabemos que o setor particular de educação superior tem um papel relevante ao viabilizar a inclusão social das camadas menos favorecidas na graduação. Por isso, precisa seguir defendendo a manutenção de políticas de acesso como o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade para Todos (ProUni).

Por terem como foco pessoas de baixa renda, esses programas beneficiam, em grande parte, pessoas negras e pardas. Para se ter uma ideia, em 2018, 61% das bolsas do ProUni foram concedidas para estudantes negros e pardos.

Em alguns casos, o ar que falta aos negros é literal. Em outros, ele é a representação das desigualdades, do preconceito e da fal-

Em alguns casos, o ar que falta aos negros é literal. Em outros, ele é a representação das desigualdades, do preconceito e da falta de oportunidades que incidem sobre eles.

ta de oportunidades que incidem sobre eles. Para ambos os casos, o antídoto é a educação. Educação para a tolerância. Educação para a cidadania. Educação para a transformação social.

Um mundo mais justo e igualitário passa pela educação, e todos nós temos responsabilidade na construção de uma nova realidade na qual não falte mais ar. A ninguém.

Artigo publicado no ABMES Blog em 23 de novembro de 2020.

A reinvenção do professor

Entre 2015 e 2019, mais de 500 mil educadores brasileiros foram formados em cursos de educação a distância. Além disso, em 2019, pela primeira vez o número de pedagogos e licenciados na modalidade não-presencial foi superior àquele verificado nos cursos presenciais.

Esses dados do Censo da Educação Superior, publicados entre 2016 e 2020, mostram como a migração dos estudantes dos cursos de pedagogia e licenciaturas para os cursos não-presenciais já era uma tendência antes mesmo da pandemia de Covid-19 impor mudanças significativas ao processo educacional.

Apesar disso, mesmo acostumados aos ambientes virtuais de aprendizagem, a maior parte dos professores teve dificuldades para sair da sala de aula convencional e lecionar nas salas de aula virtuais quando a pandemia exigiu essa nova realidade. A explicação para isso, acredito, está na forma como esses profissionais ainda são formados, seja em cursos presenciais ou a distância.

É bem verdade que a aceleração do processo ocorrida em virtude da pandemia dificultou que essa migração acontecesse de forma mais estruturada, com profissionais devidamente capacitados para tal. Contudo, ela também jogou luz sobre o tipo de docente que está sendo preparado nas instituições de educação superior brasileiras: um docente ainda pouco conectado com as demandas e com a realidade do século 21.

O uso de metodologia mais ativa e o novo papel do docente estão postos e precisam ser incorporados à formação dos novos professores.

Não podemos negar que a revolução digital chegou para ficar na educação. Tendências como o ensino híbrido e o uso das novas tecnologias na formação educacional são caminhos sem volta. Não podemos mais imaginar uma sala de aula igual à que tínhamos pré-pandemia. O uso de metodologia mais ativa e o novo papel do docente estão postos e precisam ser incorporados à formação dos novos professores.

Como exigir dos docentes uma educação direcionada para desenvolver nos estudantes as *soft skills* - tão valorizadas nos tempos atuais - se eles sequer tiveram essas habilidades desenvolvidas ao longo do seu processo de formação? O novo ensino médio que está sendo implementado no país prioriza o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a capacidade de trabalhar em equipe e de resolver problemas, mas até que ponto os 2,2 milhões de docentes da educação básica estão preparados?

A conjuntura atual demanda urgência na revisão dos currículos dos cursos de Pedagogia e licenciaturas de modo a equacioná-los com as necessidades do século 21. Além de desenvolver suas próprias habilidades comportamentais, os graduandos desses cursos precisam aprender como desenvolvê-las nos seus alunos. Também é preciso estar preparado para lidar com aulas cada vez mais dinâmicas e engajar os estudantes no processo de ensino-aprendizagem, algo cada vez mais complexo diante da

“concorrência” com os inúmeros fatores externos à sala de aula que disputam essa mesma atenção.

Por fim, a nova formação do docente precisa estar centrada na construção de designers de ambiente de aprendizagem. Como é amplamente sabido, hoje a informação está a um clique de distância. Portanto, o desafio é orientar os estudantes nas suas jornadas para que o emaranhado de informações disponíveis seja transformado em conhecimento, fazendo dos docentes, cada vez mais, curadores de conhecimento.

Ao contrário de profissões que desapareceram, e de muitas outras que desaparecerão nos próximos anos, o professor não será substituído. A sua inteligência criativa e sua capacidade de estimular as pessoas não é algo que possa ser desempenhado por algoritmos. Contudo, um novo horizonte está posto e precisa ser alcançado. A reinvenção do professor é urgente. O novo mundo tem pressa.

Artigo publicado no [Estadão](#) em 29 de dezembro de 2020 e no [ABMES Blog](#) em 1 de fevereiro de 2021.

O tempo urge

Como diz o poeta, “os sonhos não envelhecem”, mas quais as consequências de postergarmos alguns deles? E se o sonho em questão for o de cursar uma graduação? Neste caso, além da frustração pessoal, há um significativo impacto social.

Em ambas as perspectivas preocupam os resultados da pesquisa [Observatório da Educação Superior: análise dos desafios para 2021 – 1ª edição](#), segundo a qual 38% dos estudantes brasileiros têm a intenção de iniciar um curso superior apenas no segundo semestre de 2021 quando, acreditam, a vacinação em massa contra a Covid-19 já estará em andamento e será possível um retorno mais seguro às salas de aula.

Realizado pela empresa de pesquisas educacionais Educa Insights em parceria com a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), o levantamento feito em janeiro verificou um crescimento de 14 pontos percentuais, em relação a novembro de 2020, no número de estudantes que pretendem adiar para o segundo semestre de 2021 o início da graduação, em um claro desdobramento do recrudescimento da pandemia em território nacional e das dificuldades econômicas adicionais trazidas com o fim do auxílio emergencial.

Caso esse cenário se concretize, o prognóstico não é positivo para um país que tem na falta de mão de obra qualificada um dos seus principais entraves para o desenvolvimento socioeconômico. Em quatro ou cinco anos, tempo médio de uma graduação, podemos ter um apagão de novos profissionais entrando no mercado.

Trata-se de um quadro que demanda medidas emergenciais com o objetivo de estimular o ingresso dos estudantes ainda no primeiro semestre de 2021. E, dados o contexto e a urgência, pois o semestre letivo já foi iniciado em grande parte das instituições de educação superior, cabe às IES incidirem para reverter essa tendência.

Em quatro ou cinco anos, tempo médio de uma graduação, podemos ter um apagão de novos profissionais entrando no mercado.

Para isso, podem ser adotadas medidas como melhoria das condições de oferta comercial do curso e adaptações no semestre letivo. Vale lembrar que, em virtude da excepcionalidade do momento, está suspensa a obrigatoriedade relativa aos dias letivos, tendo sido mantida a exigência relativa à carga horária.

Nesse sentido, podem ser adotadas medidas como a criação de turmas intensivas com o início das aulas em abril, após a divulgação do resultado do Sisu, já que muitos estudantes preferem aguardar a seleção das instituições federais antes de se matricularem em uma IES particular. Outra opção seria convocar esses estudantes para se matricularem desde já com a garantia de recebimento do recurso investido caso sejam classificados para uma instituição pública.

A situação é grave e as instituições particulares de educação superior precisam assumir o protagonismo no desate desse nó. Caso contrário, além da sustentabilidade das instituições, estarão em jogo os sonhos de milhares de jovens e o futuro da nossa nação. Depois, como diz o dito popular, “não adianta chorar sobre o leite derramado”. O dia é hoje. A hora é agora.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 15 de fevereiro de 2021.

Novo normal, novos tecnólogos

O “novo normal”, imposto pela disseminação do novo coronavírus ao redor do planeta, trouxe novos desafios, novas rotinas e novas demandas a uma sociedade que já estava submersa em um contexto altamente disruptivo e pautado por novas diretrizes e novos conceitos.

O uso excessivo da palavra “novo” e suas variações no parágrafo acima pode soar como uma simples pobreza de linguagem, mas, na verdade, é reflexo do turbilhão de transformações pelas quais estamos passando nesta terceira década do século 21. Se, por um lado, a pandemia de Covid-19 expôs fragilidades, por outro, ela acelerou tendências e mudanças comportamentais como nunca antes experimentadas pela humanidade.

Nesse novo cenário, um mercado fortemente impactado foi o de carreiras digitais. Temos visto uma verdadeira explosão na demanda por profissionais em áreas como internet das coisas (IOT), cibersegurança, inteligência artificial, design digital, mídias sociais, entre outras. Além do imediatismo da necessidade, tratam-se de profissões que podem ser muito bem formadas por cursos de curta duração, ofertados enquanto houver a demanda.

É por isso que as instituições de educação superior mais atentas às demandas e às oportunidades já estão investindo em cursos superiores de tecnologia com novas diretrizes, focadas em currículos mais flexíveis, parcerias com grandes marcas – como

Microsoft, Cisco e Google – para certificações conjuntas e em professores com perfil mais profissional e menos acadêmico.

Além de tradicionalmente mais curtos, ofertados em períodos que podem chegar a 18 meses, outra grande vantagem dos cursos superiores de tecnologia é a possibilidade de serem criados rapidamente, beneficiando tanto o mercado de trabalho quanto uma parcela expressiva da população que vislumbra nessas novas profissões uma oportunidade para melhorar de vida ou até mesmo como alternativa ao desemprego.

Outra vantagem competitiva desses cursos no “novo normal” é a constatação da sua eficácia quando ofertados de forma remota e com simulações em laboratórios virtuais. Disseminado a partir da necessidade de distanciamento social, o ensino remoto deve ser uma herança da pandemia de Covid-19 a ser integrada à rotina da educação superior, com amplo potencial de fortalecimento dos cursos tecnológicos.

A nova realidade trouxe oportunidades que precisam ser abraçadas pelas instituições de educação superior. Além de impactarem na sustentabilidade das IES, elas são essenciais para a construção da nova sociedade no pós-pandemia.

A nova realidade trouxe oportunidades que precisam ser abraçadas pelas instituições de educação superior.

Para auxiliar nesse processo, faculdades, centros universitários e universidades brasileiras podem contar com iniciativas como a **parceria institucional** firmada entre a ABMES e a Microsoft, por meio da qual instituições associadas têm acesso a um programa de capacitação gratuita em inteligência artificial para professores e estudantes. Ainda que não seja uma solução voltada para a cria-

ção de cursos tecnológicos, trata-se de um primeiro passo rumo a um novo universo que precisa ser desbravado pelas instituições.

As novas peças estão apresentadas no complexo tabuleiro do “novo normal”. É hora de as IES investirem em novos cursos superiores de tecnologia como laboratórios de inovação e de prospecção de oportunidades no novo mundo de trabalho. O tempo é novo para todos. E novos devem ser o ânimo e a disposição para o novo. De novo.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 22 de março de 2021.

Políticas públicas

Pátria livre e educadora

Nos dias 14 e 15 de maio deste ano, será realizada a 8ª edição do Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (VIII CBESP). Acho oportuno que o tema central seja o Brasil de hoje, suas realidades e as tendências para o futuro da educação superior. Não haverá futuro para o Brasil sem que a educação seja tratada condignamente, como a mais alta prioridade social.

Vejam alguns números recentes: ainda temos 10% de analfabetos em nossa população; no último Enem, 529 mil candidatos tiraram zero na redação; apenas 15% da população entre 18 e 24 anos estão na universidade. São dados que nos afligem, mostrando o quanto ainda é preciso melhorar.

Com essa situação bem distante do ideal, devemos trabalhar para que a Educação seja um projeto de toda a nação, e não apenas de um governo. A frequente troca de ministros não deveria impactar o cumprimento das políticas públicas em Educação. As metas do Plano Nacional de Educação (PNE), aprovadas pelo Congresso, são de toda a sociedade, e por elas devem se guiar os atores que ocupam cargos de gestão da educação.

Entre os principais desafios no ensino fundamental, a serem enfrentados pelo novo ministro, Renato Janine Ribeiro, um intelectual respeitado, estão a melhoria da gestão das escolas públicas, a valorização e capacitação dos professores e a implantação de currículos mais modernos e flexíveis, sintonizados

com os avanços da tecnologia. Há que se melhorar a qualidade, e muito.

No ensino médio, é necessária uma nova proposta de currículo, para que ele não seja apenas um preparatório de alto luxo para o ingresso no ensino superior. Nesse nível, as universidades públicas e particulares podem e devem contribuir, com parcerias na capacitação de professores, no apoio ao ensino de disciplinas críticas como português e matemática e também na orientação vocacional dos estudantes.

Quanto à educação superior, o desafio é expandir o sistema, com qualidade. O aumento excessivo da regulação nos últimos anos não deveria inibir o talento empreendedor dos educadores brasileiros, nem discriminar as pequenas e médias instituições de ensino, que prestam um serviço de alto relevo social. Grande parte delas atua em municípios onde a iniciativa pública não se faz presente.

É preciso também fortalecer e ampliar programas exitosos, como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e o Financiamento Estudantil (Fies), fazendo os ajustes necessários para que eles tenham a desejada sustentabilidade. Nesse ponto, nunca foi tão importante o diálogo com o setor particular, detentor de mais de 70% da oferta de vagas no ensino superior. Queremos ser tratados como os parceiros que somos para o êxito dessas iniciativas.

Acima de tudo, teremos a chance, no VIII CBESP, de promover o diálogo entre o setor público e a

Sem a necessária liberdade para empreender, não se constrói uma verdadeira pátria educadora e soberana.

iniciativa privada, para que, de mãos dadas, possamos superar os grandes desafios da educação superior nesse momento delicado de ajuste da economia do País, sempre com os dois pés no chão e com os olhos voltados para o futuro que queremos. Sem a necessária liberdade para empreender, não se constrói uma verdadeira pátria educadora e soberana.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 15 de abril de 2015.

Burocracia: mal necessário? Definitivamente, não

A revisão e a desburocratização de alguns processos relacionados à regulação, supervisão e avaliação da educação superior brasileira é uma demanda antiga do setor particular. Não é exagero afirmar que os empreendimentos educacionais estão entre os grupos mais regulados do país, isso se não for o mais regulado.

É como se a legislação partisse do pressuposto de que o empreendedor educacional, ao exercer seu direito constitucional à livre iniciativa, o estivesse fazendo de forma irresponsável, sem comprometimento com o resultado do serviço que oferta. Esquece-se que, na maior parte dos casos, o surgimento do empresário é consequência de uma vida dedicada à docência.

Ao que tudo indica, contudo, o atual Executivo Federal possui outro entendimento sobre a relevância e o comprometimento do setor. Presente ao XII Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (XII CBESP), o ministro da Educação, Abraham Weintraub, foi enfático ao ressaltar a disposição do

Os empreendimentos educacionais estão entre os grupos mais regulados do país, isso se não for o mais regulado.

governo em desburocratizar processos. “Qual a razão de criar um monte de regras entre uma pessoa que quer estudar e uma instituição que quer ensinar?”, questionou para, na sequência, afirmar que propostas do setor seriam muito bem-vindas.

E foi exatamente com o objetivo de fazer uma devolutiva a essa fala que dirigentes do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular compareceram, no último 3 de julho, na sede do Ministério da Educação, para entregar a Weintraub um documento com treze propostas para o aprimoramento da atual regulação. São medidas que visam otimizar a supervisão e a avaliação das instituições de educação superior (IES), além de promover a desobstrução regulatória, desonerando o Estado e aperfeiçoando processos.

Cientes dos prazos e processos legais, neste primeiro momento o Fórum concentrou seus esforços na adequação de atos infralegais, ou seja, aqueles que podem ser alterados por meio de portarias. Isso não significa que processos que demandem alterações em leis, como o Mais Médicos, serão negligenciados. Contudo, acreditamos que um retorno rápido à solicitação do ministro, bem como focar em medidas capazes de serem alteradas no âmbito do próprio ministério, consiste na melhor estratégia para termos de forma mais breve a solução para alguns entraves que apenas dificultam o dia a dia das instituições, sem trazer qualquer benefício concreto para a qualidade do ensino ofertado pelas IES.

Entre as proposições estão a implantação de uma comissão única e multidisciplinar de avaliadores do Instituto Nacional de Estudos e Estatísticas Educacionais Anísio Teixeira (Inep); a utilização do Conceito Institucional (CI) para o reconhecimento de cursos; a dispensa de avaliação para autorização de curso quando este já tiver sido reconhecido satisfatoriamente em outra modalidade;

e a permissão para que as faculdades registrem seus próprios diplomas.

Dono de uma personalidade pragmática, o ministro Weintraub foi bastante receptivo às demandas e manteve seu posicionamento de apoio ao crescimento e à maior liberdade do setor particular de educação superior. De nossa parte, acreditamos que, se implementadas, as proposições trarão reflexos imediatos no cotidiano das instituições, possibilitarão maior autonomia e impulsionarão o desenvolvimento das IES particulares de todo o país.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 8 de julho de 2019.

Nós temos a força

Incentivar a pesquisa é fundamental para o desenvolvimento do Brasil e o setor particular de educação superior tem uma importante contribuição a dar nesse sentido. Contrariando o senso comum de que apenas as instituições públicas fazem pesquisa, dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) indicam que quase 20% dos programas de pós-graduação *stricto sensu* do país estão instalados nas instituições privadas.

Esse e outros números foram apresentados pela diretora de avaliação da Capes, Sônia Nair Bábó, durante o [seminário de julho](#) da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). O evento teve como objetivos discutir a política de pós-graduação *stricto sensu* nas modalidades presencial e a distância; tratar do sistema de avaliação da Coordenação; e ainda jogar luz sobre a importância da representação do setor de educação superior particular na formulação, no acompanhamento e na avaliação do Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG).

Por sua capilaridade, o setor particular é fundamental, por exemplo, para o processo de interiorização dos programas de pós-graduação que, atualmente, estão centrados nas áreas litorâneas. Outro aspecto favorecido por essa ampla cobertura do território nacional consiste na possibilidade de as instituições particulares de educação superior atuarem junto a agentes locais de desenvolvimento na construção de alternativas sociais para as comunidades nas quais estão inseridas.

A produção científica brasileira está na 13ª posição de um *ranking*

liderado por Estados Unidos, China, Inglaterra e Alemanha. Ao contrário de nações que têm como costume investir no campo da ciência, aqui essa produção está intimamente atrelada à pós-graduação *stricto sensu*, universo que possui ampla possibilidade de crescimento.

Entretanto, a exemplo do que ocorreu na graduação, se não for por meio das instituições particulares, dificilmente o país atingirá um nível satisfatório de formação de recursos humanos qualificados, já que entraves como maior burocracia e ausência de recursos têm impactado nos investimentos governamentais em todos os níveis de ensino.

Se não for por meio das instituições particulares, dificilmente o país atingirá um nível satisfatório de formação de recursos humanos qualificados.

Para que esse desenvolvimento ocorra, é essencial que o poder público reconheça a relevância do setor particular de educação superior e o inclua nos processos de formulação do marco legal e das políticas públicas para a área. O setor privado tem total condição e quer colaborar com a próxima edição do PNPG, por exemplo, mas não como ouvinte ou colaborador eventual. O setor está preparado para atuar efetivamente nas discussões no âmbito dos grupos de trabalho e das comissões. Existem sugestões concretas a serem apresentadas.

É visível a necessidade de aproximação entre o setor particular de educação superior e a Capes de modo a estimular o *stricto sensu* nas instituições privadas. Todos os pontos sintetizados aqui, e outros mais, foram apresentados à Coordenação durante o seminário da ABMES. A expectativa é de que essa semente renda bons frutos.

Ao menos do lado de cá, ela já germinou. O desenvolvimento da pós-graduação *stricto sensu* entrou definitivamente na agenda do setor particular de educação superior.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 15 de julho de 2019.

Futuremo-nos

Tempos de sociedade 5.0, realidade virtual e conhecimentos disruptivos demandam novas formas pensar, produzir, gerir, se relacionar. Apesar disso, seguimos atrelados a comportamentos e normativas estabelecidas, em grande parte, no século passado. Nem sempre é simples romper com paradigmas e substituir premissas consolidadas por novos desafios e formas de relacionar com o que nos cerca, mas, no atual contexto, isso deixou de ser opcional.

Em outubro de 2018, a segunda delegação internacional da ABMES visitou Israel, um dos países mais inovadores do planeta. Apesar das raízes fincadas em tradições milenares, a “nação das *startups*” conseguiu se reinventar e estabelecer padrões de inovação que hoje são perseguidos por inúmeros países.

Não é exagero afirmar que boa parte do desempenho israelense foi calcado no modelo educacional vigente no país, em especial o relacionado à educação superior. Para além da autonomia na forma de transmitir conteúdos, as instituições israelenses têm a inovação e o empreendedorismo como eixos de formação dos estudantes, o que resulta em dezenas de projetos inovadores, muitos dos quais gerando patentes e/ou *startups*.

Além de projetar as universidades a elevados níveis de desenvolvimento, essa compreensão ampla sobre o processo de formação profissional integra um modelo de gestão no qual, mesmo sendo públicas, as instituições israelenses possuem grande parte dos seus recursos financeiros provenientes de outras fontes que não a governamental.

Trata-se de um contexto que, em certa medida, dialoga com a recente proposta de modificação do financiamento das universidades públicas brasileiras apresentada pelo Ministério da Educação. Intitulado Future-se, o programa possui ousadia e inovação capazes de conduzir essas instituições a um novo panorama mais próximo da realidade e das necessidades atuais.

Para além do aprimoramento da gestão, a captação de recursos privados tem tudo para contribuir para a melhor utilização dos recursos públicos destinados às universidades, bem como para o crescimento da produção científica em quantidade e qualidade. A proposta supera a dicotomia entre público e privado em nome da construção de algo muito maior e que pode ser o início da jornada rumo a uma cultura mais inovadora.

É verdade que muito ainda precisa ser esclarecido sobre como o Future-se vai ser efetivamente implementado e quais serão os passos para que essa transformação ocorra. Ainda não foi dito, por exemplo, como ficará o financiamento das áreas relacionadas às ciências humanas, que são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa tecnológica, mas não geram *startups*. O repasse de um percentual fixo do que for captado pelas outras áreas pode ser uma alternativa.

O atual modelo de financiamento estatal da educação já se mostrou superado.

O atual modelo de financiamento estatal da educação já se mostrou superado. Para além dos gargalos operacionais, os sucessivos contingenciamentos e cortes de recursos evidenciam a falta de capacidade do governo de arcar com a integralidade dos custos de uma educação superior públi-

ca e gratuita. Estamos diante de um projeto que se propõe a conduzir o país a um futuro que já é presente em outras nações. Por mais que a quebra de paradigmas possa ser dolorida, ela é muitas vezes necessária.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 22 de julho de 2019.

Simplificar para avançar

Como sintetiza o dito popular, “já caiu em boca de Matilde” que o Brasil possui a maior carga tributária do globo. Todos os anos, o brasileiro trabalha meses apenas para pagar impostos. Em 2019, esse período foi encerrado em 2 de junho. Foram 153 dias de trabalho somente para arcar com todos os tributos que pesam sobre seus rendimentos, bens e consumo.

IPVA, IPTU, IRPF são algumas das siglas que integram a suculenta sopa de letrinhas em que consiste o nosso sistema tributário. Talvez sejam as mais populares, por serem aquelas com as quais todo cidadão se depara ao menos uma vez por ano. Acontece que o complexo sistema brasileiro é composto de muitas outras letras repletas de significados, e cifras, como PIS, Cofins, IOF, CSLL, ISS, ICMS, IPI, ITR e diversas outras que compõem a quase infindável lista de impostos do país.

Os entraves e as injustiças de um sistema com múltiplos tributos, contudo, vão além da dificuldade para decorar cada uma dessas letras e seus significados. Brechas para sonegação, estrutura maior de fiscalização e a burocratização estão entre as consequências de se ter um arranjo tão complexo. E ainda tem o debate sobre o fato de que quem ganha muito paga pouco e vice-versa.

Por tudo isso é que volta a ganhar força o debate sobre uma reforma tributária que direcione o país rumo às necessidades e possibilidades do Século XXI. O objetivo é que seja implementado

um sistema capaz de conduzir a nação à era da modernidade no que diz respeito a sistema tributário e que simplificará a vida de empreendedores e cidadãos brasileiros.

É preciso que se pense em um regime especial de tributação para a educação.

Trata-se de uma modernização que não acontecerá sem uma efetiva simplificação de todo o processo. É fundamental que sejam consideradas bases mais amplas de arrecadação, mecanismo por meio do qual é possível colocar fim a uma era de grandes distorções no nosso sistema tributário.

Para além disso, é preciso que se pense em um regime especial de tributação para a educação. Por pertencerem ao setor de serviços, as instituições educacionais integram o grupo de empresas com as maiores taxações do país, a despeito da relevância e do interesse social inerente à razão de existir delas. No contexto das instituições particulares de educação superior, é certo que essa simplificação tributária contribuirá para que os empreendedores educacionais tenham mais liberdade para empreender e inovar naquilo que é um direito básico de todo cidadão.

Não é verdade que somos o país com a maior carga tributária do mundo. Na Dinamarca, por exemplo, são 176 dias de trabalho por ano só para pagar impostos. A principal diferença é que lá a estrutura pública é eficiente e as pessoas recebem seus recursos de volta em forma de serviços prestados pelo governo à sociedade.

No Brasil, tão importante quanto ajustes na máquina pública é a efetivação de uma reforma tributária que torne nosso sistema mais eficiente, justo, moderno e coerente com o país que queremos construir. É chegada a hora de substituir dezenas de letras e taxas por um sistema tributário que supere inúmeros dos

gargalos que dificultam o desenvolvimento do país e, ao mesmo tempo, promova justiça social.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 29 de julho de 2019.

O fim do futuro?

João tinha um sonho: se formar em Ciências Contábeis e, assim, conseguir um emprego formal, para que pudesse ajudar seus pais a terem uma vida melhor. Com muito esforço e boa dose de coragem, entrou em um curso preparatório para o concorrido vestibular de uma universidade particular, mantida por religiosos, em sua cidade. Conseguiu ser aprovado, o primeiro universitário de sua família, e foi contemplado com uma bolsa de estudos integral, sem a qual seu sonho não se realizaria.

Maria lutou muito para educar seus três filhos, trabalhando em dois empregos, até que pudesse vê-los formados, com muito orgulho. Já na fase madura, resolveu ela mesma estudar Pedagogia, e escolheu uma instituição filantrópica, na qual obteve a ajuda financeira necessária para poder ingressar e se manter na carreira que escolheu: a de educadora.

João e Maria, nomes fictícios, representam centenas de milhares de estudantes universitários em todo o Brasil, que, assim como eles, estudam com bolsas em instituições de educação superior que se dedicam à filantropia. Essas instituições complementam a atuação do Estado, notoriamente ineficiente para realizar o sonho de muitos brasileiros que não têm ainda oportunidade de fazer um curso superior. Com as bolsas concedidas mediante isenção tributária, podem ingressar no mercado de trabalho, tão carente de mão-de-obra qualificada e de bons profissionais.

Dados de 2017 mostram que as entidades beneficentes de assistência social atuantes na educação superior ofertam 117,5

mil bolsas de estudo integral anuais pelo ProUni, o que corresponde a 29% do total do programa, além de 27 mil bolsas parciais (22% do total) e 244 mil bolsas pela própria instituição (21% do total). Isso corresponde a quase 400 mil alunos carentes com acesso ao estudo, a mais oportunidades no mercado de trabalho, e em última análise, à dignidade humana.

A chamada PEC Paralela, em tramitação no Senado Federal, ameaça cancelar esse benefício: identifica nessas instituições beneficentes de educação, e também nas de saúde e assistência social, os “vilões” da Previdência, como se a tarefa social que elas cumprem não fosse da mais alta importância para o país, com retornos muito maiores do que é investido.

A proposta, no formato em que se encontra no Senado brasileiro, vai inviabilizar o funcionamento de milhares de instituições filantrópicas sérias, que prestam há décadas um enorme serviço complementar ao do Estado, dando oportunidade a centenas de milhares de estudantes em todo o Brasil. A pretexto de se “acabar com privilégios”, quer extinguir drasticamente as bolsas oferecidas e deixar alunos sem oportunidades e sem perspectivas de futuro, condenando de vez o Brasil ao atraso científico, tecnológico e econômico. A educação superior, como consequência da PEC Paralela, se aprovada, será apenas para uma elite que pode pagar. Não seria esse o verdadeiro privilégio que se quer combater?

Estudos realizados pelo Fórum Nacional das Instituições Filantrópicas (Fonif) mostram que um real investido em imunidade tributária nas instituições filantrópicas de educação superior retorna R\$ 4,66 em benefícios concretos, formando profissionais qualificados para o desenvolvimento do país. É importante que se diga também que essas instituições possuem excelentes resultados nas avaliações públicas do Ministério da Educação

(MEC), além de desenvolverem programas de pós-graduação de excelência, reconhecidos pela Capes. Cito aqui, apenas como um exemplo, a PUC-Rio, minha instituição de origem, de inegável contribuição para o Rio de Janeiro e para o Brasil.

A agenda de desenvolvimento do país não deveria estimular o retrocesso que seria o fim da imunidade tributária das instituições beneficentes de assistência social, sob risco de frustrar os sonhos de uma geração de jovens que confiaram no governo e no parlamento, e que ficariam, da noite para o dia, sem perspectivas e sem esperança em um futuro melhor. Ainda há tempo de se reverter essa tragédia educacional.

A agenda de desenvolvimento do país não deveria estimular o retrocesso que seria o fim da imunidade tributária das instituições beneficentes de assistência social.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 30 de setembro de 2019.

Os desafios de 2020

Especialistas e internautas do Brasil e de todo o mundo ainda não chegaram a um consenso se o ano de 2020 é o começo ou o fim de uma nova década. Fato é que o ano já começou e com ele renovamos nossas expectativas por um ciclo mais promissor para o país, sobretudo para o setor particular de educação superior, que vislumbra uma série de desafios e demandas pela frente.

Um dos principais pontos de atenção, e também o mais iminente, diz respeito ao aprimoramento da regulação do mercado de educação superior brasileiro. O tema tem crescido e ganhado cada vez mais espaço na agenda do governo, inclusive com perspectiva de implementação de modelos de autorregulação, a exemplo do que ocorre em outros países, onde o próprio setor de educação, juntamente com os órgãos governamentais competentes, é responsável pela supervisão e fiscalização do setor.

O Fies, precisa retomar o seu caráter social, facilitando o acesso ao crédito e diminuindo as regras que inviabilizaram o programa.

Outro tema precioso para o nosso segmento diz respeito ao resgate das políticas públicas de financiamento estudantil. A principal delas, o Fies, precisa retomar o seu caráter social, facilitando o acesso ao crédito e diminuindo as regras que inviabilizaram o programa, nos moldes atuais. Sem essas alterações, dificilmen-

te o país conseguirá retomar o crescimento da procura pelo ensino superior, atingindo os níveis comparáveis aos países vizinhos.

Focando nos nossos desafios internos, em 2020 daremos continuidade ao programa de internacionalização das IES brasileiras, com o avanço de parcerias com instituições internacionais de renome, à exemplo da cooperação que firmamos em 2019 com diversas IES chinesas, fruto da 3ª Delegação ABMES Internacional, que ocorreu no mês de outubro. Este ano, iremos ao Japão, um dos países mais desenvolvidos do mundo, inclusive no campo científico e acadêmico.

Também continuaremos firmes do propósito de promover a transformação digital da associação, com a implementação da ABMES 4.0. Para isso, atuaremos em várias frentes, incluindo a realização de seminários e cursos voltados aos nossos associados, com a presença de especialistas de áreas estratégicas para o desenvolvimento tecnológico do setor particular de educação superior do país.

Com a Microsoft, nos tornamos parceiros do [projeto AcademIA](#), voltado à capacitação gratuita em Inteligência Artificial para estudantes e profissionais já inseridos no mercado. O projeto prevê ainda a instalação de um laboratório de inovação e criatividade em nossa sede, o LInC Lab, previsto para ser inaugurado ainda no mês de fevereiro.

Esse é apenas um brevíssimo resumo do que vem pela frente. Como podem perceber, estamos trabalhando firme para fortalecer ainda mais o ensino superior privado brasileiro que, apesar das dificuldades políticas e econômicas pelas quais vem passando o nosso país, ainda assim tem registrado um crescimento virtuoso, aumentando cada vez mais sua participação na formação dos

nossos jovens. Ao longo de 2020, ainda teremos muitas novidades.
Vamos juntos!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 20 de janeiro de 2020.

Premissas para autorregulação da educação superior

Uma das mais importantes questões hoje no Brasil, especialmente na educação superior, é o debate sobre a autorregulação. O modelo tem sido cada vez mais presente em diversas atividades e segmentos e se apresentado bastante eficiente, contribuindo para avanços no desenvolvimento de todo o mercado, com maior segurança e estabilidade.

Em recente reunião no Ministério da Educação (MEC), representantes do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, em conjunto com o Fórum dos Presidentes das Instituições Comunitárias de Ensino Superior, apresentaram ao ministro as diretrizes principais para o futuro aprimoramento da regulação das atividades das instituições de ensino superior particular.

Sobre a criação de um sistema de autorregulação, cabe destacar preliminarmente o papel do MEC em sua missão de autorizar e avaliar as instituições e cursos de ensino superior, conforme estabelece o [art. 209 da Constituição Federal](#), tratando-se de reserva legal absoluta de competência nela preceituada.

É importante acentuar que o nosso setor é composto por mantenedoras de diferentes especificidades, como as beneficentes de

assistência social, as sem fins lucrativos e as com fins lucrativos, as comunitárias e confessionais, bem como por organizações acadêmicas diversas, considerando-se faculdades, centros universitários e universidades.

Respeitando-se, portanto, essa fundamental diversidade do setor, foram apresentadas algumas premissas que são fundamentais para a evolução da nossa regulação:

1. O futuro sistema de autorregulação do setor de ensino superior privado deverá atuar dentro do princípio geral da liberdade com responsabilidade, das boas práticas de mercado e da legislação educacional, inclusive com a valorização da liberdade de utilização de métodos inovadores de ensino e aprendizagem, sempre com objetivo principal de garantir a qualidade do ensino superior e os diferentes acessos ao ensino.
2. O sistema deverá prever também o respeito as pluralidades institucionais e regionais.
3. O poder público manteria a responsabilidade pelo credenciamento e descredenciamento de instituições e de autorização e reconhecimento de cursos.
4. Os órgãos acreditadores, a serem criados, seriam responsáveis pelo monitoramento da qualidade dos serviços educacionais.
5. A base de acreditação seria o comprimento de um código de autorregulação do segmento educacional.
6. Deveria ser estabelecido também um novo conjunto de indicadores, que respeitaria uma variedade institucional e regional e que seriam monitorados pelos órgãos acreditadores.

7. Além dos indicadores de qualidade nacionais, já previstos na legislação educacional, cada órgão acreditador poderia ter um conjunto adicional de indicadores específicos, dando maior adequação ao sistema de autorregulação.
8. O poder público deveria prever em que condições as instituições poderiam ter bônus regulatório pelo bom desempenho, auferido pelos órgãos acreditadores.
9. Cada instituição faria a sua adesão de forma voluntária aos órgãos acreditadores.
10. Um futuro código de autorregulação deveria promover estratégias e ações relacionadas com a ética, transparência, medidas anticorrupção, defesa da concorrência, meio ambiente, direitos humanos, acessibilidade entre outras, em atividades disseminadas junto as instituições de ensino superior.

Observadas essas premissas, que contaram com o apoio do ministro, o setor encontra-se pronto para desenhar uma nova realidade na qual as instituições teriam mais liberdade para empreender, respeitando-se os princípios da qualidade e da ética.

É um extenso caminho a percorrer, mas um primeiro passo importante foi dado, com a articulação de associações do setor junto ao Ministério da Educação. Uma longa jornada é cumprida dando-se um primeiro passo.

O setor encontra-se pronto para desenhar uma nova realidade na qual as instituições teriam mais liberdade para empreender, respeitando-se os princípios da qualidade e da ética.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 17 de fevereiro de 2020.

Por que onerar o futuro dos jovens?

Em discussão há mais de uma década no Brasil, a Reforma Tributária tem grande potencial de elevar a cadeia produtiva nacional a um novo patamar, promovendo o crescimento da economia, com maior geração de emprego e renda para a população.

A pauta passou a fazer parte das negociações do governo com o Legislativo, o que nos coloca diante de uma oportunidade real de promover mudanças necessárias no complexo sistema tributário brasileiro, composto por várias taxas e entidades tributárias, o que impõe uma alta carga de impostos e custos excessivos para as empresas e os cidadãos.

No entanto, as propostas da Reforma Tributária que tramitam no Congresso Nacional, em especial a Proposta de Emenda da Constituição 45 (PEC 45), editada em 2019, que é objeto de debate na Comissão Mista da Reforma Tributária, trazem imensa preocupação ao setor particular de Educação. As medidas em análise podem promover uma elevação tributária que se refletiria em um aumento no valor das mensalidades estudantis de até 25%.

O primeiro passo foi dado, aumentando a apreensão de toda a cadeia do setor. O texto apresentado pelo Executivo, como a primeira parte da proposta de reforma, prevê a criação da Contribuição de Bens e Serviços (CBS) em substituição à unificação do PIS/COFINS. A alteração vai promover um aumento da alíquota do imposto direto sobre a mensalidade escolares de 3,65% para

cerca de 12%. Se aprovada da forma como está hoje, a medida provocará um impacto devastador para cerca de 15 milhões de alunos e suas famílias.

A educação superior brasileira se dá no setor privado. Para cada um matriculado em instituições públicas, há três estudantes na rede particular. As instituições particulares representam mais de 88% do mercado de educação superior do país, em 2018, e abrigam 75% do total de matrículas – ou 6,3 milhões de alunos – em cursos de graduação.

Para fortalecer a educação brasileira, as escolas e as universidades não só esperam que os estudantes sejam poupados desse aumento, como defendem tributos reduzido nas mensalidades. Cada família que investe na

Cada família que investe na educação do seu filho reduz custos para o Estado.

educação do seu filho reduz custos para o Estado. A soma desse esforço da sociedade desonera o setor público em cerca de R\$ 225 bilhões por ano, valor que seria necessário para absorver esses alunos. Entretanto, nesse momento, ao invés terem seus orçamentos desonerados, as famílias estão diante da possibilidade significativa de arcarem com aumentos reais entre 6% e 11% nas mensalidades escolares. Além disso, essa mudança vai impactar diretamente 1,7 milhão de profissionais que trabalham em todo segmento particular de ensino.

O setor vai continuar mobilizado para sensibilizar deputados e senadores sobre a necessidade de um tratamento tributário adequado para o segmento, que amplie o acesso da população à educação, sobretudo ao ensino superior. O contexto se agravou ainda mais em consequência da pandemia de Covid-19, com o

crescimento da evasão e da inadimplência e o aumento dos custos com a emergência da transformação digital das instituições, ação necessária para continuidade da oferta aos alunos das aulas e demais atividades, agora em formato remoto.

Por isso, é imprescindível que os parlamentares avancem na revisão dessa proposta que pode penalizar ainda mais os estudantes e suas famílias em um momento em que precisam de apoio governamental. A consequência imediata da manutenção da proposta atual seria o aumento do abismo existente entre a demanda e a oferta de ensino superior no país, afastando cada vez mais a possibilidade de equiparação dos níveis de escolarização brasileira aos países mais desenvolvidos. E, a médio prazo, a promoção equivocada de um apagão de mão de obra qualificada para fortalecer a economia brasileira.

Artigo publicado no [Correio Braziliense](#) em 6 de agosto de 2020 e no [ABMES Blog](#) em 10 de agosto de 2020.

Conselho Nacional de Educação como órgão de Estado

A necessidade de isolamento social, provocado pela pandemia de Covid-19, se transformou em um acelerador de ações em toda a cadeia da educação. Os projetos desafiadores pautados nas tecnologias da informação e de comunicação; a implantação dos sistemas híbridos e das metodologias ativas e criativas e tantas outras iniciativas previstas para fazerem parte paulatinamente da vida de alunos e de professores, de repente se tornaram essenciais para que o calendário acadêmico sofresse menos com a interrupção das aulas presenciais.

Nos bastidores, muito além das práticas cotidianas docentes e discentes, estão as políticas públicas que garantem as diretrizes e as normativas padronizadas para todas as instituições de ensino superior (IES). Um desafio extra, considerando as dimensões continentais do Brasil e suas conseqüentes características regionais. Dentro da magnitude do Ministério da Educação (MEC), desde sua criação nos moldes atuais, em 1995, o Conselho Nacional de Educação (CNE) tem por missão formular e avaliar as políticas de educação, zelando pela qualidade do ensino e o cumprimento da legislação educacional. Além disso, cabe ao grupo dos 12 conselheiros da Câmara do Ensino Superior – e dos 12 da Câmara da Educação Básica – assegurar a participação da sociedade no aprimoramento da educação brasileira.

O que está em jogo são políticas públicas de Estado que terão efeitos imediatos e consequências refletidas nas gerações seguintes.

Nos últimos cinco meses, os processos decisórios do governo na condução das atividades escolares deixaram ainda mais explícita a importância da boa relação institucional e do alinhamento de visão e de ações entre o MEC, o CNE e a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Por força dessa

conexão – e do diálogo intenso desde abril – foi possível a edição da Portaria nº 544, publicada em 16 de junho, que estendeu a possibilidade das aulas remotas em substituição às presenciais até 31 de dezembro de 2020 e flexibilizou a realização de atividades práticas e estágios profissionais viáveis por meios digitais.

Esse vínculo está pautado no desenvolvimento constante, integrativo e inovador da educação, objetivos que não podem ser perdidos de vista nem em tempos de emergência sanitária e de saúde. Por essa razão, é imprescindível que os integrantes do CNE continuem comprometidos com a qualidade do ensino, a inclusão, a diversidade e a manutenção do diálogo com as entidades representativas.

O que está em jogo são políticas públicas de Estado que terão efeitos imediatos e consequências refletidas nas gerações seguintes. E, sendo assim, todos os integrantes do CNE devem estar preparados para contribuir com esse grandioso desafio.

A expectativa da ABMES é positiva e entusiasmada em continuar contribuindo para a apresentação de propostas que ampliem e democratizem o acesso à educação superior.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 17 de agosto de 2020.

Atual Reforma Tributária ameaça futuro dos jovens

A educação privada no Brasil não é só para os filhos dos mais abastados, como argumentou o ministro da Economia, Paulo Guedes. Ao justificar que a criação da Contribuição Social sobre Operações com Bens e Serviços (CBS) não vai impactar as famílias de menor renda, ele ignora que mais de 81% dos alunos da rede privada, da educação básica ao ensino superior, pertencem às famílias com renda familiar *per capita* mensal de até três salários-mínimos.

A elevação da carga tributária da educação dos atuais 3,65% de PIS/COFINS para uma alíquota única de 12%, como quer o governo federal, vai provocar um aumento de 6% a 10,5% nas mensalidades de escolas e faculdades. Impacto imediato no orçamento de cerca de 10 milhões de estudantes das classes C, D e E, que não podem suportar mais impostos.

81% dos alunos da rede privada, da educação básica ao ensino superior, pertencem às famílias com renda familiar *per capita* mensal de até três salários-mínimos.

Ao arcar com o investimento na formação de seus filhos e de capacitação do capital humano das gerações que vão estar no

mercado de trabalho muito em breve, as famílias desoneram o Estado em R\$ 225 bilhões por ano, valor que sairia dos cofres públicos caso esses alunos fossem absorvidos pelas instituições públicas. A aprovação do Projeto de Lei 3.887/2020, de autoria do Poder Executivo e que tramita na Câmara dos Deputados, coloca o ensino particular em risco, porque há muito tempo já estamos lidando com crises.

Primeiro, veio a crise econômica que o país enfrenta nos últimos cinco anos. Depois a pandemia provocada pela Covid-19, que fez muitas famílias tirarem seus filhos da escola particular e perderem a capacidade de pagar as mensalidades em dia. E, agora, esse novo tributo cria uma terceira onda avassaladora, que vai elevar os custos de manutenção de investimentos em educação.

No ensino superior, o prejuízo será ainda maior, pois a mudança tributária pode excluir imediatamente mais de 160,8 mil estudantes do Programa Universidade para Todos (ProUni), principal meio de democratização do acesso à formação acadêmica de alunos de baixa renda. No acumulado de 10 anos, mais de 682 mil jovens vão ficar fora do ProUni, um verdadeiro apagão de mão de obra qualificada, tão importante para recuperação econômica do país pós-pandemia de Covid-19.

O programa é sustentado a partir do incentivo fiscal às instituições privadas de ensino superior (IES) que abatem os custos com PIS/COFINS, e de outros impostos, com a oferta de bolsas integrais e parciais (de 25% ou 50%) a estudantes de menor renda com bom desempenho escolar. Com a alíquota de 12% da CBS, a compensação vai se tornar pouco atrativa e até inviável para as IES, perspectiva que precisa ser evitada.

A Reforma Tributária é um importante instrumento de reorganização econômica e tem impacto significativo tanto na

capacidade produtiva quanto no consumo dos brasileiros agora e no futuro. O setor privado de educação é favorável às alterações no sistema de tributos e defende que o processo de simplificação estabeleça isenção – como feita em diversos outros países – ou, no máximo, uma alíquota neutra, de cerca de 5%, que manteria a carga tributária atual.

As entidades representativas do setor privado de ensino se uniram para alertar a população e sensibilizar os parlamentares sobre os sérios danos que podem ser provocados pela alíquota indiferenciada da CBS. O Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, que reúne as principais associações do setor no país, elaborou uma nota técnica analisando tanto os impactos econômicos quanto na qualidade do ensino diante da proposta enviada pelo governo federal ao Congresso Nacional. Trata-se do maior aumento de imposto no âmbito da reforma e recai sobre a parcela da população altamente impactada por tributos e que não tem retorno do Estado dos serviços públicos nem na quantidade, nem na qualidade necessárias.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 14 de setembro de 2020.

Papo vai, papo vem

O termo “bate-papo” nos remete a um momento despretenso, povoado por pessoas agradáveis e recheado de boas conversas. Essa definição teria sido perfeita para o bate-papo promovido pela [ABMES com o Inep](#) no último dia 29 de outubro exceto por um fator: ali havia, sim, uma pretensão.

Em um ano tumultuado, no qual cronogramas e planejamentos sucumbiram aos mandos e desmandos de um vírus capaz de colocar o planeta em compasso de espera, no Brasil o setor particular de educação superior deu uma aula de resiliência se ajustando rapidamente aos protocolos de distanciamento social. Contudo, etapas importantes do calendário regulatório foram comprometidas, em especial aquelas relacionadas à avaliação de cursos e de instituições de educação superior. E saber o que estava no horizonte do Inep em relação a essas questões era imperativo.

O bom relacionamento e a relação de confiança construídos ao longo do tempo garantiram um bate-papo aberto e altamente produtivo. Foi ali, naquele espaço, que o Inep anunciou às mais de 2.500 instituições particulares de educação superior de todo o país a retomada das visitas de avaliação *in loco* a partir de 15 de novembro. A expectativa é de que cerca de 200 IES sejam visitadas até 6 de dezembro.

Por ora, como sabemos, serão priorizadas as instituições que aguardam processos de credenciamento ou autorizações vinculadas, aquelas que já receberam autorizações de cursos e esperam a comissão de credenciamento e as que têm processo de autorização em andamento e aguardam a visita de credenciamento. Um alívio para essas IES e um passo importante para a retomada de processos regulatórios que estavam há meses travados.

A conversa, totalmente virtual, conforme orientam os protocolos em tempos pandêmicos, também contribuiu para esclarecer o setor sobre a recriação da Comissão Técnica de Acompanhamento da Avaliação (CTAA), que havia sido extinta em 2019 e foi recriada em janeiro deste ano.

Mas, o ponto alto da conversa talvez tenha sido a abertura do diálogo para a discussão de um novo modelo de avaliação para a educação superior. Há muito sabemos das limitações da Lei do Sinaes, em especial no que se refere ao Enade. Além disso, temos um sistema avaliativo que não contempla as demandas do século 21, como a formação por competências, e tampouco o que deve se tornar uma realidade no mundo pós-Covid 19: a educação híbrida.

Temos um sistema avaliativo que não contempla as demandas do século 21.

Em geral, boas conversas nos dão satisfação. Mas conversas que além de agradáveis trazem soluções, reforçam espaços de interlocução e apontam novos caminhos a serem trilhados, nos dando convicção de estarmos na direção correta e motivação para seguirmos em frente. Que venham outros bate-papos!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 9 de novembro de 2020.

Números que nos movem

De 0 a 9. Dez números que, combinados entre si, nos levam do nada ao infinito. Desde que nascemos, eles são utilizados para nos descrever, nos registrar e nos localizar. Números também são essenciais para apresentar cenários, apontar carências e mapear tendências.

Recentemente, a ABMES lançou a 20ª edição dos [Números do Ensino Superior Privado no Brasil](#). Criada para demonstrar, de forma simples e objetiva, as dimensões do setor particular de educação superior no país, a publicação evidencia dados que poderiam passar despercebidos em meio à grande quantidade de informações disponibilizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), autarquia vinculada ao Ministério da Educação (MEC) por meio do Censo da Educação Superior 2019.

Não é novidade para ninguém que acompanha a agenda da educação que, no Brasil, o nível superior é essencialmente particular. Somos mais de 88% das instituições e temos nas nossas salas de aula (presenciais, a distância ou remotas) mais de 75% dos estudantes de graduação do país.

Os números também mostram que, em 2019, as matrículas nos cursos presenciais registraram a maior queda desde 2016, quando essa tendência teve início: -3,76% nas matrículas em geral e -5,76% nas matrículas em IES particulares.

Em sentido totalmente inverso, as matrículas na educação a distância apresentaram um crescimento recorde de 19,15% em 2019 em relação ao ano anterior, quando o desempenho já tinha sido mais de 17% superior em relação a 2017. Entre as instituições privadas, a evolução foi de 21,72% em relação a 2018.

Se, por um lado, a expansão da educação a distância (EAD) pode ser creditada ao fato de estarmos cada vez mais conectados tecnologicamente e aos benefícios dessa modalidade de ensino (mensalidades mais baixas e flexibilidade para os estudos, por exemplo), por outro não dá para fechar os olhos para o que vem acontecendo no Brasil desde 2015: o esvaziamento das políticas públicas de acesso à educação superior.

Não dá para fechar os olhos para o que vem acontecendo no Brasil desde 2015: o esvaziamento das políticas públicas de acesso à educação superior.

Mantido esse cenário, os números da EAD seguirão crescendo e os do presencial caindo, pois com a crise econômica e a ausência de políticas agressivas de financiamento estudantil, é natural que os estudantes optem por uma modalidade mais acessível.

Números não são frios. Na maior parte das vezes, eles representam desejos, inseguranças, necessidades e individualidades. Números merecem ser lidos e interpretados em todas as suas dimensões. Números, que surgiram da necessidade de contar do homem das cavernas, são ainda mais fundamentais em uma sociedade disruptiva, volátil, interconectada. Números precisam apontar os caminhos, as diretrizes e as prioridades. Números descortinam realidades e nos permitem ver à frente. No caso da educação, os

números dão a dimensão da distância que ainda estamos das metas do Plano Nacional de Educação (PNE). Vida longa, e efetiva, aos números.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 07 de dezembro de 2020.

Uma avaliação para o século 21

Quando o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) foi instituído, em 2004, os panoramas social, político e econômico eram bastante distintos dos que temos hoje. Ainda assim, o processo avaliativo da graduação segue calcado em princípios e metodologias do século 20, sem considerar as especificidades do século 21.

O Sinaes nasceu como política de Estado e foi essencial para a expansão da educação superior com qualidade. Cumpriu sua missão e possibilitou a criação de um banco de dados capaz de subsidiar novas políticas públicas de graduação. Contudo, está desatualizado.

A boa notícia é que, conforme sinalizado por representantes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em bate-papo virtual da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), a reformulação do Sinaes está no radar do Ministério da Educação (MEC).

Para que seja justa e eficiente, essa revisão precisa acontecer nas mais distintas esferas e se caracterizar pela construção coletiva, com envolvimento do Estado e da sociedade. É preciso levar em consideração as novas tecnologias aplicadas à educação, mas também os cenários estabelecidos a partir da pandemia de Covid-19, como o fortalecimento do ensino híbrido, e os novos marcos legais vigentes no país, como a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

O novo sistema precisa contemplar todas as modalidades avaliativas, mas destacar a autoavaliação institucional. É ela que integra todos os protagonistas do processo educacional, além de contar com a representação da sociedade na Comissão Própria de Avaliação (CPA).

É preciso que a instituição possa se avaliar e ser avaliada de acordo com a sua missão institucional.

É preciso que a instituição possa se avaliar e ser avaliada de acordo com a sua missão institucional. Uma instituição mais voltada para extensão deve possuir indicadores mais nessa linha. Já aquela focada em pesquisa precisa ser avaliada nesta outra perspectiva.

Também não há mais espaço para padronização de culturas, comportamentos e procedimentos. Tampouco para processos complexos e altamente burocráticos, como os que regulam a educação superior brasileira.

A revisão do Sinaes precisa considerar todos esses aspectos, com a garantia do rigor e da ética. Nos Estados Unidos, por exemplo, a avaliação é feita por órgãos acreditadores regionais compostos por membros da sociedade. Por que não avançar nessa linha por aqui também?

Uma nova avaliação precisa considerar os aspectos regionais inerentes a cada instituição, assim como o incentivo e a valorização da criatividade e da inovação nos processos acadêmicos. Isso, sim, é essencial para que os estudantes sejam preparados para ingressarem no mercado de trabalho do século 21.

Aliás, ampliar o comprometimento dos discentes com o resultado final do processo avaliativo é outra medida que se faz urgente.

Sendo componente curricular obrigatório, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), por exemplo, precisa ganhar relevância entre os estudantes. Para isso, precisa comprometer também os alunos com a avaliação.

Da forma como vem sendo aplicado, sem qualquer desdobramento em relação ao resultado para o aluno, nem a instituição e tampouco o egresso são efetivamente avaliados. Além disso, o Enade atual não avalia as competências socioemocionais, ou *soft skills*, tão valorizadas pelo mercado de trabalho.

Trata-se de um debate amplo que deve ser liderado pelos órgãos reguladores e abraçado com força por todos aqueles que acreditam no potencial de transformação social que só a educação de qualidade possui.

Artigo publicado no [Correio Braziliense](#) e no [Estado de Minas](#) em 2 de fevereiro e no [ABMES Blog](#) em 8 de fevereiro de 2021.

A educação não pode parar

Há alguns anos temos discutindo os desafios da educação no século 21, mas, neste 2021, estamos diante de um cenário amplificado em virtude dos desdobramentos da pandemia de Covid-19 no contexto educacional. Às dificuldades amplamente mapeadas somaram-se questões como o hibridismo e a aceleração da volatilidade, da incerteza, da complexidade e da ambiguidade, ou seja, do tal do mundo VUCA.

Para debater esse novo panorama e suas nuances, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) reuniu no [primeiro seminário](#) deste ano três grandes especialistas: a consultora especializada na área educacional e assessora da presidência da ABMES, Iara de Xavier; o presidente do Consórcio Sthem Brasil e diretor de Inovação e Redes de Cooperação do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (Semesp, Fábio Reis; e o sócio fundador da empresa de estudos educacionais Educa Insights, Daniel Infante.

Após quase duas horas e meia de exposição de conteúdos densos, com destaque para a urgência requerida pelo momento, uma constatação ficou evidenciada: precisamos aproveitar essa crise e repensar as nossas instituições. Se no mundo pré-pandemia os desafios relacionados aos novos tempos, às novas técnicas e às novas práticas pairavam sobre nossas cabeças, agora eles pavimentam o único caminho possível para a educação superior brasileira.

Sabemos que a educação no século 21 precisa formar profissionais cidadãos e empreendedores com competências e habilidades para viverem em um contexto cada vez mais disruptivo e complexo, mas, para isso, precisamos superar dois obstáculos, como apontado pela professora Lara: a resistência e o medo de muitas instituições na implementação de um currículo inovador e a excessiva regulação do setor educacional no nosso país, o que dificulta a flexibilização e a adoção de modelos criativos.

A simplificação da regulação, com mais autonomia e responsabilidades para o setor, é uma pauta antiga e que tem ganhado cada vez mais força. É bem possível que ela não aconteça de uma hora para a outra com a força que desejamos, mas a velocidade e a qualidade com que as instituições de educação superior particulares se organizaram para garantir a continuidade da oferta educacional por meio do ensino remoto demonstrou que, quando tem liberdade, o setor é capaz de gerar soluções rápidas e efetivas. Ponto para a gente na caminhada rumo à uma regulação mais compatível com as necessidades do atual contexto histórico.

Embora a evolução legal não acompanhe a velocidade dos acontecimentos, as IES podem, desde já, desenvolver projetos inovadores e começar a experimentá-los, sob pena de comprometimento da sustentabilidade daquelas que não se adequarem aos novos tempos.

Embora a evolução legal não acompanhe a velocidade dos acontecimentos, as IES podem, desde já, desenvolver projetos inovadores e começar a experimentá-los.

A adoção de metodologias ativas, conteúdos focados em competências, valorização da aprendizagem em detrimento do decoreba e o respeito à

diversidade são práticas que não dependem de normatização e são essenciais para a entrada do processo de ensino-aprendizagem no século 21. Para isso, é essencial capacitar os professores de forma continuada, e não apenas com uma palestra ou curso rápido, como alertou o professor Fábio Reis durante o seminário.

Mas se todas essas medidas já integravam os debates relativos à inovação educacional antes da Covid-19, o que há de novo, então? Nesse momento passam a integrar a agenda educacional questões como a reconfiguração dos espaços físicos e ganham força pautas como a popularização de uma modalidade híbrida de ensino.

Assim como o setor particular não permitiu que a educação superior ficasse parada por meses ao longo do caótico e desafiador ano de 2020, o momento é de mobilização para que ela seja conduzida rumo ao já bem caminhado século 21. A teoria para essa transformação, aliada ao discurso, faz parte do nosso cotidiano há algum tempo. A hora é de mudar as atitudes e extrair os insumos para uma nova educação. Afinal, se o tempo não para, a educação também não pode parar.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 22 de fevereiro de 2020.

Representatividade

O Brasil tem jeito

Para mais de 500 educadores reunidos em Porto de Galinhas (PE), durante o IX Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (IX CBESP), o Brasil tem jeito. E esse jeito é a Educação. Promovido pelo Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, que reúne as sete principais instituições do setor – ABMES, ABRAFI, ANACEU, ANUP, FENEP, SEMERJ e SEMESP, o IX CBESP foi realizado nos dias 14, 15 e 16 de abril de 2016, e debateu temas fundamentais para o futuro do nosso País, entre os quais pudemos destacar: o papel da educação como alicerce do nosso desenvolvimento, a promoção da expansão do setor, com qualidade, as formas alternativas de financiamento de estudos para alunos carentes, a manutenção dos programas do Governo Federal, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e Financiamento Estudantil (Fies) e a necessária inovação tecnológica nas formas de ensino e de aprendizagem.

Dirigentes, reitores, mantenedores, professores e figuras públicas ligadas à educação tiveram a oportunidade, durante os três dias do congresso, de debater ideias, formular opiniões e propor consensos em torno de temas importantes para o setor educacional, sempre em busca de compromissos que possam nortear o desenvolvimento das instituições para os próximos anos.

Neste momento de intensa transformação pela qual passa o país, os participantes do congresso manifestaram o compromisso do setor com a inclusão social e a transmissão de conhecimentos com qualidade, acreditando que somente uma atuação mais diligente junto aos órgãos públicos trará mais transparência e eficiência aos

processos de avaliação e regulação. Em especial, recomendou-se que os processos que tramitam no Conselho Nacional de Educação (CNE), na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e na Comissão Técnica de Acompanhamento da Avaliação (CTAA) tenham a devida observância ao princípio constitucional da publicidade, da oralidade e da ampla defesa, preservando os direitos das instituições.

Ao homenagear o professor Gabriel Mario Rodrigues, que se despediu da Secretaria Geral do Fórum depois de muitos anos de uma liderança inspiradora, os congressistas aplaudiram de pé aquele que representa como ninguém o educador inovador, e em nome dele, e do que ele representa para o segmento educacional, encerraram o evento, ainda mais esperançosos de que o Brasil superará seus desafios, e terá, no vibrante segmento particular de educação superior, o instrumento para construir uma avenida larga e segura rumo a um Brasil melhor e mais justo para todos os seus cidadãos.

O Brasil superará seus desafios, e terá, no vibrante segmento particular de educação superior, o instrumento para construir uma avenida larga e segura rumo a um Brasil melhor e mais justo para todos os seus cidadãos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 4 de maio de 2016.

Inovar para não perecer

A chegada do 10º Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (X CBESP) anuncia uma oportunidade histórica para os mais de 500 mantenedores e dirigentes que estarão reunidos nos dias 25, 26 e 27 de maio, em Gramado (RS): debater a Educação Superior no Século 21, sob a ótica da inovação e da sustentabilidade.

Serão mais de 40 palestrantes, nacionais e internacionais, apresentando experiências de sucesso, com foco no que pode e deve ser feito para que as IES brasileiras possam se adaptar e se reinventar no cenário competitivo atual.

O Congresso deste ano foi dividido em quatro grandes eixos temáticos, que serão organizados em painéis: a formação acadêmica e as exigências profissionais do século 21, a inovação das IES, a construção de instituições sustentáveis e o redesenho dos modelos de ensino-aprendizagem para a Era Digital.

Cabe destacar a participação já confirmada de dirigentes da Secretaria de Educação Superior (Sesu), da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres) - que contará com uma grande equipe para atendimento das IES no evento - e do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), de conselheiros do Conselho Nacional de Educação (CNE), de representantes de empresas como a Google Education, Totvs, Santander e Educa Insights, entre outras, além da coordenação

e mediação dos dirigentes do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, realizador do evento, em sua décima edição.

Como é tradicional, espera-se apresentar, ao final do evento, a Carta de Gramado, na forma de uma Agenda para o Futuro, com sugestões e caminhos para que as IES possam enfrentar os novos tempos, que trazem esperança, mas também muita responsabilidade.

O Brasil tem pressa, e o X CBESP saberá produzir boas respostas para os muitos desafios que a educação superior particular irá enfrentar nos próximos anos. Contamos com a participação de todos!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 17 de maio de 2017.

O Brasil tem pressa,
e o X CBESP saberá
produzir boas
respostas para os
muitos desafios
que a educação
superior particular
irá enfrentar nos
próximos anos.

Um congresso histórico

Ao encerrar-se o 10º Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (X CBESP), que durante três dias reuniu algumas das mais importantes lideranças educacionais brasileiras para discutir o futuro do setor, a conclusão foi unânime: a bela cidade de Gramado foi palco de um evento histórico.

Dos painéis com temas de alto relevo, como a inovação e a sustentabilidade das IES, aos debates e mesas-redondas reunindo especialistas nacionais e internacionais, pelo X CBESP passaram mais de 500 congressistas de todo o Brasil, que deixaram suas contribuições para a agenda que será vivida pela educação superior particular nos próximos anos.

Destacou-se, em especial, a palestra de abertura da professora Ana Elena Schalk, especialista chilena, que discorreu sobre a Universidade do Século 21, apontando estratégias para as IES que desejam se adaptar à nova realidade trazida pela ruptura dos modelos tradicionais. Trouxe aos congressistas um norte, a partir do qual pode-se desenhar um mapa para o nosso futuro.

Outro debate que iluminou a mente dos participantes foi o que apresentou as novas tecnologias da Google e da TOTVS, fazendo crer que a inteligência artificial não é mais uma promessa para o futuro: trata-se de uma realidade presente, que pode e deve ser explorada pelas instituições educacionais que querem falar a linguagem contemporânea de seus alunos.

Durante todo o evento, a sala de atendimento, montada pela equipe técnica da Supervisão da Educação Superior (Seres), ficou lotada com mantenedores em busca de orientação individualizada para suas instituições, um feito inédito, que inaugurou o programa “Seres em Ação”. Foram cerca de 100 atendimentos durante o X CBESP, um projeto que merece ter continuidade em outros eventos do setor.

Quando os sete membros do Conselho Nacional de Educação (CNE) se reuniram para a já tradicional mesa-redonda que finaliza o evento, com a participação especial do Secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior, Henrique Sartori, firmou-se a convicção de que o CBESP é hoje o principal evento do setor, e que a aproximação e o diálogo entre os setores público e particular são fundamentais para que o Brasil possa avançar em busca da superação das metas do Plano Nacional de Educação (PNE).

A agenda para o nosso futuro é clara: precisamos evoluir na direção da inovação, da sustentabilidade, da qualidade, da acessibilidade e da relevância social, com propostas concretas de ação, consagradas na Carta de Gramado, produzida a partir dos debates do CBESP e apresentada pelos dirigentes do Fórum no encerramento do evento. Somente assim poderemos construir um Brasil digno de cada um de nós, e de todos os brasileiros.

A agenda para o
nosso futuro é clara:
precisamos evoluir na
direção da inovação,
da sustentabilidade,
da qualidade, da
acessibilidade e da
relevância social.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 1 de junho de 2017.

Inovação como forma de inclusão

No momento em que educadores de todo o Brasil afivelam suas malas para participar do **XI Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (XI CBESP)**, na Ilha de Comandatuba (BA), algumas perguntas se revelam importantes para esse momento do Brasil em geral, e da Educação Superior em particular: qual o futuro das instituições de ensino em um mundo em constante transformação, e como a inovação tecnológica e de processos pode impulsionar a ampliação do acesso ao ensino superior?

Para discutir essas questões, estarão reunidas no X CBESP algumas das principais lideranças educacionais brasileiras e internacionais, imbuídas da missão de pensar soluções para o Brasil que queremos.

Além da abertura, a cargo do eminente magistrado William Douglas, que falará sobre como a educação pode ajudar no combate à corrupção, estarão presentes no CBESP 2018 mais de 30 renomados especialistas, que debaterão as políticas públicas de inovação e inclusão, as formas alternativas de financiamento estudantil e de captação de novos alunos, as inovações digitais nos currículos e na gestão das organizações e os *cases* de sucesso de instituições que souberam inovar e incluir mais alunos.

Dando continuidade à parceria que começou no CBESP 2017, a equipe da Secretaria de Regulação do MEC também estará presente, participando de oficinas gratuitas, que serão realizadas

simultaneamente à programação regular do evento, ajudando os participantes a tirar dúvidas sobre os decretos de regulação e os novos instrumentos de avaliação.

Como já é tradicional, os dirigentes do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, ao final do evento, apresentarão à sociedade as conclusões dos debates e palestras, apontando os rumos desejáveis para o setor de educação superior particular e indicando caminhos diante das incertezas do momento político e econômico. Inovar não é fácil, mas é necessário, para que o Brasil possa ampliar ainda mais o acesso ao ensino superior, ajudando a construir a nação que desejamos, sonhamos e merecemos.

Inovar não é fácil,
mas é necessário,
para que o Brasil
possa ampliar ainda
mais o acesso ao
ensino superior.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 7 de junho de 2018.

ABMES comemora dupla maioria

Como engenheiro, não posso deixar de notar a coincidência. A Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) comemora, aos 36 anos, sua dupla maioria: são 18 anos duas vezes. A história dessa brilhante instituição pode sim ser dividida em duas fases de maturidade.

Criar uma representação para o ensino superior particular brasileiro, que unificasse nossas lutas e desse voz aos anseios dos educadores mantenedores.

A primeira, dos desbravadores Candido Mendes, Vera Gissoni e Edson Franco, colocou de pé o ideal de criar uma representação para o ensino superior particular brasileiro, que unificasse nossas lutas e desse voz aos anseios dos educadores mantenedores.

A segunda maioria foi erguida pelo visionário Gabriel Mario Rodrigues, que, com sua diplomacia e habilidade ímpares, consolidou o trabalho e fez crescer o que é

hoje a maior entidade representativa da educação superior particular. Sob sua liderança, surgiu o Fórum das Entidades e nasceu o hoje nacionalmente reconhecido Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (CBESP).

Culminando sua profícua gestão, a ABMES possui hoje uma sede própria que enche de orgulho as muitas centenas de associações que dela fazem parte, e que a frequentam mensalmente para participar dos importantes seminários que ali são realizados.

A próxima maioria está sendo construída a partir da liderança assertiva de Janguê Diniz, que vem reforçando a internacionalização da ABMES e a conexão cada vez maior com as associadas regionais, contribuindo assim para que a nossa entidade seja cada vez mais representativa no cenário nacional e internacional.

Conta, para isso, com uma equipe de alto nível, comprometida e atuante, sob a batuta do Diretor Executivo Sólton Caldas. Que as próximas maioridades possam ser comemoradas com muita alegria, nessa jornada de construção de uma marca de referência para todos os educadores brasileiros, pois essa é a missão inabalável da nossa querida ABMES.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 10 de agosto de 2018.

Por uma ABMES mais inclusiva, propositiva e inovadora

No último dia 7 de maio tomou posse a nova diretoria da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), que será responsável por gerir a entidade pelos próximos três anos e à qual tenho a honra de presidir.

Assumir a missão de encabeçar essa gestão é motivo de muita alegria, mas também de profunda consciência da responsabilidade que é zelar por uma história de 37 anos, fundamentada na atitude visionária daqueles que iniciaram a caminhada e também daqueles que me precederam no cargo que ora ocupo.

Temos consciência de que os desafios a serem enfrentados não são poucos, tampouco simples. Por exemplo, o ápice da crise econômica que assolou o país nos últimos anos já se dissipou, mas seus impactos ainda serão sentidos por algum tempo. Além disso, estamos diante de um novo governo com pouco mais de quatro meses de atuação e que, como sabemos, ainda não conseguiu afinar a agenda do Ministério da Educação.

Contudo, trata-se de uma gestão que está disposta a dialogar com o setor e com a qual, certamente, estabeleceremos uma relação

de confiança focada na construção conjunta de políticas públicas voltadas para o fortalecimento da educação superior no Brasil. O excesso de regulação e a imagem negativa que a sociedade ainda tem da educação a distância e também do setor particular de ensino superior são outros pontos sobre os quais a Gestão 2019-2022 vai empenhar valorosos esforços.

É preciso que todos compreendam e internalizem o fato de que a educação superior no Brasil é particular e está fortemente comprometida com preceitos como eficiência, eficácia, ética e qualidade. Nesse sentido, as ações da Gestão 2019-2022 serão pautadas, sobretudo, na união, na representatividade e no fortalecimento do setor particular de educação superior.

A partir do lema “Uma ABMES de todos e para todos”, queremos ofertar aos nossos associados uma entidade mais acolhedora, inclusiva, diversa, propositiva, vibrante, inovadora e sustentável. Além disso, em tempos de tecnologia e educação disruptivas, voltaremos nossa atenção também para o que está sendo desenhado em termos de novas formas de ensinar, de comunicar, mas, sobretudo, de ouvir e nos fazermos ouvidos.

Queremos ofertar aos nossos associados uma entidade mais acolhedora, inclusiva, diversa, propositiva, vibrante, inovadora e sustentável.

Trabalharemos para fortalecer a interação da ABMES com as novas tecnologias e os novos espaços de diálogo. Vamos buscar linguagens e formatos atraentes, dinâmicos e modernos capazes de despertar o interesse do setor para aspectos relevantes que povoam nosso cotidiano. Vamos preparar a Associação para uma

nova era, a Era Digital. Para isso, vamos em busca da ABMES 4.0, ou seja, uma entidade ainda mais conectada e preparada para seus próximos 40 anos.

Suceder Janguê Diniz na missão de conduzir a ABMES nos seus próximos passos é uma missão que muito me honra, mas que também consiste em um grande desafio. Nos últimos três anos tive a oportunidade de integrar o quadro de vice-presidentes da ABMES e, assim, estar ainda mais próximo a ele. Empreendedor e líder nato, Janguê é dotado de grande sagacidade, o que o permitiu imprimir mais assertividade, maior capacidade de influenciar e renovar e mais visibilidade à Associação.

E é confiante no aprendizado adquirido ao longo do último triênio, associado à minha trajetória de vida, que assumo a incumbência de dar continuidade ao trabalho desenvolvido até aqui pela ABMES. Tenho convicção de que ao final desta gestão estaremos diante de uma Associação ainda mais conectada com o contexto global e com as necessidades do setor.

Porém, tudo isso somente será possível porque junto a mim tem um grupo valoroso de pessoas que aceitaram o desafio de honrar a história ao mesmo tempo em que construímos o futuro da nossa Associação. Cada membro da diretoria, dentro das suas atribuições, será fundamental para que possamos trazer novos olhares, novos encaminhamentos e superar qualquer obstáculo que venha a irromper nos próximos anos.

Reforço que nosso objetivo é trabalhar de forma mais integrada às mantenedoras associadas, na perspectiva de uma ABMES de todos e para todos. Por isso, convido todos para caminharmos juntos, de mãos dadas, na direção de uma ABMES forte, sustentável e representativa da educação superior de qualidade.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 13 de maio de 2019.

Representatividade e interlocução no universo da educação superior

Entre as atribuições de um dirigente, a representatividade talvez seja a mais desafiadora. Não que fazer a gestão diária de uma entidade seja missão simples, longe disso, mas falar em nome de todo um setor também não o é.

Mesmo tendo uma já longa trajetória no contexto das entidades representativas, a responsabilidade cresceu de forma exponencial desde o último dia 7 de maio, quando assumi os cargos de diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e de secretário-executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular.

Uma das primeiras missões foi liderar o grupo de dirigentes das associações que compõem o Fórum em uma reunião na sede do Ministério da Educação (MEC), em Brasília (DF). Além de apresentar à nova gestão da pasta as entidades que compõem o grupo, o encontro tinha como objetivo expor algumas das principais agendas do setor, como o excesso de regulação, a necessidade de maior autonomia para as faculdades e a urgência de um posicionamento firme do Ministério da Educação (MEC) com relação às constantes iniciativas de conselhos profissionais de incidirem sobre prerrogativas exclusivas do ministério.

Fomos recebidos pelo secretário executivo, Antonio Paulo Vogel, de quem ouvimos as diretrizes que nortearão as ações da gestão de Abraham Weintraub. Ficou evidente que a priorização da educação básica, amplamente anunciada desde o início do governo de Jair Bolsonaro, não significa um eventual esquecimento do ensino superior.

Pelo contrário, percebemos que o governo está atento e comprometido com demandas do setor, como a excessiva regulação que trava processos simples e gera insegurança jurídica. Mais do que isso, a atual gestão enxerga nas instituições privadas um parceiro estratégico para a ampliação da oferta de graduação no Brasil.

Em um cenário de crise econômica e sucessivos cortes de orçamento, o governo deu uma indicação clara de que o abastecimento das metas do Plano Nacional de Educação (PNE) deve ser realizado primordialmente pelo setor particular. Nessa decisão pesou, nitidamente, a eficiência das instituições particulares na ampliação da oferta de graduação.

Sendo assim, uma das apostas do governo consiste na reformulação do programa público de financiamento estudantil. Sem detalhar o modelo que está sendo pensado, Vogel deu dois indicativos: ele será mais simples e mais abrangente do que o atual, pois deve atender quem precisa de auxílio financeiro para estudar, mas também quem tem mérito.

Como representatividade é uma via de mão dupla, ao tempo em que ouvíamos as linhas governamentais de atuação também apresentávamos nossa disponibilidade para uma parceria mais estreita, em especial com relação à formação de professores da educação básica e à reformulação do programa de financiamento estudantil. O fato de formarmos 70% dos docentes do país nos

qualifica para a primeira agenda. Já a experiência acumulada ao longo de diversos governos, associada ao dia a dia das instituições de educação superior, proporcionou a elaboração de uma série de sugestões que podem encurtar caminhos na construção de políticas públicas mais eficientes.

Começa agora uma nova etapa na construção do relacionamento que o setor particular de educação superior pretende estabelecer com o Governo Federal. Feitas as devidas apresentações e colocadas propostas e expectativas na mesa, é chegado o momento de trabalharmos pela concretização dessa atuação conjunta. É disso que se faz uma representatividade efetiva. E é desta forma que pretendemos conduzir nossa gestão pelos próximos três anos.

Começa agora
uma nova etapa
na construção do
relacionamento que
o setor particular de
educação superior
pretende estabelecer
com o Governo
Federal.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 20 de maio de 2019.

CBESP 2019: inovação e diversidade na agenda da educação superior

Começa na próxima quinta-feira (6), em Belo Horizonte (MG), o XII Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (XII CBESP), maior evento do setor realizado no país. Cerca de 450 lideranças educacionais e governamentais estarão reunidas até o dia 8 na capital mineira com o objetivo de discutir questões relacionadas ao universo educacional e, assim, contribuir para a melhoria da educação brasileira como um todo.

O CBESP é realizado anualmente pela Linha Direta e promovido pelo Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, constituído pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), Associação Brasileira das Mantenedoras das Faculdades (Abrafi), Associação Nacional dos Centros Universitários (Anaceu), Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior (Semesp), Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen), Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep) e Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (Semerj).

Nesta edição, o Congresso encerrará o ciclo de debates que tiveram a inovação como eixo norteador. Com o tema “Educação superior: inovação e diversidade na construção de um Brasil plural”, serão abordados aspectos que vão desde a variedade étnica e cultural nas instituições de educação superior até caminhos para um contexto mais inclusivo, passando por questões como a gamificação da graduação e o *design thinking*.

Nas duas edições anteriores o CBESP havia discutido a relação entre **inovação e sustentabilidade** (2017) e **inovação e inclusão** (2018). Agora, ao trazer a diversidade para o contexto inovador, o Congresso fecha o tripé que deve alavancar o desenvolvimento da educação brasileira nos próximos anos, em especial a educação superior. Isso porque vivemos em uma sociedade de certezas cada

vez mais efêmeras, embora algumas convicções se mantenham permanentes. Por exemplo, ainda não surgiu alternativa à educação para a construção de uma sociedade mais justa e desenvolvida socioeconomicamente.

Contudo, embora seja de relevância inquestionável, essa mesma educação está inserida em um contexto disruptivo para o qual é preciso estar preparada. Além disso, somos um país diverso na sua essência. Aqui, nativos e imigrantes, homens e mulheres, brancos e negros convivem em harmonia nos mais diversos espaços sociais, inclusive nas universidades.

Na esfera econômica, a diversidade já se mostrou fundamental para a produtividade e o progresso. Não faltam exemplos de

Vivemos em uma sociedade de certezas cada vez mais efêmeras, embora algumas convicções se mantenham permanentes.

países que têm na diversidade da população sua fonte de riqueza e de impulsionamento do crescimento. Sabendo que há muito o conceito de inovação superou o entendimento de que sua concretização se dá apenas no universo tecnológico, hoje ela consiste em elemento estratégico para a sustentabilidade e o desenvolvimento de todo e qualquer setor econômico.

Na esfera social, a inovação precisa ser a base de qualquer iniciativa que ambicione incidir na construção de uma nação mais igualitária. Por tudo isso é que não haveria tripé mais adequado para ser discutido nos últimos anos pelo maior evento nacional da educação superior.

Calçadas de informações sobre como promover a interação entre educação, inovação, diversidade, sustentabilidade e inclusão, as mantenedoras de todo o país estarão mais preparadas para atuar; os órgãos governamentais responsáveis pelas políticas públicas da área não só apresentarão suas linhas de atuação como serão provocados a pensarem a partir de novos paradigmas; e a sociedade como um todo ganha um ecossistema educacional mais preparado para atuar dentro das necessidades e especificidades do século XXI.

Partindo da premissa de que também é importante instrumentalizar as mantenedoras de educação superior para atuarem segundo o marco regulatório vigente e os desafios de mercado, pela terceira edição consecutiva o CBESP contará com o atendimento *in loco* da equipe da Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (Seres/MEC), por meio da iniciativa Seres em Ação – que foi especialmente desenvolvida para atuar no Congresso em 2017 –, e com a realização de três workshops (referenciais de qualidade na educação a distância (EAD); metodologias ativas; e marketing digital).

Muitas são as expectativas para o que acontecerá nos próximos dias em Belo Horizonte. Com um time de congressistas de primeira grandeza e público composto por gestores educacionais que atuam na esfera decisória, o campo está preparado para três dias de debates qualificados e capazes de resultar em uma educação superior mais inovadora e diversa, com desdobramentos a curto, médio e longo prazos.

Por fim, vale registrar que tudo isso será construído a partir da perspectiva de que todos pertencemos ao “Partido Único da Educação”, ou seja, para atingir o patamar educacional almejado, o país precisa superar o discurso polarizado e passional vigente nos dias atuais e se unir em torno dos objetivos comuns.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 3 de junho de 2019.

Os novos inconfidentes

O ciclo de três edições do [Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular \(CBESP\)](#) voltadas para o debate e a reflexão sobre inovação e educação superior chegou ao fim no último sábado (8), em Belo Horizonte (MG). O evento é promovido anualmente pelo Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular e realizado pela Linha Direta.

Com o tema “Educação superior: inovação e diversidade na construção de um Brasil plural”, o XII CBESP reuniu mais de 500 participantes, entre mantenedores de instituições, reitores, gestores, especialistas e autoridades governamentais. Ao longo de três dias foram realizadas diversas atividades, todas partindo da premissa de que a Economia 4.0, fundamentada no estabelecimento de uma sociedade cada vez mais disruptiva, impõe novos olhares e estratégias a todos os setores da economia, incluindo o da educação.

Aliás, como foi ressaltado na Carta de Belo Horizonte, instituições da área educacional têm duplo desafio diante do que está sendo chamado de “quarta revolução industrial”: adequar seus processos gerenciais para se manterem em um contexto cada vez mais inovador e formar profissionais cidadãos competentes e conscientes para novo mercado de trabalho e nova sociedade.

Por isso, na capital mineira foram debatidos aspectos como a promoção da diversidade no âmbito das instituições de educação

superior, o papel das políticas públicas no fomento à diversidade e a internacionalização enquanto forma de ampliar a diversidade nas faculdades, centros universitários e universidades de todo o País. Também foram apresentados estudos e pesquisas sobre inovação e os seus possíveis recortes. O XII CBESP chamou a atenção para o fato de vivermos em um país diverso na sua essência.

Ao unir os aprendizados desta edição aos adquiridos nas duas anteriores, quando a inovação foi abordada no âmbito da inclusão e da sustentabilidade, pode-se afirmar que o ciclo de três Congressos foi extremamente oportuno e significativo para a educação superior brasileira. A síntese dos resultados evidencia que a incorporação da inovação qualifica a formação acadêmica, além de contribuir para a ruptura paradigmática imposta pelos avanços científicos e tecnológicos.

Assim como nos idos do Século XVIII, os inconfidentes se uniram com o intuito de livrar Minas Gerais da dominação portuguesa, o que se viu em Belo Horizonte ao longo dos três dias de Congresso foram pessoas imbuídas do espírito de “novos inconfidentes” com o objetivo de livrar o país das amarras que nos prendem ao passado e, assim, conduzir a educação superior brasileira rumo a um futuro mais promissor. Para isso, ficou evidenciada a importância de pensar a educação de forma global e local no contexto da sustentabilidade, da inclusão e da diversidade.

Ficou evidenciada a importância de pensar a educação de forma global e local no contexto da sustentabilidade, da inclusão e da diversidade.

Contudo, é chegada a hora de dialogarmos sobre outros desafios, sejam eles recentes ou históricos. Por isso, em 2020, estaremos reunidos novamente para vislumbrar alternativas para a inserção do empreendedorismo nas nossas instituições de ensino e salas de aula. O palco será o belíssimo resort Costão do Santinho, localizado em Florianópolis (SC), entre os dias 28 e 30 de maio.

Ali, mais uma vez, o setor particular de educação superior voltará suas atenções para a construção ou a desobstrução de caminhos capazes de contribuir para a melhoria da educação no país, característica que se consolidou como a marca do Congresso nos seus doze anos de existência. Assim, acreditamos colaborar para o desenvolvimento socioeconômico do Brasil, condição que, como sabemos, somente será alcançada quando tivermos uma educação de qualidade e acessível a cada cidadão e cidadã que tem neste espaço de terra mais do que sua moradia ou local de nascimento, a sua pátria.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 10 de junho de 2019.

O Rio de Janeiro continua lindo

Embalada pela vista privilegiada da Baía de Guanabara, a última edição do projeto ABMES Regional aconteceu no Rio de Janeiro (RJ), em parceria com o Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior do Estado do Rio de Janeiro (Semerj). A atividade reuniu mais de 140 representantes de mantenedoras de todo o estado. Na pauta, um dos temas que mais tem mobilizado o setor nos últimos meses: diploma digital.

Reunir em um mesmo espaço representantes do Ministério da Educação (MEC) e especialistas em avaliação e em tecnologia da informação garantiu uma abordagem ampla ao debate, favorecendo o esclarecimento de dúvidas e o encaminhamento para a tomada de decisões por parte das mantenedoras presentes.

O anúncio em primeira mão da realização de pesquisa sobre a nota técnica que detalhará o processo de emissão e registro do diploma digital foi um dos pontos altos do encontro. Ali, mais uma vez, o órgão se mostrou aberto a dialogar com o setor no sentido de construir soluções conjuntas para os entraves técnicos e legais que ainda funcionam como contrapeso no desenvolvimento da educação superior no Brasil.

O especialista em avaliação da educação superior, Paulo Chanan, desmistificou pontos como o de que o diploma digital demanda alto custo operacional. Já o professor de Segurança da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Jean Martina,

contou como a universidade desenvolveu seu próprio sistema e entregou os primeiros documentos no novo formato em março deste ano.

O ABMES Regional, edição Rio de Janeiro, contou ainda com o atendimento *in loco* da Secretaria de Regulação e Supervisão do Ministério da Educação (Seres/MEC), com a apresentação do programa Finep Educação e com a apresentação de dados que contextualizam a educação superior no estado.

Na esfera pessoal, levar a ABMES Regional ao Rio teve um sabor especial. Além de ter sido o primeiro evento realizado como diretor presidente da Associação, foi na minha casa, onde há 30 anos atuo na esfera educacional, seja no âmbito da instituição que dirijo, seja no contexto do Conselho Estadual de Educação, o qual tive a honra de integrar por 12 anos.

É grande a satisfação de ver o setor particular de educação superior unificado em torno de agendas propositivas.

É grande a satisfação de ver o setor particular de educação superior unificado em torno de agendas propositivas. Em uma sala na qual, em maior ou menor escala, todos competem, o que o ABMES Regional mostra é a disposição para uma atuação conjunta. Só resta concluir que as paisagens inigualáveis

da Cidade Maravilhosa serviram como fonte de inspiração, mas o que determinou o sucesso do evento foram o interesse e o comprometimento de cada instituição de educação superior ali presente.

Artigo publicado no ABMES Blog em 17 de junho de 2019.

A caminho da quinta década de existência

Agosto é um mês especial para a ABMES, é quando a instituição celebra o início de um novo ciclo na sua já extensa e gratificante jornada. Este ano comemora-se os 37 anos de uma Associação que foi criada a partir de muita determinação de pessoas visionárias, muitas das quais possuem histórias de vida que se confundem com o progresso da educação superior no país.

De seu primeiro presidente, Candido Mendes, até a gestão que ora tenho a honra de liderar, muitos têm sido os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas. Cada um, segundo as demandas e as características da sociedade do seu tempo, teve o discernimento e a sabedoria necessários para conduzir e fortalecer a Associação.

Avaliar o legado que recebemos, certamente seria um bom caminho para refletir sobre os quase 40 anos de existência, mas acredito que a proximidade da virada de década nos coloca diante de outro contexto. Nas nossas vidas pessoais, tendemos a comemorar de forma especial as idades marcadas pelo início de novas décadas.

Quando atingimos a maturidade é comum fazermos um balanço do que foi vivido, mas, em geral, refletimos ainda mais sobre o que queremos fazer daquele momento em diante. Em poucos anos a ABMES entrará na sua quinta década de existência, quando passará para a fase dos “enta”.

Se o objetivo é de que a ABMES continue sendo combativa e efetiva enquanto o contexto educacional do Brasil dela necessitar, é fundamental que esteja em sintonia com as demandas do presente e preparada para as necessidades do futuro. A meta para os próximos anos é tonificar ainda mais a Associação.

Dialogar com uma sociedade em constantes transformações sociais e tecnológicas é imperativo para a sustentabilidade, mas também para o aumento da relevância e do impacto das ações necessárias para o fortalecimento do setor particular de educação superior brasileiro.

É preciso estar preparada para a manutenção do perfil propositivo que há quase quatro décadas tem sido a marca registrada da ABMES. Longe de ser uma menina, mas também distante de ser senhora, a organização possui a maturidade necessária para se projetar centenária e sabe que, para isso, uma construção coletiva é essencial.

Assim como tudo começou a partir da união de pessoas, sua permanência e resultados também dependem disso.

Assim como tudo começou a partir da união de pessoas, sua permanência e resultados também dependem disso. Por isso, uma gestão voltada para o novo ciclo tecnológico não é suficiente. É essencial que ela também seja mais participativa, inclusiva e diversa.

A Associação vislumbra uma nova fase ainda melhor e mais sintonizada com os anseios das mantenedoras associadas. Vamos em busca de soluções para expandir e fortalecer o setor, mantendo a qualidade e dialogando com as necessidades educacionais do nosso país e com as novas tecnologias. Estar à frente do seu

tempo é uma característica que nem sempre foi bem recebida ao longo da história da humanidade.

O contexto atual, no entanto, impõe essa capacidade a quem pretende ser protagonista das transformações sociais, mas também da sua própria trajetória. Temos uma ABMES forte e bem estruturada que nos dá a segurança necessária para mirarmos adiante. Por isso, ao tempo em que celebramos seus 37 anos, a preparamos para a chegada dos 40 e o início de um novo ciclo. Se quisermos uma Associação centenária, precisamos prepará-la e o momento é agora.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 5 de agosto de 2019.

Justo reconhecimento

Pessoas altruístas costumam exercer sua vocação em distintas esferas de atuação, sejam elas no âmbito pessoal, sejam no profissional. Como essência, não há interesse nas suas ações que não sejam os de se dedicar ao próximo e à construção do bem coletivo. Mas isso não nos impede de reconhecer e valorizar o trabalho e a dedicação de quem se empenha na construção de um país mais justo e desenvolvido, certo?

Pessoas que se destacam nas suas respectivas áreas de atuação e nos motivam a acreditar que é possível uma educação de qualidade para todos os cidadãos e em todos os níveis de ensino.

Foi pensando nisso que a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) instituiu, em 2018, a [Ordem do Mérito ABMES da Educação Superior](#). Trata-se de uma comenda que tem como objetivo reconhecer a contribuição de personalidades para o desenvolvimento da educação e da sociedade brasileira.

Na terça-feira da semana passada, precisamente no dia 6 de agosto de 2019, dois novos agraciados passaram a integrar a seleta lista de membros da Ordem.

O título de Oficial foi concedido a pessoas que se destacam nas suas respectivas áreas de atuação e nos motivam a acreditar que

é possível uma educação de qualidade para todos os cidadãos e em todos os níveis de ensino.

São indivíduos que, com empenho e bravura, tiveram suas vidas pautadas pelo zelo e pelo amor à área. Assim como os adereços que compõem a medalha recebida por eles, as pessoas que a recebem devem possuir características como mente elevada, honra, confiança e espírito de luta pelo bem comum.

E essas são qualidades que a ABMES enxerga no nosso querido professor Gabriel Mario Rodrigues e também na aguerrida professora Gina Vieira Ponte. Colaborador fixo deste blog e responsável pelos [textos das terças-feiras](#), com mais de 330 artigos publicados, Gabriel Mario Rodrigues é dono de uma trajetória ímpar e que se confunde com o desenvolvimento da educação superior no Brasil.

Ao longo de décadas, atuou para o reconhecimento e a valorização do setor particular de educação superior. Nessa caminhada, fundou e dirigiu a Faculdade Anhembí Morumbi e foi reitor da Universidade Anhembí Morumbi. Também foi membro fundador e secretário executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular e diretor presidente da ABMES de 2004 a 2016, que sob sua gestão se consolidou como a maior e mais importante Associação do setor em nosso país.

Já a professora de português Gina Vieira Ponte se destaca pela defesa da educação para a igualdade étnico-racial e de gênero. Ao conceber a educação como instrumento de fortalecimento da democracia e de transformação social, ela criou o projeto “Mulheres Inspiradoras” em uma escola da periferia do Distrito Federal. Com a iniciativa, voltada para a valorização das mulheres e o fortalecimento da identidade das meninas, a professora conseguiu estabelecer novos padrões na relação entre meninas

e meninos na escola. Como resultado, o projeto já ganhou 11 prêmios e foi transformado em política pública de educação, atualmente replicado em mais de 40 escolas do Distrito Federal.

Como podem ver, trata-se de dois indivíduos que possuem estreita relação com a educação e o seu poder de transformação social. São pessoas que nos inspiram a continuar a caminhada em direção a uma educação de qualidade para todos, base para a conversão do Brasil em uma nação mais educada, desenvolvida, justa e promissora para todos os que aqui vivem.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 12 de agosto de 2019.

Jornalismo de impacto e transformação social

O papel da imprensa vai muito além de divulgar fatos ou anunciar decisões já estabelecidas. Ao funcionar como uma espécie de “cão de guarda” da sociedade, os meios de comunicação são grandes vigilantes da máquina pública e exercem relevante atuação social.

Os meios de comunicação são grandes vigilantes da máquina pública e exercem relevante atuação social.

No âmbito da educação, trata-se de agentes estratégicos para a melhoria permanente da área, essencial para o impulsionamento do progresso do país como um todo. Foi com o objetivo de reconhecer e valorizar o mérito da imprensa para o fortalecimento da educação superior brasileira que a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior criou, em 2017, o **Prêmio ABMES de Jornalismo**.

Com a iniciativa reconhecida e consolidada, no último 6 de agosto foram revelados os **vencedores da 3ª edição**, em uma cerimônia recheada com muita emoção e expectativa, que contou com a

ilustre presença dos três membros da comissão julgadora, os imortais da Academia Brasileira de Letras (ABL) Arnaldo Niskier, Marco Villaça e Merval Pereira.

Oito dos 24 trabalhos finalistas sagraram-se campeões em meio à grande diversidade de temas, sob distintos enfoques, mas que, no fim, convergiam para a relevância da educação na construção de um país mais justo, soberano e sustentável. Este ano foram efetuadas 296 inscrições nas oito categorias do Prêmio, crescimento de 30% em relação a 2017, quando foi lançada a iniciativa. Além de cobrar as instâncias governamentais, o jornalismo se destaca também na missão de dar visibilidade a histórias de sucesso.

Por meio dele, compreensões consolidadas na percepção popular ganham nome, passado, presente e futuro. Tornam-se realidade que resulta em identificação e projeção. Afinal, se aquela pessoa chegou lá, eu também posso conseguir.

São histórias como as da [Edilza Maria Bento](#), 54 anos, e do [João Batista Pereira Júnior](#), 22 anos, apresentados a todos por dois profissionais finalistas da 3ª edição do Prêmio ABMES de Jornalismo. Por meio delas é possível ver na prática o poder transformador da educação superior na vida das pessoas e daqueles que as cercam.

Edilza Maria é indígena, nascida e criada na pequena cidade de Baía da Traição (PB). Começou a trabalhar aos 11 anos em troca de roupa, casa, alimento e da possibilidade de estudar. Tinha nos livros seu passatempo preferido. Com determinação, cursou Letras na universidade estadual, mas queria mais. Queria ajudar sua comunidade na busca por justiça. Após cinco vestibulares, foi aprovada em Direito em uma instituição particular de ensino. Concluir a segunda graduação foi um desafio superado graças à união de colegas que a ajudaram a

pagar algumas mensalidades e à faculdade, que concedeu uma bolsa de estudo. Hoje, aquela menina indígena é conhecida por todos como a Dra. Edilza Maria Bento.

João nasceu em Espírito Santo do Dourado (MG). Filho de agricultores, desde muito cedo ajudava os pais na roça, mas nunca abandonou os estudos. Na escola, os colegas riam quando falava do sonho de estudar medicina. Mas, por ser bom aluno, ganhou bolsas de estudos nas melhores escolas da cidade. O sonho quase utópico tornou-se realidade quando foi aprovado na Unicamp. Foram seis anos de muito estudo até a conclusão da graduação, em 2018. Hoje, o Dr. João Batista Pereira Júnior é médico-residente em Ginecologia e o orgulho da família.

É difícil imaginar que alguém não se sinta tocado ao assistir ou ler essas duas histórias de transformação promovida pela educação – assim como tantas outras retratadas quase que diariamente pelos veículos de comunicação brasileiros. É esse poder de mobilização e de pautar determinados temas na sociedade que nos faz acreditar na força da imprensa como um dos elementos fundamentais para a transformação do cenário educacional do Brasil. Por isso, que venha a 4ª edição do *Prêmio ABMES de Jornalismo!*

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 19 de agosto de 2019.

Hora de fazer a diferença

No Brasil, costumamos relacionar a chegada do mês de setembro ao início da primavera que, neste ano, se dará no dia 23. Por uma grata (e florida) coincidência, este mesmo dia marcará a abertura da Semana da Responsabilidade Social do Ensino Superior Particular, realizada anualmente pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) no âmbito da **Campanha da Responsabilidade Social do Ensino Superior Particular**.

A iniciativa consiste em uma grande celebração das capacidades de mobilização e de transformação social inerentes às instituições de educação superior (IES). Anualmente, centenas delas, de leste a oeste, de norte a sul, realizam milhares de atividades que movimentam a comunidade acadêmica em prol de populações menos favorecidas socioeconomicamente.

As ações acontecem ao longo de todo o ano letivo, mas uma mostra significativa é concentrada durante a Semana da Responsabilidade Social. Nesse período, as atividades se espalham por todo o país e ganham ainda mais visibilidade, contribuindo para maior participação da comunidade, bem como para a valorização de estudantes, professores, gestores educacionais e técnicos, que se dedicam ao projeto de forma voluntária.

Ao longo de 14 edições, quase 16 milhões de atendimentos foram realizados em diversas áreas, como atividades esportivas,

conscientização ambiental, consultoria jurídica, orientação profissional, assistência à saúde, serviços de estética, atividades culturais, oficinas de informática e de fotografia.

Como, em geral, os alunos se envolvem em práticas relacionadas à sua formação acadêmica, além de proporcionarem momentos de alegria e esperança a milhares de pessoas, eles têm na Campanha a possibilidade de aplicar parte dos conhecimentos adquiridos em sala de aula e de terem implantada em suas mentes e corações a semente para o exercício de uma cidadania mais humana e colaborativa.

Com uma média de 700 IES participantes a cada ano, a Campanha da Responsabilidade Social está consolidada como a principal atividade do setor particular de educação superior voltada para as comunidades nas quais as instituições estão inseridas.

Cientes da responsabilidade social intrínseca à missão de educar e motivadas pela possibilidade de formar não apenas profissionais, mas cidadãos conscientes do seu papel na construção de uma nação menos desigual, instituições de todo o Brasil empenham cada vez mais esforços para fazerem a diferença.

É com esse espírito que, em 2019, centenas de instituições particulares de educação superior, mais uma vez, se apresentarão diante da população brasileira durante a Semana da Responsabilidade Social. Entre os dias 23 e 28 de setembro, a

A Campanha da Responsabilidade Social está consolidada como a principal atividade do setor particular de educação superior voltada para as comunidades nas quais as instituições estão inseridas.

festa da conscientização, da capacitação e da promoção do bem-estar tomará conta de parques, praças, *campi* e outros espaços de convivência comunitária.

Tamanha mobilização não seria possível sem a dimensão e a capilaridade alcançada pelas instituições particulares de educação superior. Além disso, ela reforça a relevância do setor não apenas para o processo educacional, mas também enquanto agente estratégico na floração de um país mais justo, social e economicamente, inclusivo e sustentável. Setembro chegou. Que venham a primavera e a Semana da Responsabilidade Social!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 2 de setembro de 2019.

Um dragão na educação superior

Em outubro deste ano, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) embarca rumo a um novo destino com o objetivo de compartilhar experiências e conhecer boas práticas pedagógicas e gerenciais adotadas por instituições de educação superior mundo a fora. A 3ª Delegação ABMES Internacional aterrissará na China, onde terá a oportunidade de conhecer universidades em Pequim, Xangai, Hong Kong e Macau, e também aprender um pouco mais sobre as tradições e cultura locais.

A iniciativa integra o programa ABMES Internacional, desenvolvido desde 2017 e que contempla uma série de ações estratégicas com o propósito de orientar as instituições de educação superior (IES) do Brasil sobre a internacionalização do ensino, a cooperação entre universidades e associações brasileiras com entidades semelhantes ao redor do planeta e promover a Associação para outras nações e continentes.

O ponto de partida para a idealização do ABMES Internacional foi a convicção de que a internacionalização consiste em um elemento fundamental para o desenvolvimento da educação superior

A convicção de que a internacionalização consiste em um elemento fundamental para o desenvolvimento da educação superior no Brasil.

no Brasil. Este, aliás, é o objetivo de todas as ações realizadas pela Associação, que incluem a busca permanente por tecnologias sociais e educacionais capazes de aprimorar o processo educacional brasileiro.

E foi por isso que, em 2017 e em 2018, a ABMES levou para a Rússia e para Israel, respectivamente, não apenas representantes das IES, mas também do Congresso Nacional e do Ministério da Educação (MEC) visando cooperar para a disseminação de novas práticas, soluções e visões capazes de incidir na formulação de políticas públicas voltadas para a melhoria do ensino superior ofertado no Brasil.

Os quase 17 mil quilômetros que serão percorridos até a China se justificam pela busca da compreensão sobre como as instituições particulares brasileiras podem contribuir para que o país avance nos seus índices de produtividade, competitividade e inovação a partir da oferta de conteúdos e estruturas educacionais que colaborem para a construção de novos paradigmas na esfera da educação superior.

A escolha da China se deu, em grande parte, por conta dos progressos ocorridos nas últimas décadas e que transformaram o país em uma potência em diversas áreas, inclusive nos campos da educação e da inovação. As similaridades entre ambas as nações, como o tamanho continental, o crescimento do setor particular de educação superior e o boom das *startups* chinesas, foram outros pontos considerados na escolha. Aliado a isso, recentemente foi criada em Pequim uma faculdade dedicada ao ensino do português associado a conhecimentos mais aprofundados sobre os países lusófonos visando o incremento do intercâmbio internacional.

Outro aspecto que a torna um destino atraente para o grupo composto por representantes de mais de 15 faculdades, centros

universitários e universidades de todo o Brasil é a vocação do país para a internacionalização das suas instituições de ensino. Hoje, a China é o terceiro destino mais popular do mundo para estudantes estrangeiros, atrás apenas dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Os números mais recentes apontam que cerca de 490 mil estudantes estrangeiros estavam matriculados em universidades chinesas em 2017 (10% a mais do que em 2016), com destaque para os sul-coreanos, tailandeses e paquistaneses. No Brasil, dos 16.528 estrangeiros que frequentavam as instituições de educação superior naquele ano, apenas 259 eram chineses.

Por isso, ao visitar algumas das principais universidades do gigante asiático, a delegação internacional pretende estreitar relacionamentos e construir pontes entre as instituições de ambos os países visando ampliar o intercâmbio de estudantes e docentes, além do desenvolvimento conjunto de projetos e pesquisas.

Para contribuir, durante a delegação serão assinados termos de cooperação entre a Associação e instituições chinesas, a exemplo do que foi feito na Rússia e em Israel. Trata-se de documentos que facilitam o diálogo entre as instituições daquele país e as associadas da ABMES, que hoje representam mais de 2.500 unidades educacionais em todo o Brasil, respeitando as características e particularidades de cada universidade.

Serão quinze dias de trabalho intenso, mas também de conagraçamento entre o grupo e de visitas a locais únicos como a Muralha da China e a Cidade Proibida, pois conhecer parte da história e da cultura locais não só amplia a bagagem individual de cada participante, mas contribui para que o setor particular de educação superior compreenda melhor as bases sobre as quais aquela sociedade foi construída e que ainda hoje refletem na sua forma de educar e de estabelecer parcerias.

Segundo a mitologia, o dragão chinês foi um dos quatro animais sagrados que participaram da criação do mundo e tem a sabedoria entre seus simbolismos. Não há dúvida de que a China contemporânea absorveu essa sapiência para transformar-se na atual potência global que representa. Ao embarcar rumo a essa fonte de inspiração, que mistura tradição e modernidade, são grandes as expectativas do setor com relação aos resultados da 3ª Delegação ABMES Internacional. É com esse espírito que o grupo embarcará em 10 de outubro de 2019 rumo ao outro lado do planeta. Não haveria como ser diferente.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 9 de setembro de 2019.

Uma academia bem educada

Nem bem recuperado da emoção de ser recebido na Academia Brasileira de Educação (ABE) pelo meu pai, Arnaldo Niskier, já participei de uma agenda de grande relevância para o setor. Fui convidado a acompanhar o presidente da ABE, Carlos Alberto Serpa de Oliveira, e os acadêmicos Paulo Alcântara Gomes e Sidney Mello em uma audiência com o ministro da Educação, Abraham Weintraub, que contou também com a participação do prof. Antonio Veronezi.

Em uma manifestação de grande importância política, a Academia apresentou ao ministro o documento “Rumos para a Educação Brasileira”, um amplo estudo feito pelos acadêmicos, alguns dos quais já foram ministros ou membros do Conselho Nacional de Educação (CNE). Trata-se de um diagnóstico profundo da situação da nossa educação, alinhando ações estruturantes em torno de dez pilares para melhorias.

Na educação básica, são quatro os pilares: primeira infância; gestão de redes e financiamento; aprendizado, acesso e permanência; e carreira e formação do professor. Na educação superior, o documento é estruturado em torno de seis pilares: reorganização do sistema de educação superior; regulação da educação superior; mudança do sistema de financiamento; reforma dos currículos; Enem e acesso ao ensino superior; e educação a distância (EAD).

A proposta foi muito bem recebida pelo ministro, que destacou a importância de se apoiar o Programa Future-se – voltado à modernização das universidades públicas –, ora em discussão nas audiências públicas e posteriormente no Congresso Nacional.

Dessa forma, a ABE, fundada em 1977, busca consolidar-se como um espaço de debates e de aglutinação de ideias e projetos, utilizando-se do talento lá acumulado por tantos educadores experientes e de prestígio.

É preciso somar esforços para construir uma proposta de avanço da educação brasileira que seja representativa de todos os setores envolvidos.

Um país não se faz só com homens (ou mulheres) e livros, como dizia Monteiro Lobato. Faz-se também com ideias, com debates e com discussões capitaneadas por instituições tradicionais como a ABE, um verdadeiro repositório de competências a serviço do desenvolvimento da educação nacional, em todos os níveis e modalidades.

Nós, da ABMES, também iremos contribuir com os debates na Academia Brasileira da Educação. É preciso somar esforços para construir uma proposta de avanço da educação brasileira que seja representativa de todos os setores envolvidos e que possa ser adotada pelos governantes genuinamente interessados no desenvolvimento do país, o que passa por uma educação inclusiva e de qualidade.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 23 de setembro de 2019.

Em busca do dragão chinês

O dragão, segundo a mitologia chinesa, foi um dos quatro animais sagrados que participaram da criação do mundo. Segundo a mesma mitologia, dragões podem ser grandes como o universo, ou pequenos como um bicho-da-seda. São depositários de todas as qualidades que se pode almejar: sabedoria, coragem, nobreza, força e beleza. Servem, portanto, de inspiração para uma jornada que se inicia nesta semana.

Depois do sucesso da viagem à Rússia, em 2017, e a Israel, em 2018, a Delegação ABMES Internacional, promovida pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), embarca nesta semana rumo à China. Um grupo de 40 mantenedores e dirigentes educacionais, patrocinado pelas empresas Grupo A e Pearson, visitará durante duas semanas as principais universidades chinesas, para conhecer um pouco mais sobre o chamado “milagre chinês” e como esse país continental, que é o maior parceiro comercial do Brasil, está enfrentando os desafios do século 21.

Conhecemos a *Beijing Language and Culture University*, onde assinaremos um Memorando de Entendimentos para intercâmbio acadêmico e cultural entre nossos associados e essa importante universidade de Pequim; visitaremos a *Beihang University*, um polo importante de desenvolvimento de projetos educacionais usando técnicas de Realidade Virtual; estaremos no Z-Park, um

parque de software construído no que hoje é chamado de “Vale do Silício Chinês”, e concluiremos nossa passagem por Pequim, conhecendo o *National Institute of Culture Development*.

Em Xangai, visitaremos a prestigiosa universidade Fudan, base do centro de estudos do BRICS (grupo de países emergentes), onde teremos oportunidade de assinar outro memorando de entendimentos, que abrirá as portas das nossas instituições para importantes projetos acadêmicos. Conheceremos também a *Shanghai University of Finance and Economics*, onde visitaremos a sua Escola de Direito, e, ao final da passagem por Xangai, visitaremos a sua universidade de Medicina Tradicional Chinesa, um patrimônio cultural da medicina mundial.

Chegando a Hong Kong, passaremos o dia na Chinese University of Hong Kong, conhecendo seus projetos na área de cursos MOOC (*Massive Open Online Courses*), além de visita à sua Escola de Negócios, uma das mais respeitadas da China. Pegando o *ferry boat*, faremos um “bate-volta” a Macau, antiga colônia portuguesa, onde teremos oportunidade de conhecer a *City University of Macau* e as-

sinar lá nosso último memorando de entendimentos, agora na área de ensino de Português.

A China realiza o sonho de se tornar uma grande nação, de importância mundial, e seus passos na área de educação certamente nos ensinarão muitas lições.

Há 70 anos, ocorreu o fato que, para especialistas e analistas internacionais, foi o mais importante da história multimilenar da nação chinesa. Trata-se da revolução chinesa, e da proclamação da República Popular Chinesa, liderada por Mao Tsetung. Hoje, sob a liderança de Xi Jinping, a

China realiza o sonho de se tornar uma grande nação, de importância mundial, e seus passos na área de educação certamente nos ensinarão muitas lições, que aqui no Brasil poderão servir de exemplo e de modelo para as instituições particulares de educação superior.

Esperamos que o fogo do dragão chinês aqueça nossos corações e mentes, e que voltemos de mais uma Delegação ABMES Internacional energizados, inspirados e motivados a mover nossos empreendimentos em direção à inovação e ao crescimento sustentável. O que a China realizou em 70 anos serve de exemplo para todos nós.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 7 de outubro de 2019.

A nova rota da seda

Cansados, mas felizes. Assim nos sentimos ao regressar dos quinze dias que passamos na China, como parte da Delegação ABMES Internacional. Sons, aromas e sabores compuseram um mosaico de sensações variadas, de difícil descrição, que ainda pairam sobre cada um dos membros da nossa comitiva.

Difícil será esquecer tantas imagens e impressões desse país fenomenal. Foram dias intensos, de muito aprendizado, novidades, experiências únicas e - por que não? - bastante diversão. Percorremos quase 40 mil quilômetros, passando por cidades que convivem com a cultura milenar e conhecendo inovações que estão revolucionando o mundo, especialmente na área de educação.

Firmamos acordos importantes e parcerias estratégicas, que nos permitirão promover intercâmbios culturais e acadêmicos entre instituições brasileiras e chinesas. Certamente, todo o setor educacional do nosso país será enriquecido e beneficiado com esse trabalho.

Conseguimos mostrar aos líderes educacionais chineses a nossa abertura e disposição, construindo pontes para futuros projetos de mobilidade estudantil e de docentes, transferência de tecnologia e duplos diplomas, a serem implementados pelas nossas associadas.

Sáímos com a impressão de que o idioma Português e a cultura brasileira são muito apreciados na China, e precisam de incentivo para que possam ser levados ao grande país continental, que é o maior parceiro comercial do Brasil.

As muralhas foram quebradas, agora é hora de apostar nas parcerias. Refizemos os caminhos de Marco Polo em busca da seda, mas da seda contemporânea, que é o conhecimento, adquirido através da boa educação. Uma palavra de agradecimento aos membros da Delegação, que tão bem representaram a ABMES durante as rodadas de conversação e negócios.

As muralhas foram quebradas, agora é hora de apostar nas parcerias.

Foram 17 grupos educacionais e instituições, representando mais de 400 mil estudantes brasileiros, de todas as regiões do país. Nada do que fizemos seria possível sem a atuação intensa e corajosa dos participantes, entre os quais incluo a brilhante equipe administrativa da ABMES, apoiada pelo consultor Evandro Menezes de Carvalho, que foi um gigante em terras chinesas. Agora, vamos colher os frutos da abertura das portas da China, ao mesmo tempo em que nos preparamos para o próximo desafio, a Japan Experience 2020. *Xiè xiè nì!*

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 4 de novembro de 2019.

As muralhas do conhecimento

A China não é só uma potência econômica, é também um país com um modelo educacional que pode contribuir muito para o desenvolvimento da nossa educação superior. O momento é oportuno, visto que o ensino superior particular brasileiro tem crescido e despertado a necessidade de ampliar a internacionalização e as parcerias com as principais instituições de educação do mundo, trocando experiências e conhecendo as melhores práticas nas áreas organizacionais, educativas e gerenciais.

Recentemente, realizamos a 3ª Delegação ABMES Internacional – China Experience, onde estivemos acompanhados por educadores de 16 instituições privadas, que juntas representam mais de 400 mil estudantes brasileiros. Na ocasião, firmamos acordos importantes e parcerias estratégicas, que criam oportunidades de promover intercâmbio cultural e acadêmico entre instituições brasileiras e chinesas.

Cito aqui um dos acordos fechados, com a *Beihang University*, de Pequim, por meio do qual três universidades brasileiras vão adquirir um software de realidade virtual desenvolvido pelo centro de inovação da universidade chinesa. Pelo programa é possível realizar simulações de aulas de anatomia ou experimentos em laboratórios de química com uso de realidade aumentada.

Também compartilho uma parceria com futuro exitoso. Percebemos que o interesse pela Língua Portuguesa tem crescido no

país do mandarim e isso nos fez pensar um acordo de cooperação com as instituições chinesas. A proposta é levar para a China um grupo de professores brasileiros para que possam ensinar o português falado no Brasil, além de aprender o mandarim. Ao regressarem para o Brasil, o aprendizado poderia ser replicado, uma vez que também é ascendente a busca do mandarim por estudantes brasileiros.

É fato que proporcionar a troca de informações e vivências não só fortalece as instituições na melhoria dos seus processos, como também na qualidade dos serviços ofertados. Para os estudantes que buscam a experiência internacional, é a oportunidade de estarem conectados às tendências e inovações das áreas profissionais que escolheram para seguir após a graduação.

Proporcionar a troca de informações e vivências não só fortalece as instituições na melhoria dos seus processos, como também na qualidade dos serviços ofertados.

Os acordos de cooperação nos levam a acreditar que a atuação do setor particular de educação no Brasil possa ser cada vez mais globalizada, abrindo caminho para projetos acadêmicos com emissão de diplomas com validade em ambos os países. Cabe lembrar que a China, nossa maior parceira comercial, tem reconhecida qualidade internacional dos cursos de graduação e pós-graduação, tornando o país o maior produtor de doutores universitários do mundo. Se a nova rota da seda é a busca do conhecimento, Brasil e China podem se unir no rompimento das muralhas que nos separam também no campo da educação.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 2 de dezembro de 2019.

O simbolismo do ciclo

De origem grega, a palavra “ciclo” (*kýklos*) remete a fenômenos que se renovam de forma constante. Quando chegamos ao final do ano, mesmo que o trabalho seja contínuo, que o planejamento do próximo ano se confunda com a conclusão do ano que se finda, temos a sensação de que algo novo surge. Revigoramos nosso espírito e ganhamos vitalidade para seguir em frente e ir além.

Revigoramos nosso espírito e ganhamos vitalidade para seguir em frente e ir além.

A preparação da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) para os desafios do futuro, com a inserção de novas ferramentas tecnológicas, com linguagem e formatos atraentes, dinâmicos e modernos,

nos norteou em todas as ações e projetos que desenvolvemos ao longo de 2019. Estamos em busca da ABMES 4.0, ou seja, uma entidade ainda mais conectada e preparada para seus próximos 40 anos.

Para isso, estamos focados nos cinco I's: Influência, Informação, Internacionalização, Inovação e Integração.

No campo da Influência, temos atuado fortemente no âmbito do Congresso Nacional, com a participação em audiências públicas e seminários, abordando as principais pautas de interesse dos nossos associados. Também fizemos visitas a parlamentares e

representantes de diversos setores do Governo Federal, a fim de debater os projetos e propostas relacionadas ao setor de educação superior brasileiro.

Na questão da Informação, realizamos, ao longo do ano, nove seminários, reunindo educadores, gestores e especialistas de todo o Brasil para debater temas atuais e importantes para o setor, como educação a distância, internacionalização, tecnologia, Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), captação, entre outros assuntos. Realizamos ainda o primeiro curso livre ofertado no Brasil com uso de metodologias ativas online e aplicação do conceito de sala de aula invertida. Um marco na história da Associação! A ABMES Editora também merece destaque especial. Neste ano, lançamos seis importantes publicações.

Na Internacionalização, a 3ª delegação da ABMES fez história ao viajar para o outro lado do mundo, em busca de parcerias com as melhores instituições de educação superior da China, o mais importante parceiro comercial do Brasil. Na ocasião, firmamos acordos importantes e parcerias estratégicas, que criam oportunidades para intercâmbio cultural e acadêmico entre as instituições brasileiras e chinesas.

A Inovação norteou nossas ações ao longo de 2019 e o planejamento para 2020. Com a Microsoft, nos tornamos parceiros do projeto AcademIA, voltado à capacitação gratuita em Inteligência Artificial para estudantes e profissionais já inseridos no mercado, e começamos a estruturar um laboratório de inovação e criatividade em nossa sede, que será inaugurado em breve.

Outra grande novidade que lançamos neste ano foi o aplicativo da ABMES. Com apenas um clique, é possível acessar as principais informações sobre a educação superior particular e os serviços e produtos produzidos por nós, disponíveis de forma ágil e na

palma da mão. Tudo isso visando a informação e a transformação digital, itens essenciais para garantir a competitividade e a sustentabilidade das IES hoje e no futuro.

Por fim, no campo da Integração, atuamos na implementação de processos de humanização na ABMES. Um dos exemplos é que a equipe administrativa tem sido estimulada a assinar artigos sobre suas respectivas áreas de atuação, que periodicamente são publicados no blog da instituição. Os colaboradores incorporaram ainda, na rotina de trabalho a prática diária de meditação, medida que possui impacto laboral positivo comprovado, além da melhoria do ambiente corporativo.

Sem dúvida alguma, foi um ano de muito trabalho, de muitas realizações e desafios. Fechamos mais um ciclo com louvor. Em 2020, não só daremos continuidade a esses projetos, como também atuaremos para alcançar novas metas que fortaleçam ainda mais o setor particular de educação superior Brasileiro. Os planos para o próximo ano já estão a todo vapor, mas vamos nos valer da renovação que este período nos traz para iniciarmos o novo ciclo com mais um “i”, o da Inspiração.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 23 de dezembro de 2019.

Vamos falar sobre o futuro da educação e do trabalho?

O próximo Congresso Brasileiro da Educação Superior Particular (CBESP), promovido pelo Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, trará como tema principal o empreendedorismo e a educação superior.

Foi com muita alegria que confirmamos a presença, para ser o palestrante principal, do físico [Marcelo Gleiser](#), único brasileiro até hoje a ser premiado com o [prêmio Templeton](#), considerado o Nobel da ciência e da espiritualidade. Marcelo irá debater com os congressistas o futuro da educação e do trabalho em tempos de tecnologias disruptivas, que estão mudando a maneira de viver e de fazer negócios no mundo atual.

Para ele, mais importante do que o diploma, é a pessoa. Ele valoriza a formação ampla e crítica de seres humanos capazes de pensar racionalmente, e de tomar decisões em um mundo incerto e volátil.

Nós, educadores, estamos antenados para essas transformações, e iremos discutir no próximo CBESP como introduzir as chamadas habilidades socioemocionais nos currículos da graduação.

Nós, educadores, estamos atentos para essas transformações, e iremos discutir no próximo CBESP como introduzir as chamadas habilidades socioemocionais nos currículos da graduação. Formamos nossos jovens não para o passado, mas sim para um futuro que é cada vez mais difícil de prever.

Formamos nossos jovens não para o passado, mas sim para um futuro que é cada vez mais difícil de prever.

Queremos preparar uma geração de jovens empreendedores, capazes de atuar como agentes de transformação da realidade social, com atitudes proativas e capacidade de aprendizado contínuo. Só assim teremos a expectativa de construir um país capaz de sobreviver e prosperar na era digital. Esse será o enfoque dos congressistas durante o CBESP 2020, para o qual estão todos convidados. A revolução é sua também!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 10 de fevereiro de 2020.

UniCarioca 30 anos: Uma História de Garra e Talento

Ao receber um telefonema de meu pai, Arnaldo, durante a fase final do meu doutoramento em Computação no *Imperial College*, de Londres, uma decisão foi tomada. Soube por ele da existência de uma carta-consulta para uma nova instituição de ensino superior no Rio de Janeiro, e imediatamente foi reavivada minha paixão por educar e empreender.

Retornei mais cedo do doutorado, que só fui completar 20 anos depois, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e dei início a uma jornada que nesta semana completa 30 anos. Da então Faculdade Carioca de Informática, pioneira na área nos idos de 1990, até o hoje bem-sucedido Centro Universitário UniCarioca, com mais de 12 mil alunos, uma história de garra e talento foi traçada.

Contando com a colaboração de diversos professores talentosos e com a confiança dos 70 alunos que iniciaram comigo essa trajetória compondo as duas primeiras turmas do curso superior de Tecnologia em Processamento de Dados, construímos um sonho transformado em três décadas de realidade.

A UniCarioca é o melhor Centro Universitário do Rio de Janeiro, por sete anos consecutivos, segundo as avaliações do Ministério da Educação. Temos também o melhor curso de ensino a distância do Brasil, o nosso curso superior de Marketing. Essa jornada não foi traçada de forma solitária, mas de forma solidária.

Sou grato a todos os colaboradores que vieram junto comigo nesse período de construção, vivendo os altos e baixos naturais de qualquer empreendimento.

Aprendemos juntos que o sonho de uma instituição de educação superior acessível e de qualidade não é um sonho impossível.

Aprendemos juntos que o sonho de uma instituição de educação superior acessível e de qualidade não é um sonho impossível.

Ele é fruto de muita persistência, mas também de muita paciência, já que todos os investimentos em educação são de longo prazo. A UniCarioca é um exemplo de instituição séria, inovadora e voltada

para o bem-comum, tendo transformado a vida de mais de 20 mil alunos que por ela se formaram, e que estão em pleno desenvolvimento no mercado de trabalho.

Nesta semana de aniversário, compartilho com vocês o meu orgulho e a minha alegria por ter acreditado no Brasil, acreditado na educação e, principalmente, acreditado no desejo natural do ser humano de buscar uma vida melhor, através do conhecimento e das oportunidades que o ensino superior oferece. Muito obrigado a todos aqueles que, junto comigo, ao longo desses 30 anos, tornaram esse sonho realidade.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 2 de março de 2020.

Um ano especial

Quando eu assumi, há um ano, o desafio de presidir a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), recebendo das mãos de Janguê Diniz o bastão da presidência, sob o olhar acolhedor e estimulante do professor Gabriel Mario Rodrigues, sabia que esse ano seria muito especial.

Assumi motivado a dar continuidade aos bons projetos das gestões anteriores, adicionando a visão da transformação digital e da construção da ABMES 4.0. E assim fizemos: lançamos o app da ABMES, fechamos parceria com a Microsoft para criação da Academia e desenvolvemos o projeto do novo laboratório de inovação.

Através dos cursos, seminários, publicações e prêmios realizados, a ABMES se torna, a cada dia, mais próxima dos seus associados, que buscam na entidade o apoio e o encorajamento para que possam desenvolver ainda mais e melhor as suas instituições, pois essa é a nossa missão.

Para isso, tem sido fundamental contar com uma brilhante equipe, liderada pelo competente Sólon Caldas, além do apoio integral de toda a nossa Diretoria e do Conselho de Administração, compostos por importantes educadores e mantenedores de todo Brasil.

Agora, desafiados pelo combate à Covid-19, estamos ainda mais unidos em prol da educação superior privada, atuando junto com o Fórum das Entidades Representativas e com outras importantes entidades na incansável defesa das nossas instituições, pois esse é o assunto do momento.

O Brasil precisa da educação superior privada, e a ABMES tem o desafio de continuar a ser um farol a iluminar as nossas associadas.

Muita coisa ainda será realizada, mas fica em mim a certeza de que fiz bem em aceitar o chamado, e tenho, desde então, lutado lado a lado com outros empreendedores educacionais, na construção de uma educação superior mais forte, mais unida e mais relevante socialmente. O Brasil precisa da educação superior privada, e a ABMES tem o desafio de continu-

ar a ser um farol a iluminar as nossas associadas no caminho da realização e do sucesso empresarial. A jornada está só começando. Vamos juntos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 4 de maio de 2020.

Esperança de um futuro melhor

Em recente [pesquisa](#) realizada pela empresa Educa Insight, e divulgada em parceria com a ABMES, demonstra uma realidade palpável: a grande maioria (78%) das instituições de educação superior fez a migração para as aulas remotas, em tempo recorde. Dos alunos entrevistados, 89% já estão utilizando as aulas “ao vivo”, com a participação engajada dos professores. E, dentre esses alunos, a avaliação é bem positiva (71%).

Esses são os dados principais da 2ª etapa da pesquisa “Coronavírus e educação superior: o que pensam os alunos”, apresentada em [Seminário Virtual](#) realizado pela ABMES, que contou com mais de 780 dispositivos conectados, via YouTube.

Um ponto da pesquisa chamou a atenção: parte dos estudantes já começa a sentir o impacto da perda de renda. Tendo isso em vista, as instituições já estão oferecendo condições especiais de pagamento. Os planos individualizados são os que têm mais aceitação pelos alunos. Atendimento a cada um, segundo sua necessidade. Essa é a melhor diretriz.

No cômputo geral, a pesquisa mostra um setor educacional versátil, dinâmico e inovador, capaz de se autogerir e de encontrar as melhores soluções para o enfrentamento das

Atendimento a cada um, segundo sua necessidade. Essa é a melhor diretriz.

dificuldades trazidas pela pandemia. A ampla maioria (91%) dos estudantes pesquisados quer continuar estudando, mostrando esperança em um futuro melhor, futuro esse que a educação superior de qualidade ajuda a construir. [Veja a pesquisa completa.](#)

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 11 de maio de 2020.

Novos horizontes da internacionalização

Ao receber o convite do grupo Unis, líder do consórcio U.Experience, para falar no II Fórum Internacional, transmitido ao vivo pelo YouTube, sobre os desafios da internacionalização das instituições de educação superior brasileiras, em tempos de pandemia mundial, fiquei feliz em poder apresentar o *case* da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES).

Ao longo dos últimos três anos, as delegações internacionais da ABMES, reunindo mantenedores de todo o Brasil, puderam vivenciar diferentes realidades, desenvolver contatos e parcerias e trocar experiências com instituições da Rússia (2017), de Israel (2018) e da China (2019). No total, foram mais de 10 convênios internacionais de cooperação assinados com instituições universitárias destes países, abrindo as portas para que as IES brasileiras possam desenvolver seus programas de internacionalização.

No entanto, novos horizontes se avizinham em tempos pós-pandemia de Covid-19.

Em minha opinião, diminuirá o fluxo de pessoas e aumentará o fluxo de ideias. Crescerão também os projetos colaborativos, através de plataformas digitais, permitindo o compartilhamento de conteúdos entre instituições do mundo

Novos horizontes se avizinham em tempos pós-pandemia de Covid-19.

inteiro. As chamadas aulas remotas se tornarão universais, podendo, em uma mesma sala de aula virtual, participar alunos e professores de diferentes partes do mundo.

Irá crescer também o número de parcerias com gigantes de alta tecnologia, a exemplo do que a ABMES já firmou com a Microsoft Brasil, para capacitação em Inteligência Artificial.

Em resumo, nesses tempos pós-pandemia, as competências globais ganharão cada vez mais relevo, assim como as suas aplicações locais, criando novas possibilidades de cooperação entre as IES do Brasil e do mundo.

A internacionalização, como define muito bem a professora Luciane Stallivieri, uma das participantes do seminário, é uma questão de comportamento institucional. E é isso que a ABMES pretende estimular em 2021, abrindo novos cenários de desenvolvimento internacional para a educação superior brasileira.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 25 de maio de 2020.

O mundo volátil

Debater os desafios e as oportunidades da educação superior nunca foi tão necessário. Temos passado por grandes transformações mundiais, mas este é um momento ímpar: e pandemia do novo coronavírus acelerou processos e colocou em evidência necessidades que há muito vinham sendo negligenciadas na área educacional. As reflexões sobre os rumos da educação e a necessária ruptura das estruturas curriculares sustentadas em bases tradicionais se tornaram ainda mais urgentes.

Por isso, sempre atenta aos temas de grande relevância e com o objetivo de fornecer subsídios a instituições de ensino superior e pesquisadores da área, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) dedica a 44ª edição da *Revista Estudos* a apresentar os insumos necessários à construção de currículos inovadores, alinhados aos desafios da sociedade contemporânea e às exigências do mercado de trabalho em acelerada transformação.

As reflexões sobre os rumos da educação e a necessária ruptura das estruturas curriculares sustentadas em bases tradicionais se tornaram ainda mais urgentes.

Este rico trabalho foi desenvolvido pela qualificada equipe de consultores e especialistas educacionais constituída por Francislene Hasmann, Gilberto Garcia, Iara de Xavier, Maximilano

Damas, Patrícia Vilas Boas, Paulo Chanan e Sólon Caldas. Além da problematização dos atuais modelos de organização curricular e a necessidade de adequação à formação humana e profissional para atuar numa sociedade complexa, tecnológica e competitiva, é apresentado o contexto de transição regulatória da educação superior, com ênfase na possibilidade da autorregulação do setor privado, discutindo as implicações nas instituições de ensino superior (IES) e nos currículos de graduação.

Os autores trazem um olhar sobre o novo ensinar, o novo aprender e como as IES podem continuar relevantes num “Mundo VUCA” (*Volatility* – Volatilidade; *Uncertainty* – Incerteza; *Complexity* – Complexidade; e *Ambiguity* – Ambiguidade), onde os Big Datas parecem deter todo o conhecimento que a humanidade precisa.

O estudo aborda os novos papéis dos estudantes, dos professores e dos gestores da educação, bem como o papel de todos nós, os seres humanos, de modo a continuarmos relevantes por meio das habilidades que nos diferem dos algoritmos e dos aprendizados de máquina.

Esta é mais uma publicação da ABMES Editora, que ao longo de quase quatro décadas já publicou cerca de 300 volumes, um verdadeiro legado da educação brasileira, sendo referência na produção intelectual, disseminação do conhecimento e fonte de pesquisa no meio acadêmico. Outros títulos também podem ser acessados na íntegra pelo site www.abmes.org.br.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 1 de junho de 2020.

Conectados com você

Em agosto de 1982 nasceu a primeira (e única) associação de mantenedores de instituições de ensino superior do Brasil. Ao comemorar 38 anos de uma existência rica e produtiva, a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) tornou-se uma grande família de mantenedores, unidos em prol da educação superior de qualidade.

Grandes educadores passaram por nossas fileiras, deixando marcas indelévels, cada um com seu estilo de liderança. Candido Mendes foi o fundador e grande articulador político da então ABM, junto com a inesquecível Vera Gissoni, reitora da Universidade Castelo Branco.

Grandes educadores passaram por nossas fileiras, deixando marcas indelévels, cada um com seu estilo de liderança.

Sob a liderança séria e competente de Édson Franco, criou-se o braço acadêmico da ABMES, responsável pela produção de estudos e pesquisas fundamentais para a formulação de políticas públicas, com o apoio sempre valoroso da querida e sempre lembrada Cecília Horta.

Gabriel Mario Rodrigues, com seu inigualável espírito empreendedor e grande faro para inovação, consolidou o crescimento firme e consistente da ABMES, montando o perfil da equipe que hoje faz o dia-a-dia da Associação, sob a liderança dinâmica de Sólon Caldas.

Gabriel dedicou também um olhar especial para as pequenas e médias IES, parte fundamental do nosso ecossistema institucional.

Com Janguê Diniz, a ABMES ganhou ainda mais assertividade e presença, levando a marca para novos patamares. Em sua profícua gestão, visitamos países como Rússia, Israel e China, abrindo as portas do mundo acadêmico internacional para as parcerias e intercâmbios com IES brasileiras. Nos dias de hoje, cabe aos membros da nossa Diretoria e do Conselho de Administração trabalhar pela transformação digital da associação, aproveitando o enorme desafio trazido pela Covid-19 para tornar nossos produtos e serviços ainda mais conectados com as necessidades e dores dos mantenedores brasileiros.

Para isso, lançamos webinars, publicações digitais e organizamos o LInC, nosso centro de aprendizagem, inovação e criatividade, além de novos projetos, como o podcast “e por falar em educação”, a ser apresentado em breve. Muito mais ainda está por vir.

Assim, reafirmamos a cada dia nosso compromisso com o desenvolvimento da educação superior particular brasileira, ampliando nossa reputação e alcance, criando um ambiente de acolhimento aos nossos associados e apoiando-os na árdua, porém apaixonante, missão de transformar vidas e realizar sonhos pela educação. Bora comemorar?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 3 de agosto de 2020.

Um ministro sereno

Ao receber o ministro Milton Ribeiro para um bate-papo com a ABMES, comemorando os 38 anos da instituição, pudemos conhecer melhor as suas ideias para o Ministério da Educação. Dizendo-se aberto ao diálogo, o ministro colocou-se como uma pessoa idealista, disposta a resgatar os valores da educação, principalmente na formação do caráter dos estudantes. Ao responder a uma questão sobre o crescimento da educação a distância (EAD), manifestou-se favoravelmente, desde que seja com qualidade, lembrando a preocupação com as avaliações presenciais, segundo ele indispensáveis para a certificação.

Aproveitou para manifestar a importância dos professores e da sua valorização, com o que nós concordamos, e nos colocamos à disposição para colaborar, considerando que as instituições de educação superior particulares formam, a cada ano, mais de 70% dos novos professores. Um enorme potencial para começar a transformar a formação docente.

Um enorme potencial para começar a transformar a formação docente.

Sobre a volta às aulas após a pandemia, o ministro Milton Ribeiro considera que o ensino híbrido terá grande valor, mas alertou para que se tenha todo o cuidado necessário, respeitando a atribuição dos estados e municípios na definição do cronograma.

Ao final da esclarecedora conversa, respondendo a uma pergunta sobre a continuidade dos programas de auxílio aos estudantes carentes, deu a boa notícia: mais 50 mil vagas no Financiamento Estudantil (Fies) e mais 90 mil vagas no Programa Universidade para todos (ProUni), remanescentes, serão ofertadas a partir de setembro.

O ministro, de forma serena e sem radicalismos, mostrou-se a pessoa certa para ouvir a todos e construir os caminhos para a melhoria da educação brasileira, convidando a ABMES e o setor como um todo para colaborar com propostas e projetos. Sem dúvida, um desafio que aceitamos, com muita alegria.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 31 de agosto de 2020.

Ano vai, lições ficam

Não tem jeito. Fazer um balanço do ano que está prestes a se encerrar envolve, obrigatoriamente, analisar a atuação do setor particular de educação superior diante da maior crise do século: a pandemia de Covid-19. E, enquanto secretário executivo do Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, pude acompanhar de uma posição privilegiada as articulações e as soluções construídas ao longo de 2020.

Se por um lado é verdade que a área educacional não foi a única prejudicada pelas medidas de distanciamento social impostas pela pandemia, por outro não há como negar que foi uma das mais prejudicadas. Com o passar das semanas, a flexibilização do distanciamento social foi, aos poucos, permitindo a retomada de diversos serviços. Mas escolas e instituições de educação superior permaneceram fechadas em praticamente todo o país. Praticamente por todo o ano letivo.

Ainda no começo da crise, rapidamente o setor particular se organizou para transferir as aulas presenciais para o ambiente virtual. Vieram, contudo, os questionamentos relativos aos valores das mensalidades. Cientes dos impactos econômicos da pandemia, as instituições se colocaram à disposição para dialogar e buscar alternativas como o parcelamento das mensalidades. Mesmo assim, não faltaram tentativas (inconstitucionais) de legislar sobre os preços de mensalidades.

O setor particular de educação se mobilizou na formulação do movimento Educação Mais Forte que impactou mais de quatro

milhões de pessoas por meio das redes sociais. O Fórum, mais do que rapidamente, promoveu diversas manifestações sobre o risco à estrutura educacional brasileira caso a medida fosse aprovada. Por meio da sua atuação legislativa, conseguiu “*segurar*” 37 proposições legislativas federais sobre descontos compulsórios em mensalidades.

Embora a pandemia de Covid-19 tenha sido a pauta prioritária em todos as esferas e níveis deste imprevisível 2020, outras questões relevantes para o setor não ficaram paradas.

Ainda no âmbito da pandemia, o Fórum enviou centenas de ofícios a órgãos de governo, autoridades do Executivo e do Legislativo abordando questões de grande relevância para o setor, como a flexibilização do calendário, a extensão dos prazos dos processos regulatórios e a autorização para a oferta de aulas remotas diante das restrições impostas pela pandemia. Todos esses pleitos, e outros diversos, foram atendidos.

Embora a pandemia de Covid-19 tenha sido a pauta prioritária em todos as esferas e níveis deste imprevisível 2020, outras questões relevantes para o setor não ficaram paradas. Tampouco o Fórum diante delas.

Pontos como a manutenção da dedução das despesas educacionais no Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) e a revisão da proposta de reforma tributária, que tramita no Congresso Nacional, e onera significativamente o setor de serviços, foram objeto de inúmeras ações e estudos consistentes que permitiram ao setor e aos interlocutores entenderem os impactos das propostas tributárias na educação.

Em suma, foi um ano desafiador em todas as esferas. Mas também foi um ano recompensador. É confortante ver quantas coisas foram feitas a despeito de todas as dificuldades. Assim como é alentador constatar a resiliência e a capacidade do setor particular de educação superior de se reinventar e garantir a continuidade do ano letivo em meio ao caos.

Ainda não sabemos ao certo o que nos aguarda em 2021. Do ponto de vista sanitário, as vacinas que estão sendo aprovadas devem amenizar a disseminação e, conseqüentemente, os impactos da pandemia. Do ponto de vista econômico, a expectativa é de uma retomada gradual, com um novo ano melhor do que o que está prestes a se encerrar. Do ponto de vista educacional, há uma mobilização no sentido de que a educação seja reconhecida como atividade essencial, o que ela de fato é.

2021 bate à porta. E o Fórum está de braços abertos – e energia renovada – para seguir trilhando a jornada rumo a um setor particular de educação superior cada vez mais forte. Sigam contando conosco pois, do lado de cá, seguiremos contando com cada um de vocês.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 14 de dezembro de 2020.

ABMES 2020: da reinvenção aos resultados

Pense em uma instituição bem estruturada. Com todas as suas ações detalhadamente planejadas, cronograma de atividades divulgado com um ano de antecedência, equipe preparada para os desafios que se apresentavam pela frente. Pensou? Essa era a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) até meados de março de 2020. Era.

Assim como aconteceu com as instituições de educação superior (IES), a Associação também foi sacudida pela realidade imposta pela pandemia de Covid-19 e precisou se reinventar neste ano complexo e desafiador.

A primeira grande mudança foi a migração de toda a equipe para o *home office*. A decisão de deixar o espaço pensado nos mínimos detalhes para atender às necessidades dos colaboradores e dos associados não foi simples, mas era necessária. O que jamais poderíamos imaginar naquele 17 de março é que 2020 chegaria ao final sem que pudéssemos voltar a ocupar aquele ambiente.

Contudo, para além dos desafios administrativos e operacionais impostos à ABMES, havia todo um setor que, mais do que nunca, precisava de uma Associação forte e atuante. O fechamento das instituições educacionais em pleno semestre letivo trouxe consi-

go uma avalanche de dúvidas e inseguranças jurídicas. A palavra de ordem, portanto, era reorganizar rapidamente a casa e liderar o setor na mitigação dos efeitos da crise. Tudo ao mesmo tempo.

Internamente, os recursos tecnológicos disponíveis permitiram que as atividades de rotina seguissem seu curso sem grandes obstáculos. É verdade que algumas ações, como os seminários mensais, precisaram ser adaptadas para o formato virtual, o que foi feito sem percalços e com grande aceitação.

Mas como continuar com o que já vinha sendo feito não era suficiente, a ABMES criou novos canais de informação, atendimento e acolhimento aos associados. Só a consultoria virtual registrou mais de 950 atendimentos. Os Plantões ABMES, informativos sobre questões referentes à pandemia, totalizaram 60 envios entre março e novembro, com quase 1,4 milhão de acessos pelo site.

Em meio a tudo isso, a Associação ainda teve fôlego para prosseguir com novos projetos voltados para uma ABMES 4.0. E foi assim que, em pleno 2020, surgiu o *Learning and Innovation Center* (LInC), uma central de aprendizagem, inovação e criatividade. Além de contemplar ações que já eram desenvolvidas, como o ABMES Cursos, o LInC resultou na criação do ABMES Podcast, do ABMES Play e do ABMES LAB.

Ufa. Tudo isso já seria suficiente para fazer de 2020 o ano de maior produtividade da ABMES, mas ainda teve mais. Muito mais. A atuação junto aos poderes Executivo e Legislativo foi intensa.

O fechamento das instituições educacionais em pleno semestre letivo trouxe consigo uma avalanche de dúvidas e inseguranças jurídicas.

Além das articulações para a extensão de prazos dos processos regulatórios, para a regularização das aulas remotas e para a redução de todos os impactos sofridos em virtude das restrições impostas pela pandemia, a Associação também foi firme na defesa dos legítimos interesses do setor em diversas outras esferas.

Pode-se destacar, por exemplo, as indicações bem-sucedidas ao Conselho Nacional de Educação (CNE), a atuação constante junto ao Congresso Nacional sobre a reforma tributária e os impactos para a área educacional, a prorrogação de vigência da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) e a sugestão de criação dos Certificados Recebíveis da Educação (CRE) com a função de garantidora da União nos dois primeiros anos. A conquista mais recente foi a inclusão de todos os profissionais da educação, docentes e colaboradores em geral, na lista de prioridades para a vacina contra a Covid-19.

Resumir o trabalho de um ano de uma associação do porte da ABMES em poucos parágrafos consiste em uma missão impossível e não vou me arriscar nela. Até porque, com maestria, a equipe elaborou dois produtos que dão muito bem a dimensão dos esforços empenhados ao longo do ano: um [vídeo](#) e um [relatório](#), ambos disponíveis no site da Associação para todos aqueles que desejarem conhecer um pouco melhor da jornada percorrida nesta imprevisível volta ao redor do sol.

Definitivamente 2020 não foi um ano simples. Muito menos tranquilo. Contudo, em momento algum deixamos nos abater. Pelo contrário, redobramos nossas forças para seguir na construção de uma ABMES cada vez mais acolhedora. A equipe foi aguerrida e corajosa. E a ela toda a minha gratidão. Agradeço também aos vice-presidentes Débora Guerra, Janguê Diniz e Daniel Castanho que muito contribuíram para que essa jornada fosse superada

com êxito, à toda a diretoria e ao Conselho de Administração, na pessoa do professor Gabriel Mario Rodrigues.

Tenho convicção de que em 2021 seguiremos, equipe e associados, nossa caminhada rumo à uma ABMES cada vez mais de todos e para todos. Boas novas se anunciam no horizonte, e elas trarão um novo ano de saúde e prosperidade. Confiemos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 21 de dezembro de 2020.

Um educador de visão

Existem pessoas que nos parecem imortais. Pessoas que, pela força, sabedoria e energia que emanam, passam a sensação de que nunca deixarão o plano terreno. Assim era o professor Gabriel Mario Rodrigues, o nosso amado professor Gabriel, que nos deixou no último sábado, 9 de janeiro de 2021.

Ao longo dos seus 88 anos, o professor Gabriel foi um inovador, um construtor de sonhos e o grande arquiteto da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES). Com mais de 50 anos dedicados ao crescimento e ao fortalecimento da educação superior brasileira, foi um pioneiro na luta pela democratização do acesso à graduação no país.

Imbuído dessa missão, em 1971 fundou a Faculdade Anhembí Morumbi que, em 1997, se tornou Universidade Anhembí Morumbi. Árduo defensor da educação como o mais eficiente mecanismo de transformação social, o professor Gabriel pautou sua atuação para além dos domínios da instituição que criou.

Foi assim que no início da década de 1980 participou ativamente do grupo que articulou e fundou a ABMES, instituição na qual permaneceu atuante até seu último dia de vida. Atuou como vice-presidente entre 1992 e 2004, presidente de 2004 a 2016 e presidente do Conselho de Administração de 2016 até o último sábado.

Nesse período, sua aguçada visão de futuro, alinhada ao espírito empreendedor e à capacidade de inovação que lhe eram natos, o professor Gabriel foi a força motriz que conduziu a Associação rumo ao crescimento e ao reconhecimento da entidade como a principal interlocutora da educação superior no Brasil.

Nunca saberemos como teria sido a história da ABMES sem o talento e o comprometimento empenhados pelo professor Gabriel ao longo de quase quatro décadas, mas temos a certeza de que a Associação jamais seria tudo o que ela é hoje.

O professor Gabriel foi a força motriz que conduziu a Associação rumo ao crescimento e ao reconhecimento da entidade como a principal interlocutora da educação superior no Brasil.

Somente uma pessoa com sensibilidade e capacidades técnica, operacional e humana como ele seria capaz de elevar uma entidade representativa ao posto de parceiro estratégico na articulação de políticas públicas para a área. Sua diplomacia abriu portas que contribuíram para a transformação de vidas. Incontáveis delas foram transformadas pela força do conhecimento profissional obtido por meio da educação superior.

Gabriel Mário Rodrigues foi um educador visionário, capaz de transformar sonhos em realidade. Deixa um legado que seguirá inspirando a todos nós, empreendedores educacionais brasileiros. E, nisso, seguirá imortal.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 11 de janeiro de 2021 e em edição especial da revista [Linha Direta](#) publicada em fevereiro de 2021.

Com fé, um bom ano

Acredito que poucas vezes na História a humanidade tenha iniciado um novo ano com tanta esperança empenhada. A pandemia de Covid-19 e suas consequências, que assombraram o planeta em 2020, justificam tamanha expectativa. Graças à ciência, à inovação e à tecnologia desenvolvidas nos últimos meses podemos alimentar a esperança de um 2021 mais próximo da vida pré-pandemia.

Na esfera sanitária, o início da vacinação em diversos países trouxe o alívio de que o controle da doença é questão de tempo. Israel, por exemplo, onde a ABMES esteve com a sua [2ª delegação internacional](#), já vacinou mais de 25% da população. Esse resultado tão expressivo em um curto espaço de tempo tem servido como exemplo para o planeta. Embora seja uma nação pequena, o desempenho israelense é a expressão de um trabalho organizado em torno de um propósito comum.

É bem verdade que na maior parte dos países a imunização não será tão rápida como gostaríamos, mas será em um prazo nunca antes experimentado. A mobilização global resultou em opções seguras e capazes de atender às necessidades e especificidades das distintas nações. Agora, os desafios consistem na produção em larga escala, na ampla distribuição e no sucesso da vacinação.

Precisaremos seguir com as atividades de forma remota por mais um tempo. Aqui no Brasil, provavelmente, por boa parte do primeiro

semestre, quiçá por toda a sua extensão. Contudo, ao contrário dos questionamentos e da insegurança que marcaram o primeiro semestre de 2020, neste ano contamos com segurança jurídica e ferramentas tecnológicas já inseridas nas rotinas administrativas e educacionais.

Em 2021, o calendário educacional deve não apenas seguir seu fluxo, mas recuperar o que precisou ser adiado em função das medidas de distanciamento social impostas pela situação pandêmica. Assim, neste ano, excepcionalmente, teremos duas edições do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes.

A expectativa é de que tanto os graduandos dos cursos contemplados no Ano II do Ciclo Avaliativo quanto aqueles dos cursos integrantes do Ano III sejam avaliados em novembro, já que o Inep estuda a possibilidade de realizar os exames relativos aos dois ciclos em uma só data para otimizar os recursos empregados na aplicação das provas. Caso isso ocorra, teremos o maior Enade já realizado no país. A conferir.

Por fim, 2021 será o ano da consolidação do uso das novas tecnologias na educação. A transformação, feita às pressas em 2020, e que catapultou o processo de ensino-aprendizagem a novos patamares, será incorporada às rotinas das instituições de educação superior. Ainda que as aulas presenciais sejam retomadas – provavelmente no segundo semestre –, o uso de metodologias ativas e de ferramentas interativas veio para ficar.

Esse cenário, associado à potencialização do crescimento da Educação a Distância (EAD) durante a pandemia, demanda atenção e preparo das IES. A transformação digital chegou e já se acomodou na sala de espera das nossas instituições. Agora é hora de levá-la para os demais espaços e torná-la íntima de toda a comunidade acadêmica.

A transformação digital chegou e já se acomodou na sala de espera das nossas instituições.

2021 tem tudo para ser mais do que apenas um novo ano. Ainda que nem todas as previsões sejam positivas, a expectativa é de que o saldo entre os acontecimentos e os desdobramentos do ano recém-chegado seja positivo. Por ora, temos tudo para acreditar que um bom ano está diante

de nós. Se o mundo pré-pandemia não existe mais, que estejamos preparados para o que há de porvir. O futuro é hoje e retroceder não é uma opção.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 18 de janeiro de 2021.

Lições do passado para construir o futuro

Há três anos me peguei refletindo sobre a proximidade dos 30 anos da UniCarioca. Fundada em 1990, a partir da união de um sonho com uma oportunidade, a instituição chegou em 2020 reconhecida como o melhor centro universitário do Rio de Janeiro e um dos melhores do país. Mas essa jornada não foi nada simples. Entre as salas alugadas no Colégio São Pedro de Alcântara e os dois *campi* hoje existentes, muito trabalho e determinação roteirizaram essa história.

Entre os resultados daquela reflexão está a publicação do livro [Uma História de Garra e Talento](#), organizado pela jornalista Suzana Liskauskas e por mim. Ali, em um grande exercício de síntese, é contada boa parte da trajetória da UniCarioca. Aliás, ao mergulhar na narrativa, o leitor logo descobre que a vocação familiar para a educação antecede, em muito, o surgimento da instituição. O gene e a inspiração que culminaram na então Faculdade Carioca de Informática são herança da minha avó materna, Paulina Dain Buchmann, professora do tradicional Instituto de Educação do Rio de Janeiro.

O pano de fundo dessa história conta com um doutorado no Imperial College of London interrompido no meio do caminho (embora a ideia fosse retornar para concluir, o que não aconteceu

e o doutorado só foi possível em 2010 aqui mesmo no Brasil); um país que havia acabado de eleger seu presidente da República por meio do voto direto depois de décadas; um confisco da caderneta de poupança que impactou drasticamente pequenos e médios empresários (incluindo esse que vos escreve); algumas mudanças da sede para outros colégios, já que ter nosso próprio espaço levou um tempo; o impeachment do presidente; e muitos outros acontecimentos e desafios.

Contudo, maior do que as dificuldades políticas e econômicas que o país atravessava era a vontade fazer aquele propósito de vida dar certo. Entre idas e vindas, projetos exitosos e outros nem tão exitosos assim, investimentos em tecnologia, inovação e olhar empático para as comunidades docente e estudantil, fomos construído a base do que hoje é a UniCarioca.

Nada disso teria sido possível sem a colaboração de mentes e corações valorosos.

Nada disso teria sido possível sem a colaboração de mentes e corações valorosos. Para além do clichê, a instituição é, efetivamente, o resultado do empenho e da dedicação de algumas peças-chave ao longo desses 30 anos.

Como costume dizer, “a UniCarioca é uma obra coletiva de amor e solidariedade”. Cada passo dado à frente, cada conquista foi resultado do trabalho árduo e coletivo da família UniCarioca.

Outra família fundamental ao longo dessa caminhada foi a minha. Para além da compreensão das ausências em momentos cruciais para a instituição, todos foram essenciais para a consolidação da UniCarioca. Meu pai, Arnaldo Niskier, foi quem me informou com grande ânimo sobre um educador que estava

se desfazendo de uma carta consulta de um curso superior de Tecnologia em Processamento de Dados. “É a sua chance, filhão!”. Andréa Levy Niskier, minha companheira de vida, sempre fez muito mais do que apoiar as minhas decisões. Ela foi – e ainda é – protagonista de toda essa construção. Hoje, coordena a Ouvidoria da instituição, voltada para promover o aprimoramento dos serviços educacionais oferecidos.

Fazer esse exercício de organizar e sistematizar as informações relativas aos 30 anos da instituição foi importante para termos uma dimensão de quanta garra e talento precisaram ser empenhados ao longo das décadas. Mas, talvez, o mais importante seja a provocação motivada pelo resgate histórico: qual instituição precisamos construir e onde queremos estar daqui a 30 anos?

A adaptação às novas demandas da sociedade digital deve ser o maior desafio nas próximas décadas. Nem tanto por conta da instituição, que tem tecnologia e inovação no seu DNA, mas em virtude da realidade brasileira que ainda mantém significativa parcela da sua população desconectada.

Importante ressaltar que quando falo em futuro e tecnologia é natural pensar em criações tecnológicas disruptivas e ambientes totalmente tecnológicos. No entanto, talvez o diferencial esteja em usar a tecnologia para tornar as instituições cada vez mais humanas, promovendo a verdadeira conexão de pessoas por meio de ferramentas tecnológicas. Afinal, “o passado ensina, mas é o futuro que constrói”.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 25 de janeiro de 2021.

Vamos conversar?

A principal missão de toda instituição representativa é atuar pelos legítimos interesses do setor que representa. No caso da ABMES, as mantenedoras de educação superior particular. Mas a construção de uma agenda coletiva nem sempre é um processo simples. Mapear as demandas exige uma certa dose de empenho, outra boa dose de bom senso e, sobretudo, diálogo.

Mas quantas vezes conseguimos ir além do que o caráter representativo demanda? Quantas vezes paramos para ouvir com proximidade e empatia questões que afligem uma instituição de modo específico? Se, por um lado, é verdade que nem sempre as pautas do setor são unânimes, dada a diversidade de realidades, por outro lado precisamos estar atentos para um acolhimento mais amigável e personalizado a todos que dele necessitam.

Ao longo dos seus quase 40 anos de existência, a ABMES sempre buscou estar próxima dos seus associados. Diversos canais de diálogos foram estabelecidos com o objetivo de prover um atendimento diferenciado a cada um dos nossos associados, mas a excepcionalidade e as demandas do último ano nos mostraram que precisávamos ir além. E assim surgiu mais um espaço de interlocução: o Fale com o Presidente.

Mas, ao contrário do que geralmente ocorre com esse tipo de iniciativa, aqui não teremos uma resposta automática de e-mail ou mensagens respondidas por hábeis sistemas de inteligência artificial ou assessores estrategicamente imbuídos dessa missão. Apesar do distanciamento social ao qual temos sido submetidos

nos últimos meses – ou talvez ainda mais por causa dele – o olho no olho segue sendo a maneira mais eficiente para uma boa conversa.

Por isso, ainda que por videoconferência, toda semana estarei disponível para conversar com mantenedores de todo o país sobre os mais diversos assuntos: de dúvidas e informações sobre projetos e pautas em andamento à busca de soluções para questões específicas da instituição, passando por uma melhor compreensão das demandas e das necessidades dos nossos associados.

Apesar do distanciamento social ao qual temos sido submetidos nos últimos meses – ou talvez ainda mais por causa dele – o olho no olho segue sendo a maneira mais eficiente para uma boa conversa.

E, sim, assim como ocorre com outros serviços, esse espaço de interação e troca de ideias é exclusivo aos associados da ABMES, que poderão agendar a nossa conversa por meio do [sistema de agendamento](#) disponibilizado no site da Associação. Se a sua IES ainda não é associada, envie um e-mail para relacionamento@abmes.org.br e saiba como se associar.

Por meio do Fale com o Presidente queremos estar cada vez mais perto dos associados, enfrentando os desafios de mãos dadas e contribuindo para o fortalecimento do setor de educação particular como um todo. Temos convicção de que não teremos todas as soluções a pronta-entrega, mas confiamos que, juntos, iremos construí-las. Vamos conversar?

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 1º de março de 2020.

Educação, substantivo feminino

Já contei algumas vezes que a minha veia educacional é herança da minha avó materna, Paulina Dain Buchmann, que foi professora do tradicional Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Por meio dela me encantei com o ofício de educador e ainda hoje, passadas algumas décadas desde que lecionei a primeira aula, ainda tenho nela uma grande fonte de inspiração.

Minha avó era de um tempo no qual a emancipação feminina vinha, na maior parte das vezes, pela educação. No Brasil, durante algumas décadas, professora era profissão aceita pela sociedade para as mulheres, em especial as casadas e as “de família”. Mas o mundo mudou, a sociedade evoluiu e, hoje, as mulheres podem ocupar o espaço que desejarem dentro da sociedade.

Para a nossa sorte, contudo, muitas são as mulheres que seguem emprestando seus talentos e competência para o fortalecimento da educação brasileira. Sem fraquejar diante das adversidades, elas têm sido essenciais para processos como a construção de uma metodologia de ensino-aprendizagem mais aderente às demandas atuais, para a efetivação do direito fundamental do acesso à educação e para a pavimentação de um desenvolvimento mais justo e igualitário, somente possível por meio da educação.

Refiro-me a mulheres como Débora Guerra, Lúcia Maria Teixeira, Therezinha Cunha e Amábile Pacios, com as quais tenho a honra e o privilégio de conviver e aprender. Ao seu modo, cada uma ocupa um espaço essencial para o fortalecimento da área educacional no Brasil.

Primeira mulher eleita para presidir o Semesp, Lúcia Maria Teixeira tem uma história de quase três décadas de atuação no Sindicato, além de presidir a Universidade Santa Cecília (Unisantia). Amábile Pacios tem sido uma grande parceira e brava defensora do setor particular de ensino, com atuações de destaque na Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep) e na Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE), sendo vice-presidente em ambas.

E o que dizer das pratas da casa? Uma das nossas associadas mais antigas, a professora Therezinha Cunha tem uma trajetória na educação superior que acompanha o crescimento e o fortalecimento desse nível educacional no nosso país. Coordenadora de Regulação no Centro Universitário Celso Lisboa e membro do Conselho de Administração da ABMES, é uma incansável defensora da função social da educação. Sorte a nossa.

E a Débora Guerra é uma daquelas pessoas com quem você pode contar para toda e qualquer jornada que conduza ao fortalecimento da educação superior no Brasil. Vice-presidente da ABMES há duas gestões, ela tem sido uma grande parceira e essencial para o constante reconhecimento do papel estratégico do setor e para a crescente representatividade da Associação em diversas esferas. Inquieta e atenta às transformações pelas quais a área educacional passa, Débora Guerra contribui ainda com o Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais, onde ocupa uma cadeira de conselheira.

Elas são a força que
faz a educação seguir
em frente.

É em nome dessas mulheres, que retratam a força, a garra e a competência das educadoras brasileiras, que saúdo a todas as mulheres neste 8 de março. Não é por acaso que, em um idioma tão

marcado pela flexão de gênero como o português, educação é um substantivo feminino. Não poderia ser diferente. Elas são a força que faz a educação seguir em frente.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 8 de março de 2020.

Últimas a fechar, primeiras a abrir

Nos últimos meses, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular intensificou suas ações no sentido de garantir o reconhecimento da educação como atividade essencial e, assim, mitigar os impactos da pandemia de Covid-19 no setor particular de ensino, mas, sobretudo, no desempenho escolar e acadêmico de milhões de estudantes brasileiros.

Faz um ano que a pandemia de Covid-19 chacoalhou as nossas vidas e nossas prioridades, estabelecendo limites e impondo distanciamentos. Nos primeiros meses, o desconhecimento e as incertezas em torno da nova versão do coronavírus fizeram com que medidas drásticas fossem necessárias, como o fechamento de todo o comércio não essencial e das escolas e instituições de educação superior.

O tempo passou, os comércios foram reabertos. Mas, as escolas, essas permaneceram fechadas por praticamente todo o ano letivo de 2020. De acordo com o [Unicef](#), essa situação agravou ainda mais o cenário de desigualdade educacional no Brasil. O braço das Nações Unidas para infância mapeou que, em outubro de 2020, 3,8% das crianças e dos adolescentes com idades entre 6 e 17 anos (1,38 milhão) estavam fora da escola (em 2019 o percentual era de 2%). Além disso, 11,2% dos estudantes que diziam estar frequentando a escola (4,12 milhões) não haviam recebido qualquer atividade escolar – e não estavam de férias.

Na educação superior, [pesquisa realizada pela ABMES](#) em parceria com a Educa Insights constatou que 38% dos brasileiros que desejam ingressar em uma graduação adiaram o plano para o segundo semestre de 2021, quando, acreditam, a vacinação contra a doença estará mais adiantada e será mais seguro retornar às salas de aula. Esse índice é 14 pontos percentuais superior ao verificado em novembro de 2020.

Esses são apenas alguns números do complexo e grave panorama que se formou no contexto educacional em virtude da pandemia de coronavírus. Mas, passados 365 dias desde o início da crise sanitária, muita coisa mudou – inclusive a quantidade de informações relativas à Covid-19. Temos à disposição protocolos de biossegurança capazes de garantir o retorno seguro às salas de aula na maior parte do país, e em especial nas unidades particulares de educação. Além disso, já teve início a imunização da população prioritária. Ainda lenta, é verdade, mas com boa perspectiva para os próximos meses.

Aliás, a inclusão dos profissionais de educação na relação de prioridades do Plano Nacional de Vacinação contra a Covid-19 foi uma grande conquista do Fórum e anunciada pelo Ministério da Saúde no início de março. Por meio de [ofício](#), a entidade apelou ao ministro para fazer valer o direito constitucional de acesso e permanência na escola, garantindo a essencialidade da área. Para isso, a vacinação de professores e demais profissionais da educação seria condição fundamental.

Por tudo isso é que, mais uma vez, no início deste mês o Fórum se manifestou a favor da abertura de escolas e de instituições de educação superior. Ciente do momento crítico de evolução da pandemia, por meio de um [manifesto](#), a entidade recomenda que “eventuais decisões sobre o fechamento temporário de unidades

educacionais sejam tomadas em diálogo entre comitês científicos, autoridades sanitárias locais e gestores educacionais, tendo em vista a diversidade dos cenários regionais de transmissão do coronavírus, a essencialidade dos serviços educacionais e a necessidade de garantir o futuro das nossas crianças e jovens estudantes, que estão sendo imensamente sacrificados em seu direito à educação”.

A atual crise sanitária é muito grave e, de forma alguma, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular nega isso. Contudo, tão ou mais grave podem ser os desdobramentos para o país caso escolas, faculdades, centros universitários e universidades permaneçam com as portas fechadas. Educação é serviço essencial e, como tal, precisa ter sua continuidade preservada. Ainda que a situação esteja longe da ideal, o setor educacional precisa ser o último a fechar e o primeiro a abrir suas portas. Os estudantes de hoje e a nação do futuro dependem disso.

Educação é serviço essencial e, como tal, precisa ter sua continuidade preservada.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 15 de março de 2020.

Pandemia de Covid-19

Medidas de contenção e o exercício da cidadania

Que o mundo enfrenta um cenário alarmante todos concordam. Mas o que parece ainda não ser consenso é sobre como se comportar diante de uma pandemia.

Órgãos oficiais de saúde e o Ministério da Educação vêm anunciando recomendações diante do avanço global do novo coronavírus (Covid-19). A Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) **orientou** que faculdades, centros universitários e universidades particulares adotem medidas preventivas em seu cotidiano para evitar ao máximo a disseminação do vírus.

Neste momento, a prevenção deve ser o principal foco. E vale frisar o que se pretende com as medidas de contenção. Ao se recomendar que não haja, por exemplo, aulas presenciais, seminários, simpósios, reuniões ou qualquer tipo de evento que reúna pessoas, isso se aplica de fato a toda espécie de encontro. Não é o momento de combinar com os amigos a ida a uma praia, ao shopping ou aproveitar o tempo livre para uma atividade que envolva um número maior de pessoas.

As medidas preventivas têm por objetivo reduzir a capacidade de contágio do vírus. Segundo a [Sociedade Brasileira de Infectologia \(SBI\)](#), o período de incubação, ou seja, o tempo entre o dia do contato com o paciente doente e o início dos sintomas, é, em média, de 5 dias para a Covid-19. Em raros casos, o período de incubação chegou a 14 dias. Então, a pessoa ainda sem nenhum sinal de resfriado já pode ser capaz de transmitir o vírus. Quanto mais o indivíduo contagiado circula, maior a escala de propagação.

É o momento de não criarmos pânico, mas sermos prudentes e nos mantermos conscientes do nosso importante papel

É o momento de não criarmos pânico, mas sermos prudentes e nos mantermos conscientes do nosso importante papel diante desse cenário para que possamos passar por esse episódio com o mínimo de danos possíveis, inclusive em relação aos possíveis impactos nas atividades econômicas do país.

Vamos nos preparar, sempre buscando fontes seguras de informações. O Brasil dispõe de órgãos e especialistas competentes que estão acompanhando com bastante seriedade a situação, de modo que novos conhecimentos científicos possam ser publicados.

Na área da educação, a ABMES está ativa, prestando suporte a seus associados e atuando em linha direta com o Ministério da Educação e com o Conselho Nacional de Educação para buscar os melhores caminhos para resguardar a saúde de todos, garantindo as atividades essenciais e o cumprimento do programa curricular.

Por mais complexa que uma situação se apresente, a colaboração de todos, o exercício da cidadania, a boa informação e as atitudes

positivas sempre contribuem para se alcançar os melhores resultados possíveis.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 16 de março de 2020.

Muita calma nessa hora

As duas últimas semanas têm sido carregadas de tensão. Com o avanço da pandemia do novo coronavírus, todo o noticiário tem-se voltado para as precauções necessárias nesse momento tão crítico da nossa história.

Com a iminência das restrições de movimentação, provocadas pela recomendação oficial de distanciamento social, muitas pessoas se veem confinadas às suas residências, durante um prazo ainda incerto.

Por que não aproveitar esse momento de restrição e investir mais no autoconhecimento? Que tal usar esses momentos para reflexão, meditação, leituras e um bom diálogo familiar, muitas vezes esquecido no turbilhão da vida moderna?

Há vários aplicativos com diversas técnicas de meditação e desenvolvimento social, que podem ser aprendidas e praticadas em casa, a exemplo do *5' Minutos*, *Eu medito*; *Calm*; *Headspace*; *Insight Timer*; *Lojong*; *Medite.se*; *Meditopia*; *Smiling Mind*; *Zen*, e tantos outros.

As leituras também podem ser colocadas em dia, e há inúmeras referências interessantes na internet ([veja dica](#)) sobre os principais clássicos da literatura mundial, para esse momento de intimismo e reflexão. [Confira também](#) sites em que é possível baixar livros e ler online, tudo de graça.

Ou, então, podemos aproveitar a ampla disponibilização de cursos online para investir na melhoria da qualificação, no aprimoramento e na aquisição de novos conhecimentos.

Um exemplo é a plataforma de cursos online do [Instituto Êxito de Empreendedorismo](#), na qual são listadas mais de 300 opções de cursos gratuitos nas mais diversas áreas ligadas à atividade empreendedora.

Vamos usar esse tempo disponível para melhorarmos como pessoas, como profissionais e, principalmente, como seres humanos, percebendo o quão conectados somos e o quanto a sobrevivência da humanidade depende de cada um e de todos nós. Essa sim uma verdadeira lição de humildade que a crise inesperada nos traz à reflexão.

Vamos usar esse tempo disponível para melhorarmos como pessoas, como profissionais e, principalmente, como seres humanos.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 23 de março de 2020.

Aulas remotas ou EAD?

O segmento de educação superior brasileiro, assim como todos os demais setores da economia, foi fortemente impactado com a pandemia do novo coronavírus – Covid-19, que vem provocando a paralisação de empresas em todo o mundo, desde o início do ano. O estado de quarentena no qual estamos convivendo hoje é uma situação inédita no Brasil, embora já tenhamos enfrentado outros vírus mundiais, como por exemplo, a gripe espanhola e a gripe suína.

Situações excepcionais exigem soluções inabituais, o que normalmente implica em sacrifícios coletivos, especialmente quando estamos falando da saúde e da vida de milhares de pessoas. Existem muitas dúvidas sobre como iremos vencer essa pandemia, mas temos uma certeza: ela terá início, meio e fim, a exemplo dos casos anteriores.

O que precisamos
fazer é encontrar
alternativas eficientes
para reduzir ao
máximo seus efeitos.

Enquanto isso, o que precisamos fazer é encontrar alternativas eficientes para reduzir ao máximo seus efeitos. Para a área de educação superior, a principal medida que vem sendo adotada é o uso da tecnologia para a continuidade das atividades presenciais em ambientes virtuais, conforme normatização do Ministério da Educação (Portaria de nº 343).

O que está sendo adotado no momento, por boa parte das instituições de educação superior, em caráter emergencial, são aulas remotas, ministradas por professores, em sua maioria no mesmo horário convencional da aula presencial, por meio da utilização de recursos tecnológicos. Dessa forma, as instituições arcam não somente com a manutenção do quadro acadêmico, como também com investimentos para a ampliação tecnológica, de modo a possibilitar a continuidade do conteúdo e para que não haja perda de aprendizagem para o estudante.

Embora as atividades presenciais estejam sendo substituídas provisoriamente por aulas remotas, o formato usado é diferente da modalidade de educação a distância (EAD) tradicional, em que o conteúdo é, na maioria das vezes, assíncrono, autoinstrucional e conta com apoio de tutores. Devido a esta situação excepcional, as instituições passaram a oferecer turmas específicas com atividades remotas, com o objetivo de atender ao programa das disciplinas previstas para o curso presencial, tal qual o aluno contratou.

Não há, portanto, redução de custo. Pelo contrário: as instituições têm feito mais investimentos tecnológicos para dar conta deste momento atípico pelo qual passa o mundo todo em função do novo coronavírus. Ao adotar tais medidas, o setor particular de educação superior dá ao país a sua contribuição, mantendo a continuidade das atividades letivas, porém, sem colocar em risco a saúde e a segurança de alunos, professores e funcionários.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 30 de março de 2020.

Manifesto pela Educação Brasileira

O isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 suspendeu as aulas presenciais de cerca de 15 milhões de alunos do setor privado da educação brasileira. É um momento crítico na história e, para superá-lo, será necessária a união de todos. Pais, professores, funcionários, escolas, faculdades, centros universitários e universidades precisam caminhar juntos em direção ao mesmo objetivo: tornar o menor possível o impacto da paralisação na vida de alunos e familiares.

Ao atender às orientações do Ministério da Educação (MEC), escolas e instituições de ensino superior estão fazendo sua parte,

com ações inovadoras e migração, em tempo recorde, das aulas presenciais para as remotas. Nosso propósito é que o aluno mantenha sua rotina de estudos, com qualidade, nos mesmos horários previstos, só que por meio de dispositivos digitais.

Nosso propósito é que o aluno mantenha sua rotina de estudos, com qualidade, nos mesmos horários previstos, só que por meio de dispositivos digitais.

A urgência em adaptar-se diante de enorme desafio decorre também de nossa responsabilidade por 1,7 milhão de trabalhadores da educação privada, dos quais, 800 mil professores, absoluta-

mente empenhados em manter o compromisso de conduzir suas missões adiante.

O setor constata que os impactos econômicos produzidos pela pandemia já estão gerando graves dificuldades financeiras a boa parte de seus alunos. No entanto, nenhuma creche, escola ou instituição de ensino superior privada no Brasil está fechada ao diálogo, caso precise atender alunos com maior risco decorrente de perda de emprego ou de renda. Medidas alternativas, como o diferimento e o parcelamento de mensalidade, sempre estarão ao alcance, como tradicionalmente o setor contempla.

Não se pode deixar de mencionar que cerca de 3,5 milhões de alunos já são beneficiados com algum auxílio financeiro no setor, até mesmo com bolsa integral por falta de condições econômicas, e que suas rotinas de estudos seguem dentro da normalidade.

O que se mostra preocupante, nesse contexto, é a tentativa de se legislar sobre preços de mensalidades, pois, além de ser medida inconstitucional (no caso de estados, DF e municípios), ela acarretará desequilíbrio econômico-financeiro nas instituições, com risco de inviabilização de seu funcionamento e perda de empregos. As instituições de ensino estão mantendo negociações individualizadas, e oferecendo programas emergenciais para atender os alunos de acordo com suas reais necessidades ou dificuldades.

O que o setor precisa, nesse delicado momento, é de liberdade para encontrar soluções próprias de enfrentamento da crise pandêmica. Unidos, vamos trabalhar em prol da saúde coletiva e do futuro da educação acessível e de qualidade. Vamos juntos vencer este desafio mundial.

Manifesto assinado pelas seguintes entidades: ABIEE / ABMES / ABRAFI / ABRUC / ACAFE / AFEESMIG / AMPESC / ANACEU / ANEC / ANUP / COMUNG / CONFENEN / CRUB / FENEP / FORCOM / FÓRUM / SEMERJ / SEMESB / SEMESP / SIESPB / SIESPE / SINDEPES-DF / SINEPE-AL / SINEPE-PA

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 6 de abril de 2020.

Coronavírus e a capacidade de adaptação dos estudantes brasileiros

A capacidade de adaptação a novas situações, ainda que adversas, é uma característica marcante entre os brasileiros, sobretudo, para as novas gerações. Ter esse atributo em seu DNA significa dizer que é comum a nós não ficar tentando resistir às mudanças, pelo contrário, saber abraçá-las, ter uma postura otimista e ser resiliente.

E foi isso o que identificamos nos estudantes que cursam ensino superior particular no Brasil, diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). **Levantamento** da empresa de pesquisas educacionais Educa Insights, divulgado em parceria com a Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES), mostra que 94% dos alunos que cursam ensino superior presencial em instituições particulares pretendem dar continuidade aos estudos, independentemente dos impactos do novo vírus no país.

O estudo mostrou ainda que, embora estejam bastante preocupados com a situação, nossos estudantes não querem

interromper seus sonhos e objetivos de vida. Ou seja, pretendem fazer do limão uma limonada.

Em sintonia com os estudantes, o setor particular de educação superior, antes mesmo da orientação do Ministério da Educação (MEC) para interrupção das aulas presenciais, iniciou um movimento para minimizar os impactos da crise de saúde pública na vida acadêmica dos alunos.

A iniciativa do segmento recebeu apoio do MEC e permitiu a continuidade das atividades letivas por meio de aulas remotas síncronas. As atividades, ocorrem no horário convencional da aula presencial, e pelos mesmos professores que já acompanhavam as turmas.

Em outra frente, as instituições de educação superior de todo o país têm se mobilizado para dar aos estudantes apoio e condições necessários para o acompanhamento das aulas virtuais. Diversas medidas vêm sendo adotadas, como por exemplo, o empréstimo de computadores para os alunos que necessitam. Outras IES estão negociando pacotes de dados junto às operadoras de telefonia, para permitir que os estudantes acessem o conteúdo diretamente em seus aparelhos de celulares ou computadores pessoais.

As instituições também estão mantendo negociações individualizadas e oferecendo programas emergenciais para atender os alunos que apresentam dificuldades para o pagamento das mensalidades, de acordo com suas reais necessidades.

Estamos diante de um cenário incerto e delicado para a educação brasileira, porém, juntos, podemos buscar soluções criativas para superarmos cada etapa deste grande desafio. Neste momento, o principal já temos, que é a postura otimista e determinada de nossos alunos de seguirem firmes em seus propósitos de vida.

Também sabemos que não serão medidos esforços por parte das instituições particulares de educação superior brasileiras para acolher e superar as eventuais dificuldades enfrentadas por seu maior patrimônio, o aluno.

Está no nosso DNA. Juntos vamos superar este momento difícil!

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 13 de abril de 2020.

Estamos diante de um cenário incerto e delicado para a educação brasileira, porém, juntos, podemos buscar soluções criativas para superarmos cada etapa deste grande desafio.

Ciência, consciência e paciência

O momento é de intenso debate nacional. Se por um lado todos nós desejamos voltar rapidamente às nossas atividades normais, por outro lado devemos seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde e demais autoridades sanitárias sobre o melhor momento de interromper a quarentena.

Isso porque as autoridades de saúde baseiam suas recomendações nas normas internacionais e nas evidências científicas existentes para essa pandemia.

A verdade é que ainda não conhecemos o suficiente sobre essa nova doença e, portanto, precisamos da cooperação internacional e da troca de informações entre pesquisadores. Já há mais de 70 projetos de desenvolvimento de novas vacinas, em fase de testes, e devemos, assim, confiar nos nossos cientistas para que deles surja uma solução definitiva para a Covid-19.

Nós, educadores, devemos trabalhar a conscientização de toda a sociedade, incluindo alunos e professores, para que todos possam responder com racionalidade a este momento tão crítico da história mundial. Esse é o dever da educação: criar uma consciência coletiva que envolva a necessária compaixão e a solidariedade entre as pessoas, para que juntos possamos vencer esse desafio.

Além da ciência e da consciência, devemos também usar um outro atributo humano fundamental: a paciência. Conter o nosso desejo e a nossa impulsividade, e tentar fazer o melhor possível durante o isolamento social, sabendo que uma hora ele irá terminar, é dever de todos.

Tudo passa, e essa crise também passará, trazendo importantes lições para toda a humanidade.

Esse é o dever da educação: criar uma consciência coletiva que envolva a necessária compaixão e a solidariedade entre as pessoas, para que juntos possamos vencer esse desafio.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 20 de abril de 2020.

Covid-19: guerra ou tsunami?

A construção de uma narrativa correta para compreender o fenômeno mundial da pandemia de Covid-19 é necessária para que possamos tomar as medidas adequadas.

Expressões como orçamento de guerra, hospitais de campanha, guerra contra o inimigo invisível, principais armas de enfrentamento, melhores estratégias de combate, dentre outros termos, são utilizadas por todos, seja na imprensa, no governo ou na sociedade como um todo. Mas será que o que ocorre hoje é de fato uma guerra? Se o vizinho portador do vírus se tornar o nosso inimigo, não estaríamos criando uma guerra contra nós mesmos?

Talvez a melhor metáfora para entendermos o momento atual seja a de um tsunami.

Talvez a melhor metáfora para entendermos o momento atual seja a de um tsunami: um fenômeno abrupto da natureza que impõe uma ampla catástrofe e, posteriormente, uma lenta, cara e dolorosa reconstrução.

Se entendermos a crise de saúde pública gerada pelo novo coronavírus como um tsunami, fica claro que a primeira ação é a defesa própria: salvar o maior número possível de pessoas, sem preocupação com a preservação material.

Nesse momento, me parece que entender a pandemia como um desastre natural, que terá um efeito perverso sobre toda a população mundial, mas que posteriormente vai passar, seja uma oportunidade adequada para que possamos demonstrar a necessária solidariedade e empenho na defesa da vida.

Não estamos em guerra contra ninguém, ou nada, estamos sim nos defendendo de um vírus letal e nos preparando para que as próximas ondas possam ser minimizadas ou evitadas, por meio de uma vacina definitiva.

As histórias que contamos para nós mesmos condicionam a nossa compreensão e os nossos comportamentos nesse momento de crise. Por isso, é primordial construirmos uma narrativa assertiva, lúcida e fidedigna aos fatos.

Vamos superar as adversidades do momento, mas vamos também entender melhor como somos frágeis. A natureza nos apresenta inúmeros desafios que só poderão ser enfrentados por meio da ciência, da pesquisa, da educação e, claro, do esforço comum, envolvendo todos os setores da sociedade.

Sairemos melhores dessa crise, sairemos mais maduros, e sairemos melhor preparados para os próximos tsunamis que a humanidade irá enfrentar, pois esse é o nosso destino: usar a nossa inteligência coletiva para sobreviver em um mundo incerto, volátil e líquido.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 18 de maio de 2020.

Está em nossas mãos

Quero abrir este artigo com uma boa notícia: 94% dos estudantes do ensino superior privado querem continuar seus estudos de graduação, mesmo em meio à maior pandemia dos últimos cem anos.

Esse é um dos números da nova rodada da pesquisa elaborada pela Educa Insights e divulgada pela ABMES – “Covid-19 e Educação Superior: o que pensam os alunos e como sua IES deve se preparar?”.

Um dado, no entanto, preocupou: cresceu o número de alunos em dúvida sobre a capacidade de manter seus estudos.

Passou de 37% para 42% o número de estudantes que temem não ter condições de continuar estudando, devido à situação de incerteza sobre a economia e as consequências sobre o emprego e a renda. Apesar do número crescente, comparado com a rodada anterior da pesquisa, [divulgada no mês passado](#), o desafio ainda está em nossas mãos. As instituições privadas de ensino superior podem e devem buscar negociações individuais com os alunos em situação de risco, tentando reverter um possível abandono.

Outro ponto destacado na pesquisa foi a importância da melhoria na conversão de *prospects* em matrículas, em tempos de captação mais escassa. Além disso, o foco deve ser também a retenção, portanto um bom trabalho junto à base atual de alunos é fundamental e urgente nos próximos meses.

Mais uma informação mereceu destaque: a seguir nesse rumo, o Brasil terá mais alunos matriculados em cursos a distância do que em cursos presenciais, dado o crescimento projetado dessa modalidade no cenário pós-pandemia, impulsionado por preços mais acessíveis e pela flexibilidade e acessibilidade que a EAD oferece.

Mesmo as IES que não possuem ainda o credenciamento em EAD deverão aumentar sua oferta de disciplinas *on-line*, no limite de 40%, como preconiza a legislação.

Caminhamos céleres para a hegemonia do modelo híbrido, combinando etapas presenciais, remotas e a distância, em busca de maior sintonia com o desejo dos estudantes.

Frente a essa realidade, repito, está em nossas mãos trabalhar para preparar nossas instituições para o “novo normal” que se avizinha, sem nunca esquecer a necessária qualidade dos cursos e serviços.

Inovar não é fácil, mas é possível, com a união de todos os envolvidos na criação de um *mindset* de crescimento dentro das instituições.

Nossos corpos ainda estão em quarentena, mas nossos espíritos continuam livres e prontos a pensar e agir fora da caixa.

Artigo publicado no ABMES Blog em 15 de junho de 2020.

Frente a essa realidade, repito, está em nossas mãos trabalhar para preparar nossas instituições para o “novo normal” que se avizinha.

Liberdade com responsabilidade

A publicação da [Portaria nº 544/2020](#), do MEC, representa um importante avanço: agora, as instituições de educação superior terão mais liberdade para preparar a volta gradual às aulas.

Com relação aos estágios e atividades práticas, as instituições poderão substituir componentes curriculares presenciais por atividades com uso de meios digitais, sempre de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais de cada curso, adequando os seus projetos pedagógicos.

Além disso, o prazo para a substituição das atividades presenciais pelas atividades remotas foi estendido até 31 de dezembro de 2020, permitindo o planejamento semestral com mais tranquilidade e certeza.

Essa liberdade deve ser usada com responsabilidade, considerando que tal substituição é de caráter emergencial, visando preservar as atividades acadêmicas dos estudantes e garantir a segurança da comunidade.

E toda essa mudança, que aconteceu de forma avassaladora no Brasil – e no mundo –, com mais de 82% das instituições tendo se adaptado a esse novo modelo emergencial, conforme [pesquisa](#) divulgada pela ABMES em parceria com a Educa Insights, mostra a resiliência dos nossos professores, alunos e instituições, e

certamente deixará um legado na forma de uma nova cultura propícia à inovação.

Cabe destacar o importante papel desempenhado pelo Conselho Nacional de Educação, sob a liderança competente do conselheiro Luiz Roberto Liza Curi, que em seu [Parecer CNE nº 5/2020](#) fez as recomendações para este momento tão especial da educação brasileira.

No futuro, lembraremos deste momento como uma grande oportunidade de experimentação de novos modelos, incorporando no mundo pós-Covid muitas dessas inovações que estão sendo hoje testadas em instituições de todo o Brasil.

Sem paternalismo e sem perfeccionismo, saberemos adaptar nossos currículos com sabedoria e discernimento.

A hora é essa.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 22 de junho de 2020.

No futuro,
lembraremos deste
momento como uma
grande oportunidade
de experimentação de
novos modelos

Oportunidade histórica

No momento em que muitas escolas privadas de educação básica migram suas atividades para as aulas remotas, assistimos preocupados aos sistemas públicos tendo dificuldades de adaptar seus programas para o ensino remoto. Considerando as incertezas sobre a data de realização do Enem, cabe a seguinte pergunta: estaríamos aumentando o fosso que separa o desempenho do aluno de escola particular do rendimento do estudante de escola pública?

Nesse momento de crise, as instituições de educação superior, conscientes da sua responsabilidade social, estão dedicando esforços a minimizar o distanciamento tecnológico, oferecendo soluções e serviços gratuitos para ajudar os alunos das escolas públicas.

A Unisa foi pioneira nesse sentido, ao desenvolver o programa [Portas Abertas](#), que tem por objetivo oferecer atividades educativas, esportivas e culturais direcionadas ao desenvolvimento de estudantes e professores da rede pública de ensino. O projeto foi lançado em 2018 e agora está sendo adaptado para a versão on-line.

A universidade Estácio, em conjunto com a Eleva Educação, está disponibilizando conteúdo preparatório para o Enem. Gratuita e de fácil acesso por meio de computador, smartphone ou tablet, a [plataforma](#) pretende auxiliar os estudantes da rede pública a superar as dificuldades impostas pelo isolamento social provocado pela pandemia.

Também o Grupo Ânima Educação, sob a liderança do vice-presidente da ABMES, Daniel Castanho, oferece conteúdo digital para ajudar as escolas com mais dificuldade de migração para o modelo emergencial. No Rio de Janeiro, a [UniCarioca](#) abriu o seu programa de reforço acadêmico em português e matemática para todos os alunos da rede pública e particular, através de uma *live* semanal, oferecida gratuitamente.

São algumas das iniciativas que mostram o compromisso social do setor de educação superior particular com a educação básica, pois sabemos que a qualidade do aluno ingressante no ensino superior influencia os resultados dos egressos deste nível de ensino.

Outras iniciativas prosperam por todo Brasil, numa demonstração de que as instituições privadas de educação superior trabalham para minimizar os impactos gerados pela Covid-19 na vida escolar dos estudantes brasileiros, especialmente entre aqueles que dependem única e exclusivamente do ensino público para ingresso no nível superior.

Dadas as dimensões do país, com suas enormes diferenças sociais e desafios, é certo que tais iniciativas ainda estarão aquém da real necessidade dos milhões de alunos que cursam educação básica nas escolas públicas brasileiras. No entanto, espera-se alcançar o maior número possível de estudantes, ofertando a eles, dentro da realidade possível neste momento de pandemia, alternativas que os possibilitem continuar lutando pelo sonho de acesso ao ensino superior.

Retornando à pergunta inicial, certamente as dificuldades de migração das atividades letivas presenciais para o ambiente virtual, no âmbito do ensino público, resultarão em consideráveis prejuízos ao aprendizado, aumentando a evasão escolar.

Acreditamos
que qualquer
iniciativa que leve
apoio e esperança
aos milhões
de estudantes
e educadores
brasileiros é muito
bem-vinda.

Neste sentido, acreditamos que qualquer iniciativa que leve apoio e esperança aos milhões de estudantes e educadores brasileiros é muito bem-vinda. Estamos em um momento de crise e dificuldades generalizadas, e, exatamente por isso, se faz ainda mais imprescindível a prática da solidariedade para com aqueles mais afetados.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 29 de junho de 2020.

Volta às aulas presenciais: segurança e responsabilidade

No atual cenário de Covid-19, vivemos várias pandemias. Especialmente em um país nas dimensões do Brasil, cada região apresenta uma realidade e suas particularidades. Aos poucos, governos locais e representantes do setor de Educação se reúnem para definir protocolos e diretrizes para o retorno das aulas presenciais. O foco das soluções deve ser a segurança sanitária e a saúde de alunos, professores e demais profissionais.

A Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) fez um trabalho de sensibilização no Ministério da Educação (MEC) que resultou na edição da Portaria nº 544, publicada no Diário Oficial da União em 17 de junho. A norma permite que as aulas remotas sigam até o final do ano, medida que deu mais segurança para que as instituições de ensino superior (IES) façam a programação da volta de acordo com a situação local e as necessidades particulares.

Algumas IES vão começar com as atividades práticas, que são as mais difíceis de migrar para o formato remoto. Outras vão manter apenas aulas remotas e esperar o final do ano para reavaliar o planejamento. E há ainda aquelas que preferem optar pelo modelo

híbrido, combinando parte presencial – revezando os alunos – com atividades remotas. Para auxiliar nossos associados na retomada gradativa, elaboramos uma [cartilha com orientações](#) de como adaptar a estrutura física e padronizar os procedimentos.

Cada instituição tem autonomia para aplicar o plano de retomada e deve seguir as orientações dos governos locais. O importante, neste momento, é ter as regras claras para que o empreendedor educacional possa se programar com todos os cuidados de proteção da comunidade acadêmica, em especial dos que fazem parte do grupo de risco.

Independentemente de qual seja o plano de adaptação de volta às aulas presenciais, dois aspectos merecem destaque. O primeiro é a vitória diante de uma barreira: tanto alunos quanto professores entenderam que é possível aprender (e ensinar) usando a tecnologia, o que, até então, era um debate ideológico. Na avaliação dos docentes da UniCarioca no final do semestre, por exemplo, não houve diferença em comparação com a realizada anteriormente. Aqueles que foram bem avaliados em sala de aula continuaram com bom índice, independentemente dos recursos tecnológicos utilizados. O valor que o aluno enxerga está no professor e não no meio usado para transmitir o conhecimento.

Outro ponto relevante é a constatação de que o futuro da educação é o modelo híbrido. Ainda que 67% dos estudantes estejam satisfeitos com a migração para aulas remotas, 78% preferem continuar frequentando a graduação presencialmente, como demonstrou a pesquisa [“Covid-19 vs Ensino Superior: o que pensam os alunos e como sua IES deve se preparar?”](#), divulgada pela ABMES em parceria com a Educa Insights.

Sem dúvida, a sala de aula continua sendo essencial para o processo de aprendizagem, entretanto, o uso desse espaço estará voltado

para as metodologias ativas de fixação de conhecimentos, para construção de soluções. Nesse cenário, o professor se torna ainda mais valioso, pois caberá a ele a tarefa de definir as estratégias, função muito mais humana.

O potencial criativo do professor poderá ser mais bem explorado e ficará para a tecnologia, para a inteligência artificial e seus recursos de *machine learning*, cuidar da parte repetitiva, de tudo o que pode ser automatizado. A consequência positiva dessa parceria é o ganho em escala – importante para sustentabilidade das IES pós-pandemia – sem perder a personalização do ensino.

Provavelmente, esses serão os maiores legados da pandemia da Covid-19. Para que essas tendências se concretizem, para que as IES incorporem o espírito empreendedor, o setor de ensino superior privado precisa de mais liberdade por parte do MEC. Ter as condições necessárias para conquistar a autoconfiança para inovar, arriscar mais, mudar a mentalidade como empreendedoras educacionais. A experiência da pandemia certamente vai trazer luz a muitos mantenedores, permitindo que essa liberdade seja conquistada, mas com responsabilidade e cuidado com o que é mais importante: a qualidade do ensino superior no Brasil.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 20 de julho de 2020.

A sala de aula continua sendo essencial para o processo de aprendizagem, entretanto, o uso desse espaço estará voltado para as metodologias ativas de fixação de conhecimentos, para construção de soluções.

Reinventando o local de trabalho

Ao participar como um dos moderadores do 2º Fórum Global Learning, organizado pela Associação Brasileira de Recursos Humanos, a ABRH Brasil, a convite dos amigos Leila Félix do Nascimento, Paulo Sardinha e Cesar Souza, pude entender melhor os desafios do ambiente de trabalho na era pós-Covid.

A palestra de Scott Cawood, CEO da empresa WorldatWork, iluminou muitos dos aspectos que preocupam os responsáveis pela área de recursos humanos das empresas no Brasil e no mundo.

Ele mostrou como a pandemia acelerou sete anos em sete meses, com transformações que impactaram para sempre o ambiente de trabalho. Para ele, trabalho não é mais um local, mas uma atividade humana, que pode ser desempenhada de qualquer lugar.

Segundo pesquisa por ele apresentada, o espaço de trabalho encolheu 63%, com boa parte dos trabalhadores em home office, ou trabalho doméstico, a maior parte do tempo.

Um dos desafios apontados é a necessidade de “re-skilling”, ou o treinamento de novas habilidades para atuação no mundo de trabalho em transformação.

As empresas se tornaram intensivas em dados, e a aprendizagem será por demanda, de qualquer lugar e a qualquer hora.

O desafio será criar um ambiente organizacional que estimule a aprendizagem contínua.

Outra preocupação é com a saúde física e, principalmente, mental dos trabalhadores, uma vez que nem todos possuem um ambiente de trabalho doméstico adequado, e a disciplina na separação das tarefas domésticas das de trabalho será fundamental para a segurança psíquica dos colaboradores das empresas. Vislumbra-se, aqui, uma oportunidade ím-

par para o desenvolvimento de programas de saúde mental para funcionários, a exemplo do que a ABMES já realiza, com palestras e atividades de meditação e bem estar para os funcionários.

O futuro transformará as empresas em ambientes de aprendizagem permanente, com novas competências e habilidades sendo adquiridas na velocidade necessária para acompanhar esses novos tempos.

A empresa do futuro será mais enxuta, mais diversa, e trabalhará cada vez mais em rede, uma rede de talentos e de processos integrados. A interação entre pessoas e robôs será comum, e a necessidade de combinar a inteligência natural com a inteligência artificial poderá ser um diferencial para muitas empresas que querem atrair os novos talentos, mais sintonizados com a evolução tecnológica e que valorizam a qualidade de vida tanto quanto a remuneração.

As empresas se tornaram intensivas em dados, e a aprendizagem será por demanda, de qualquer lugar e a qualquer hora.

Nós, do setor de educação superior particular, podemos e devemos colaborar para essa transformação, em parcerias com as universidades corporativas na oferta de programas de requalificação profissional e de adaptação dos trabalhadores ao mundo volátil, incerto e ambíguo, que está emergindo desses tempos críticos de pandemia.

Nunca a universidade foi tão importante para as empresas sobreviverem e prosperarem. Cabe a nós, educadores, aproveitarmos essa oportunidade histórica única de integração com o mundo empresarial.

Artigo publicado no [ABMES Blog](#) em 19 de outubro de 2020.

Educação é atividade essencial

A retomada dos diversos setores e a volta gradual e segura das atividades presenciais nas instituições de ensino desenham um novo normal para a vida dos brasileiros. Um esforço em conjunto se faz necessário para que as adaptações sejam feitas e o futuro continue sendo construído a partir de agora. Sem dúvida, a educação faz parte dessa construção.

Com a pandemia de Covid-19, do dia para a noite, milhões de estudantes e centenas de milhares de professores tiveram que se adaptar às aulas remotas. Solução positiva, diante das circunstâncias, mas que expôs discrepâncias sociais graves na população brasileira. Por melhores que sejam os recursos tecnológicos e a emergência da transformação digital, algumas atividades, por suas características, exigem que sejam realizadas dentro da sala de aula, presencialmente.

O setor educacional é tão relevante quanto as outras categorias econômicas. Por isso, causa estranheza que não esteja na lista de atividades essenciais descritas no Decreto nº 10.282, de 20 de março, ou no Decreto nº 10.292, editado cinco dias depois. As legislações desconsideram a Constituição Federal, de 1988, em seu

O setor educacional é tão relevante quanto as outras categorias econômicas. Por isso, causa estranheza que não esteja na lista de atividades essenciais.

artigo 206, que trata dos princípios básicos de como o ensino deve ser ministrado. O primeiro inciso determina a “igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola”, deliberação que ficou muito além do segundo plano.

São razões pelas quais, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Particular, com apoio das entidades que o compõem, encaminhou ao Presidente da República, Jair Bolsonaro, um ofício solicitando que a educação passe a fazer parte do rol de atividades essenciais. Uma atitude imediata é necessária. Em relatório divulgado em setembro, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) alertou para o impacto negativo de 1,5%, em média, no Produto Interno Bruto (PIB) dos países monitorados pela entidade causado pelo longo período de suspensão das atividades escolares.

Agora é o momento em que decisões políticas para apoiar e fomentar a retomada das atividades educacionais são ainda mais pertinentes, sob o risco de a omissão provocar um apagão de mão de obra nos próximos anos. Sem que exista esse comprometimento de todas as partes envolvidas, os prejuízos serão ainda maiores e as desigualdades, mais acentuadas. Para nós, a educação é e sempre será uma atividade essencial.

Artigo publicado no [Correio Braziliense](#) em 19 de novembro e no [ABMES Blog](#) em 30 de novembro de 2020.



Carioca e empreendedor nato, Celso Niskier é daquelas poucas pessoas capazes de transitar entre universos aparentemente distintos e conectá-los em perfeita sintonia. Esta publicação é uma síntese disso. Doutor em inteligência artificial, fundador e reitor da UniCarioca e diretor presidente da ABMES, ao longo de 100 artigos Niskier conta um pouco da sua trajetória e aborda diversas questões relativas à educação brasileira, em especial a particular. Com sua sabedoria e sensibilidade, passa por temas que vão de tecnologia à meditação, da gestão educacional aos desafios de representar um setor essencial para o desenvolvimento da nação.



**Associação Brasileira de Mantenedoras
de Ensino Superior (ABMES)**

SHN Quadra 01, Bloco F, Entrada A, Conjunto A, 9º andar
Edifício Vision Work & Live, Asa Norte – Brasília/DF
CEP: 70.701-060

Telefone: (61) 3322-3252
www.abmes.org.br